

İçami Tiba

Disciplina,
limite
na
medida
certa

**O BEST-SELLER DA EDUCAÇÃO
210.000 EXEMPLARES VENDIDOS**

Editora Gente

72ª edição revista
e atualizada



Içami Tiba

DISCIPLINA, LIMITE
NA MEDIDA CERTA

Editora Gente

Copyright©Editora Gente

Editora	<i>Rosely M. Boschini</i>
Assistente Editorial	<i>Rosângela Barbosa</i>
Capa e Projeto Gráfico	<i>Andréa Bidlouski</i>
Preparação	<i>Alexandra Costa</i>
Revisão	<i>Elvira Gago</i>
	<i>Célia Regina Rodrigues de Lima</i>
Editoração Eletrônica	<i>Lato Senso — Bureau de Editoração</i>
Impressão e Acabamento	<i>Paulus Gráfica</i>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tiba, Içami

Disciplina, limite na medida certa / Içami Tiba. — São Paulo:
Editora Gente, 1996 — 1ª ed.

ISBN 85-7312-072-X

1. Disciplina escolar 2. Disciplina infantil 3. Educação de crianças I. Título.

93-3190

CDD-371.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Disciplina escolar: educação 371.5

Todos os direitos desta
edição são reservados à Editora Gente.
Rua Pedro Soares de Almeida, 114, São Paulo — SP
CEP 05029-030 — Telefax: (11) 3670-2500
Site: www.editoragente.com.br
E-mail: gente@editoragente.com.br

CONTRA CAPA

Disciplina, limite na medida certa — Içami Tiba

Descobrir o limite entre a liberdade e o autoritarismo na relação familiar não pode ser muito fácil, mas tampouco precisa ser um bicho-papão. O eterno conflito de gerações traz dúvidas sobre qual é a melhor maneira de educar os filhos sem torná-los egoístas ou dependentes. Com sua experiência incontestável, o psiquiatra Içami Tiba apresenta as dores e as delícias do convívio entre pais e filhos, mostrando como contornar muitas situações delicadas do dia-a-dia.

Surge agora uma nova versão, ampliada e atualizada, de uma obra que já é conhecida por muitos. O que era bom ficou ainda melhor. *Disciplina, limite na medida certa* é uma gostosa conversa sobre a criação de indivíduos conscientes e preparados para o futuro, que oferece a pais e educadores bons argumentos para frutificar o gratificante processo da educação.

ORELHAS DO LIVRO

O grande desafio da sociedade moderna é a educação. Crianças saudáveis significam um país com futuro garantido. No intuito de auxiliar pais, educadores e psicólogos na boa formação de nossos jovens, a Editora Gente foi buscar a experiência e a sabedoria de Içami Tiba para lançar a **Série Criar e Crescer**. Com a autoridade de um profundo conhecedor da “alma” adolescente, Tiba confere a essa série um enfoque elucidativo na abordagem de temas imprescindíveis para a educação salutar dos jovens. Conheça os outros livros:



Adolescência, o Despertar do Sexo

Orienta os pais diante de questões como masturbação, virgindade e Aids, com o objetivo de garantir aos jovens um desenvolvimento afetivo-sexual saudável, seguro e livre de preconceitos.



Seja Feliz, Meu Filho!

Aborda como as expectativas dos pais com relação aos filhos podem ajudar no crescimento dos adolescentes ou, ao contrário, ser responsáveis por prejuízos e enganos.

□

Abaixo a Irritação! — Como Desarmar essa Bomba Relógio no Relacionamento Familiar

Com um enfoque inédito e bem-humorado, analisa as situações de irritação vivenciadas no microcosmo familiar, mergulhando fundo nas suas causas com o objetivo de superá-las e, assim, melhorar a qualidade de vida das famílias.



O AUTOR

Içami Tiba é psiquiatra, psicodramatista, conferencista e psicoterapeuta de jovens e famílias há mais de 33 anos. Seus livros já ultrapassaram a cifra de 500 mil exemplares vendidos, tendo ministrado mais de 2.400 palestras no Brasil e no exterior, além de haver feito mais de 69 mil atendimentos psicoterápicos.

□ Membro da equipe técnica e científica da Associação Parceira Contra as Drogas.

□ Membro do Board of Directors da International Association of Group Psychotherapy.

□ Membro do Fórum Nacional de Educação e Sexualidade.

OUTROS TÍTULOS DO AUTOR

□ *Anjos caídos — Como prevenir e eliminar as drogas na vida do adolescente*

□ *Amor, felicidade & cia. — Reflexões sobre a arte de viver bem*

▮ *O executivo(a) & sua família — O sucesso dos pais não garante a felicidade dos filhos*

▮ *Ensinar aprendendo — Como superar os desafios do relacionamento professor-aluno em tempos de globalização*

Dedico este livro aos meus mestres. Foram eles, cada um a seu tempo e a seu modo, que me inspiraram a querer sempre mais para poder transmitir o melhor e ser capaz de ajudar quem de mim precisasse. Muitos nem sabem quanto foram importantes para mim, porque para eles eu não passava de um aluno. Mais que aluno, fui discípulo de:

- Yuki Tiba, meu querido pai, já falecido, que se formou em Direito aos 72 anos de idade, modelo de empenho e de luta como imigrante e monge budista; meu guia espiritual
- Kikue Tiba, minha mãe, *in memoriam*, que sempre se dedicou ao trabalho no armazém, “rainha do lar” e mestra na educação, canalizando sua veia artística para a caligrafia japonesa, pela qual recebeu um prêmio do imperador do Japão; minha mãe, luz da minha alma
- Rinnosuke Chiba, imigrante japonês, bravo como todos; quando criancinha, me punha para ajudá-lo, explicando e mostrando as forças e a beleza da natureza que o homem podia aproveitar; meu querido avô
- Yoshio Inada, o Inada-sensei, professor de judô no “Kai-Kan” (Associação Nipo-Brasileira) de Tapiraí, minha querida cidade natal; ensinou-me a cair para aprender a derrubar o oponente; meu mestre na vida
- prof. Cícero Siqueira Campos, do Grupo Escolar Cel. João Rosa, em Tapiraí; professor do primário e goleiro do time da cidade, sabia de

tudo e abria-me os olhos para um mundo que me fascinava; meu ídolo

- prof. Nelio Lorenzon, do Instituto de Educação Fernão Dias Pais, em São Paulo, que, com seus estimulantes campeonatos de conjugação verbal, envolvia todos os alunos; meu divertido professor do ginásio
- prof. dr. Flávio da Costa Vaz, meu empenhado professor de cursinho, meu batalhador preceptor da Faculdade de Medicina da USP; disponível, carinhoso e eficiente pediatra dos meus filhos
- psicóloga Vera Konigsberger, correta, competente e afetuosa; 25 anos trabalhando juntos
- prof. dr. Paulo Gaudencio, conhecedor da alma humana, criativo e destemido; adentrou a mídia televisiva levando conhecimentos psicoterápicos ao grande público; meu modelo de ousadia na ciência
- prof^a. dr^a. Eneida Batistete Matarazzo, rigorosa, exigente e capaz; minha chefe na Psiquiatria Infantil do Hospital das Clínicas da FMUSP
- prof. dr. Carol Sonenreich, respeitado e profundo conhecedor da psiquiatria geral do Hospital do Servidor Público Estadual — São Paulo
- psicodramatista e prof. dr. Dalmiro Manuel Bustos, disciplinado, sério, porém acolhedor; meu psicoterapeuta
- psicodramatista e prof. dr. José de Souza Fonseca Filho, capaz e bem-humorado, responsável e espontâneo, sábio e criativo; meu amigo e companheiro no movimento psicodramático global
- minha amada esposa Maria Natércia, persistente, dedicada e amorosa; mãe dos meus filhos Tato, Tiça e Luciana

A minha melhor gratidão é trazer um pouco de cada um deles dentro de mim e levar os frutos de suas sementes para minha vida, meu trabalho e minhas obras.

Deixo aqui, por meio deste livro, um profundo, imenso e agradecido abraço a todos eles, que me foram tão queridos e importantes.

IÇAMI TIBA

Sumário

Introdução

PARTE 1 — LIMITES E DISCIPLINA NA FAMÍLIA

Capítulo 1 — Como se criam folgados e responsáveis

- A reviravolta
- O príncipe da casa
- Guerra de nervos
- Ninguém nasce folgado
- A indisciplina pioneira
- A importância das primeiras interações
- Os vários significados da comida
- Primeiros passos, primeiros vícios
- Como se desrespeita a criança
- Quando estranha os tios
- Como começam as birras
- Custos *versus* benefícios
- Dividindo tarefas com os filhos
- O prazer de realizar sozinho
- Sob um folgado tem sempre um sufocado
- De onde vem a culpa materna?
- O pai também é responsável
- Como alterar a dinâmica folgado-sufocado
- Arcando com as conseqüências
- A melhor solução hoje — convivência concentrada

Capítulo 2 — A liberdade e os novos tempos

- Criança não é livre por natureza
- A raiz da timidez
- Mais um sufocado
- O valor da permissão
- Limites — ontem e hoje
- Como nossos pais
- Por trás dos caprichos
- Entre o poder e a submissão
- A criança quer companhia

A disputa pela atenção
Papai é só meu
Modelos que transmitimos
Mãe, dona-de-casa e profissional
A posição do pai
Meus, seus e nossos filhos
Os novos papéis conjugais
O que mais mudou?
Expectativas para o futuro
Um jeito de trocar o script

Capítulo 3 — A guerra para arrumar o quarto
O quarto é fundamental para o adolescente
Entre a caverna e o templo
Dois modos distintos de organizar
Diferenças entre meninos e meninas
Portas trancadas
As temidas invasões
O campo de guerra da família
Espaço de convivência

Capítulo 4 — Hora de estudar
Aprender é como comer
A importância de construir imagens
Preparando o discípulo
Como ajudar crianças distraídas e hiperativas
Abaixo a decoreba!
A vida em sociedade
Por que estudar é tão importante?

PARTE 2 — LIMITES E DISCIPLINA NA ESCOLA

Capítulo 1 — O desafio dos professores
Características de uma classe de alunos
Aprender para quê?
Professor, o grande cozinheiro
Convite à participação
Bom humor é imprescindível
O domínio da movimentação cênica
Avaliações mais eficazes
Jogo de cintura
Quando o professor erra
Desmandos em aula
Falhas da escola

Capítulo 2 — Causas da indisciplina na escola
Distúrbios pessoais

Etapas de desenvolvimento da adolescência
Distúrbios pubertários na escola
Reações normais, mas que atrapalham os professores
Quando não incomodam os outros
Usuários de drogas
Problemas de relacionamento
Brigas entre os colegas
Violência
Distorções da auto-estima
Oscilações da auto-estima
Disputas no tapa
Intimidades sexuais em público
Arcando com as conseqüências
A melhor solução hoje — convivência concentrada
Masturbação na sala da aula
“Ficar” em classe
Cabelos compridos, brincos e tatuagens
Uso de álcool
Cigarro e maconha
“Aprontações” com prejuízos
E se a família não colabora?

PARTE 3 — DELEGAR À ESCOLA A EDUCAÇÃO DOS FILHOS

Disciplina treinada
Disciplina adquirida
Disciplina aprendida
Disciplina absorvida
A responsabilidade de cada educador
Componentes principais da disciplina
Simpatia, antipatia e indiferença
Tipos de relacionamento
A importância do contexto
Os diferentes papéis
“Diarréico” e “entupido” — Dois perfis extremos
A conquista da auto-estima
Estilos comportamentais
Limites no estilo vegetal
Limites no estilo animal
Limites humanos

PARTE 4 — DICAS PARA SUPERAR IMPASSES

Trinta e cinco perguntas e respostas sobre problemas cotidianos que preocupam pais e professores

Introdução

Já ministrei mais de duas mil palestras sobre o tema limites e disciplina, e há uma história que sempre desperta o interesse de pais e educadores porque é ao mesmo tempo muito bem-humorada e realista:

Dois meninos de cinco anos estão numa espaçosa área de lazer. Não há brinquedos por perto. Um deles é magro e alto. O outro é gordo e baixo. Naturalmente, resolvem brincar.

O magro propõe:

“É pega-pega, e você é o pegador!”

E já sai em tal disparada que o gordo, com seus passos lentos e pesados, tem dificuldade de acompanhar. Quando este percebe a distância entre os dois aumentando cada vez mais, toma consciência de que não conseguirá alcançar o outro tão cedo. Então pára, estica o braço e, apontando com o indicador, grita:

“Aí não vale!”

O magro imediatamente pára, mesmo sabendo que não tinha sido combinado que ali não valeria.

Nesse momento da palestra, pergunto ao público:

“Por que o magro parou?”

Percebo que cada um busca dentro de si uma boa resposta. Para facilitar, eu mesmo respondo:

“Para continuar brincando! Se o magro continuar correndo, a brincadeira acaba, não é?”

O magro volta até o gordo com os ombros meio caídos, pois sabe que agora é a vez daquele propor outra brincadeira. O gordo, vendo o magro bem próximo, diz:

“É luta livre!”.

E já avança no magro, dá-lhe uma “gravata”, derruba-o e aperta o pescoço do menino, que, à beira do desmaio, dá umas palmadinhas no braço do gordo em sinal de que está se rendendo.

Nesse momento, pergunto de novo ao público:

“Por que o gordo pára de enforcar o magro?”

“Para continuar a brincadeira!”, responde o público.

E eu arremato:

“E também porque com morto não se brinca!”

Após a gargalhada geral, volto ao tema: as crianças sabem, intuitivamente, que a brincadeira é um tipo de relacionamento em que um depende do outro. Para continuar a brincar é necessário que aceitem, nessa experiência de sociedade que elas mesmas criaram, uma série de regras:

- Cada criança escolhe a brincadeira na qual tem melhor desempenho, pois sempre quer ganhar.
- Cada criança dá o máximo de si e, se alguém faz “corpo mole”, isso significa que não está levando a brincadeira a sério.
- Uma criança não pode exigir da outra mais do que esta pode fazer; portanto, o limite é estabelecido por aquele que menos habilidades tem para determinada brincadeira.
- Quando uma criança diz que não agüenta mais, a outra é obrigada a parar, por mais que queira continuar brincando.
- Se um escolhe uma primeira brincadeira, o outro tem direito a escolher a segunda.

O que não aparece na história, mas pode acontecer, é que, quando uma criança desrespeita o limite da outra, esta geralmente solta um grunhido (“Ah, é assim?”) e parte para a briga. Portanto, toda brincadeira pode rapidamente

transformar-se em conflito, e os adultos terão muitas dificuldades para identificar quem começou a briga.

Se as crianças aceitam os limites intrínsecos à convivência em uma brincadeira, é porque sabem que não podem brincar fazendo tudo o que têm vontade. Precisam aceitar uma composição, uma sociedade com o outro.

As crianças aprendem a comportar-se em sociedade ao conviver com outras pessoas, principalmente com os próprios pais. A maioria dos comportamentos infantis é aprendida por meio da imitação, da experimentação e da invenção.

Quando os pais permitem que os filhos, por menores que sejam, façam tudo o que desejam, não estão lhes ensinando noções de limites individuais e relacionais, não estão lhes passando noções do que podem ou não podem fazer. Os pais usam diversos argumentos para isso: “eles não sabem o que estão fazendo”; “são muito pequenos para aprender”; “vamos ensinar quando forem maiores”; “sabemos que não devemos deixar... mas é tão engraçadinho” etc.

É preciso lembrar que uma criança, quando faz algo pela primeira vez, sempre olha em volta para ver se agradou alguém. Se agradou, repete o comportamento, pois entende que agrado é aprovação, e ela ainda não tem condições de avaliar a adequação do seu gesto.

Portanto, cada vez que os pais aceitam uma contrariedade, um desrespeito, uma quebra de limites, estão fazendo com que seus filhos não compreendam e rompam o limite natural para seu comportamento em família e em sociedade. Deixar que as situações transcorram sem uma intervenção clara é como se, na brincadeira entre o gordo e o magro, o filho, mesmo ouvindo “aí não vale!”, continuasse correndo; ou como se os pais pedissem para o filho parar, mas este continuasse a enforcá-los. Apesar de ser fisicamente mais fortes, os pais que não reagem à quebra de limites dos filhos acabam permitindo que estes, muito mais fracos, os maltratem, invertendo a ordem natural de que o mais fraco deve respeitar o mais forte.

A força dos pais está em transmitir aos filhos a diferença entre o que é aceitável ou não, adequado ou não, entre o que é essencial e supérfluo, e

assim por diante. Pedir um brinquedo é aceitável, mas quebrar o brinquedo meia hora depois de ganhá-lo e pedir outro é inaceitável. É importante estabelecer limites bem cedo e de maneira bastante clara porque, mais tarde, será preciso dizer ao adolescente de quinze anos que sair para dar uma volta com o carro do pai não é permitido, e ponto final.

O estudo é essencial; portanto, os filhos têm obrigação de estudar. Caso não o façam, terão sempre que arcar com as conseqüências de sua indisciplina, que deverão ser previamente estabelecidas pelos pais. Só poderão brincar depois de estudar, por exemplo. No que é essencial, os pais deverão dedicar mais tempo para acompanhar de perto se o combinado está sendo levado em consideração. Os filhos precisam entender que têm a responsabilidade de estudar e que seus pais os estão ajudando a cumprir um dever que faz parte da “brincadeira” da vida.

Hoje, os grandes responsáveis pela educação dos jovens — na família e na escola — não estão sabendo cumprir bem seu papel. É a falência da autoridade dos pais em casa, do professor em sala de aula, do orientador na escola. Discussões homéricas surgem nas famílias por causa de indisciplina, dificultando bastante a convivência entre as partes. Mães ficam mal-humoradas porque as crianças bagunçam o quarto e pais se exasperam porque os filhos se esquecem de apagar a luz. Porém o pior ocorre quando um filho responde mal. Isso lhes estraga o dia.

Muitos alunos também não respeitam seus professores, e essa indisciplina prejudica o ensino e a aprendizagem. Professores e orientadores têm dificuldade em estabelecer limites na sala de aula e não sabem até que ponto devem intervir em comportamentos inadequados que ocorrem nos pátios escolares.

Onde foi que os educadores se perderam? Antes de responder a qualquer pergunta, é preciso levar em conta que essa geração viveu a questão da disciplina de um modo peculiar e sofrido. Para facilitar a compreensão, seguirei a seqüência: primeira, a geração dos avós; segunda, a geração dos pais e professores; terceira, a geração dos jovens.

Pois bem, a primeira geração educou seus filhos de maneira patriarcal,

com autoridade vertical — o pai no ápice e os filhos na base. Esta era obrigada a cumprir tudo o que o ápice determinava. Com isso, a segunda geração foi massacrada pelo autoritarismo dos pais, e decidiu refutar esse sistema educacional na educação dos próprios filhos. Na tentativa de proporcionar a eles o que nunca tiveram, os pais da segunda geração acabaram caindo no extremo oposto da primeira: a permissividade.

A Psicologia contribuiu muito para isso ao divulgar frases como: “Não reprima seu filho”, “Seja amigo de seus filhos”, “Liberdade sem medo”. Boa parte dos adultos quis aderir ao modelo horizontal, em que pais e filhos têm os mesmos direitos, evitando neuroticamente o uso da autoridade, por confundi-la com autoritarismo.

As intensas mudanças vividas de maneira muito rápida pela segunda geração tiveram um custo na educação da terceira, cujo preço, provavelmente alto, ainda não podemos estimar. Esses jovens ficaram sem noção de padrões de comportamento e limites, formando uma geração de “príncipes” e “princesas” com mais direitos que deveres, mais liberdade que responsabilidade, mais “receber” que “dar” ou “retribuir”.

Tais “príncipes domésticos” querem ser, também, “príncipes sociais”, mas acabam frustrados, pois as regras da sociedade são outras, muito diferentes das válidas na família. As instituições de ensino, cuja tarefa é introduzir as crianças nas normas da sociedade, muitas vezes se omitem. **O professor também perdeu a autoridade inerente à sua função.** Quanto maior a perda, mais anárquica tornou-se a aula. Ao admitir um “príncipe escolar”, em vez de ajudar o aluno a viver em sociedade, o professor acaba por prejudicar seu crescimento.

É preciso recuperar a autoridade fisiológica, o que não significa ser autoritário, cheio de desmandos, injustiças e inadequações. Autoridade é algo natural e que deve existir sem descargas de adrenalina, seja para se impor, seja para se submeter, pois é reconhecida espontaneamente por ambas as partes. Desse modo, o relacionamento desenvolve-se sem atropelos. O autoritarismo, ao contrário, é uma imposição que não respeita as características alheias, provocando submissão e mal-estar tanto na adrenalina daquele que impõe quanto

na depressão daquele que se submete.

É essencial à educação saber estabelecer limites e valorizar a disciplina. E para isso é necessária a presença de uma autoridade saudável. O segredo que difere autoritarismo do comportamento de autoridade adotado para que a outra pessoa (no caso, filhos ou alunos) torne-se mais educada ou disciplinada está no respeito à auto-estima.

Este livro pretende ajudá-lo a exercer sua autoridade — sem culpas, com segurança e bom senso. Filhos precisam de pais para ser educados; alunos, de professores para ser ensinados. Estes até podem ser amigos, porém não mais amigos do que pais; não mais amigos do que professores.

Você, pai ou professor, é o educador, e não pode se esquivar da tarefa de apontar, na medida certa, os limites para que os jovens se desenvolvam bem e consigam situar-se no mundo.

Conte comigo para essa tarefa!

PARTE 1

Limites e disciplina na família



1

Como se criam folgados e responsáveis

Duas horas da tarde de um belo domingo ensolarado. Trancado na cozinha, o jovem Mário, de dezessete anos, gritava que estava com uma faca na mão e que ia se matar.

O pai, a mãe e a irmã, do lado de fora da cozinha, tentavam acalmá-lo, fazendo apelos desesperados e inúmeras promessas. O filho respondia que não confiava mais na família: independentemente do que todos dissessem, ele ia se matar. Os pais, atordoados e sem alternativas, chamaram a polícia.

Assim que chegaram à grande e confortável residência da família, os policiais se prontificaram a conversar com o rapaz. Mário permitiu somente a entrada dos guardas na cozinha: os pais e a irmã tiveram de esperar do lado de fora.

Depois de alguns poucos minutos de negociação — que pareceram uma eternidade para a família —, a porta da cozinha se abriu e os policiais saíram trazendo Mário. Os pais estavam ansiosos para saber o que acontecera lá dentro,

pois não puderam ouvir nem uma palavra. O rapaz exibia uma expressão de indiferença, sem o menor sinal de sofrimento.

Os policiais assumiram a tarefa de representá-lo perante sua família. Disseram que os pais deveriam manter o equilíbrio. O filho estava nervoso e não admitia que ficassem tão bravos só por causa de uma sobremesa. E arremataram: “Mas como pode o senhor, culto e bem posicionado, brigar por causa de uma mísera sobremesa?”. O pai, aturdido com a censura dos guardas, perdeu a fala.

Ao final daquele desagradável incidente, os pais estavam envergonhados e Mário parecia orgulhoso. Na saída, para completar a humilhação, os policiais reforçaram:

“Se seus pais aprontarem novamente, pode nos chamar que voltaremos mais enérgicos”.

A reviravolta

O que será que houve naquela tarde de sol para culminar numa situação assim tão constrangedora? Retomemos a história, passo a passo.

Como era domingo, a cozinheira estava de folga; a empregada e a arrumadeira, ausentes; e o motorista também havia sido dispensado. Não havia, portanto, nem um empregado na casa. Para garantir o almoço do domingo na falta deles, a família dividia as tarefas. Mário, o folgado da casa, nunca cumpria sua parte.

Naquele dia, todos estavam desempenhando bem suas funções. Mário devia servir a sobremesa, isto é, pegar o doce na cozinha e trazê-lo para a mesa. Quando chegou sua vez, ele afirmou: “Eu não vou”. Em inúmeras ocasiões anteriores, o rapaz havia se recusado a ajudar e nunca houve problema. Sempre havia alguém que se dispunha a realizar a tarefa no lugar dele: a mãe, para evitar escândalos; o pai, que preferia ignorar a situação. Só a irmã se recusava, pois não aceitava tal situação.

A família ficou atônita. Estavam até então num clima ótimo, cada um colaborando para o sucesso do almoço. Agora o rapaz punha tudo a perder. Mas

dessa vez ninguém vacilou. A tarefa era dele. Mário tinha que buscar o doce — uma compota. Ele resistiu, dizendo que não pegaria a sobremesa “nem morto”. Seus pais, que a essa altura já estavam com o almoço estragado, julgaram estranha essa observação. Então, pressionado, Mário, sem querer, acabou falando que havia comido sozinho toda a sobremesa. Como a casa era muito farta, os pais retrucaram: “Mas nós compramos uma dúzia de latas de compota”. Qual não foi a surpresa deles quando o filho confessou ter comido tudo!

Então o pai propôs uma solução: “Como foi você quem acabou com o doce, para terminar o almoço você vai até a padaria da esquina comprar uma sobremesa”. “Não vou”, respondeu Mário. “Vocês não mandam em mim e não vão me tratar como empregado.” Sempre abusado, o rapaz fez um discurso colocando-se no papel de vítima: “Não posso comer nem uma compota?”. Chamou o pai de pão-duro, a mãe de desorganizada e a irmã de puxa-saco. E intempestivamente, entre gritos e xingamentos, levantou-se da mesa, trancou-se na cozinha e, de faca em punho, ameaçava se matar.

O príncipe da casa

Mário foi construído a quatro mãos para ser um folgado — depois, além da família, contribuíram também os empregados. O pai, órfão desde pequeno, realizava suas mínimas vontades. Não deixava que nada lhe faltasse.

A maior alegria do pai era ver o filho contente. Seu maior sofrimento, ter de dizer não ao filho. Ele era um escravo do sim.

Mário não conheceu limites e tudo lhe foi favorecido para que suas vontades (folgas) fossem atendidas, mesmo que custassem sacrifícios (sufocos) dos outros.

Qual é o pai que não gosta de ver o filho contente? Que pai não deseja a felicidade para seu filho? O erro do pai de Mário foi amar demais. E *esse* “demais” não é delimitável, ou seja, não há lugar para limites.

Quando o rapaz era pequeno, essas folgas tinham um custo insignificante. Porém, à medida que crescia, os custos foram se tornando cada vez mais pesados. E as inadequações, mais evidentes. O pai já havia se dado conta de quanto o filho era folgado. Tinha observado, inclusive, que Mário costumava distorcer os fatos a seu favor. A culpa era sempre dos outros; ele, invariavelmente, era inocente.

A família decidiu encaminhar o rapaz a uma psicoterapeuta. A princípio, não resolveu. Nas reuniões familiares promovidas pela terapeuta, os pais perceberam que ele a manipulava para despertar compaixão, ocupando o papel de vítima em vez do de algoz.

Mas voltemos ao episódio do domingo. Por que Mário se recusou a pegar a sobremesa? Simples. Ele estava lúcido. Sabia que não havia mais compotas. Tinha comido tudo. E dessa vez não podia culpar ninguém. Nem mesmo algum dos empregados estava presente.

Mário acreditou que bastava dizer não e todo mundo calaria a boca. Só que a família, já um pouco mais esclarecida pelo processo psicoterápico, dessa vez não se curvou. Ao encontrar resistência e perceber que sua folga inicial não surtia o efeito esperado, Mário apelou para um segundo estágio: retirar-se indignado “por ter sido desrespeitado”. Ao se trancar na cozinha, deixou os pais impotentes.

Guerra de nervos

Como os pais mantiveram-se firmes, não aceitando seu comportamento, Mário adotou uma solução drástica: dizer que iria se matar. Quem quer dar cabo da própria vida faz isso de uma vez, não anuncia aos quatro ventos. Mas a ameaça deixou os pais desesperados.

O argumento de que iria se matar tinha uma força descomunal, porque freqüentemente o rapaz ouvia dos pais quanto era importante para eles e sobre o temor que sentiam de que algo de mal lhe acontecesse. Desse modo, o filho tornou-se o agressor da pessoa mais amada por seus pais: ele próprio. Nessa auto-agressão, ele era o vilão e a vítima, como se dissesse: “Eu, vilão, vou matar o

Mário, filho querido de vocês”. Isso revela a que ponto de crueldade o folgado pode chegar.

A orientação que os pais haviam recebido nas sessões de terapia ainda não tinha chegado a um nível de esclarecimento que lhes desse elementos para resistir a esse terceiro estágio. Por isso a família entrou em pânico. Tão perdidos os pais estavam que chamaram a polícia. Para tentar ajudar Mário, passaram por cima de seus desejos, sonhos e esperanças, atestando a incapacidade de lidar com o próprio filho.

Quando os policiais chegaram àquele ambiente dominado pela tensão, a família relatou a situação de forma telegráfica. A falta de poder dos pais foi confirmada pelo filho quando este permitiu apenas a entrada dos guardas na cozinha. Resultado: os pais ficaram impotentes, o filho venceu. Ao atender Mário, os guardas ratificaram o poder dele.

O que será que conversaram na cozinha? Pela reação dos policiais, os pais facilmente solucionaram o mistério: mais uma vez Mário distorceu os fatos ocorridos naquele domingo para manter sua folga. Manipulou os guardas, como já fizera antes com a terapeuta, com a orientadora do colégio, com os empregados da casa e com os próprios pais.

Ninguém nasce folgado

Mário e outros como ele não se tornam indisciplinados da noite para o dia. Eles são fruto de um longo processo educativo, iniciado antes mesmo de sua vinda ao mundo.

Ainda protegida pelo útero materno, a criança já está imersa na dinâmica do casal, simplesmente pelo fato de existir, e pode ser alvo de rejeição ou aceitação.

Em geral, quando o casal tem um bom vínculo, o filho é muito bem recebido. Ele é entendido como uma concretização desse vínculo: antes havia apenas dois elementos; agora, surgiu um terceiro, formado por componentes de ambos.

Para facilitar a compreensão, utilizarei o recurso das cores: imaginemos que a mulher é vermelho e o homem, branco. O vínculo, então, é rosa. Se já existir o vínculo rosa, há espaço para um filho.

Se o vínculo for vermelho ou branco, isto é, se uma das partes dominar a outra, não cabe um filho. O vínculo pressupõe igualdade de condições: o branco vale tanto quanto o vermelho.

Mas não confunda vínculo com simbiose, uma interdependência tão grande entre o casal que um não sobrevive sem o outro. Um exemplo bastante comum de simbiose é a fase da paixão: não cabe amigo, parente, não cabe ninguém, nem filho. A presença de outra pessoa ameaça a integridade do casal.

Existem diferentes tipos de vínculos. Por exemplo, o de pais e filhos. Se os pais são azuis e os filhos, amarelos, o vínculo é verde. Certos casais formam um vínculo verde, não rosa. Em vez de ser um relacionamento entre adultos iguais, é como se o homem se casasse com a filha ou com a mãe. E, nesse caso, aparecem problemas quando nascem os filhos. Aquele que não está agindo como adulto certamente competirá com a criança. O marido que funciona como filho entra em rivalidade com o bebê, disputando as atenções da mãe/esposa.

Só existe espaço para a criança quando o casal já formou um vínculo. Em outras palavras, há uma hora certa para ter filhos.

A indisciplina pioneira

Vamos supor que a gravidez ocorra precocemente. Como o ser humano tem uma capacidade incrível de adaptação, o casal pode encontrar argumentos que validem aquela gestação e levá-la adiante. A sequência é maravilhosa se ambos desejam o filho.

Do contrário, quando o casal só estava interessado em sexo e houve a concepção, talvez aí já tenha ocorrido uma certa indisciplina. Nesse caso, o determinismo do instinto sexual venceu. Ou seja, o casal não conseguiu empregar a inteligência, atributo dos seres humanos, para usufruir o prazer sexual e burlar o determinismo biológico da gravidez. Descuidou-se da parte biológica, nem se

preocupou com ela, ou utilizou um método contraceptivo ineficiente.

Por mais que pareça ter sido apenas uma pessoa a indisciplinada, convém realçar: a indisciplina é do casal e houve concordância de ambos.

Culpar só a mulher, que não soube se cuidar, ou só o homem, que não conseguiu se controlar, é resquício da cultura machista.

Se a gravidez não é interrompida intencionalmente, o processo biológico determina a sucessão dos fatos. Os acontecimentos escapam ao controle de ambos. O pai não tem mais nada a fazer. Sua contribuição já foi dada. Tudo transcorre no interior do organismo feminino.

Embora a gravidez siga seu ritmo biológico, é a parte psicológica que vai torná-la gratificante ou não. Para a mulher, há que se convir, é com frequência um incômodo. Mesmo inundada pela felicidade de ser mãe, comumente a mulher é assolada por fantasias de estar ficando feia e pouco atraente do ponto de vista sexual.

E, dependendo do companheiro, isso pode ser uma realidade. Há maridos que não respeitam a gravidez da esposa. Por princípio, já são indisciplinados, pois tentam, com a cabeça, mudar o curso biológico. Para eles, a mulher só é atraente se não ficar “feia” (entenda-se “barriguda”).

Quando o marido é saudável e o casal compartilha de maneira positiva os momentos que antecedem a chegada de um filho, esses fantasmas desaparecem.

A importância das primeiras interações

Quanto mais próximo do nascimento, mais a criança segue seu ritmo biológico — e a disciplina deverá obedecer esse ritmo, não o inverso. Um dos ritmos mais importantes, estabelecido desde os primeiros dias de vida, é o da alimentação, porque depende da interação com a mãe ou com a pessoa que a substitui.

O bebê não sabe falar, por isso chora quando tem fome. O auge da maternidade acontece nesta hora: amamentar a criança e iniciar com ela uma

relação muito íntima. Nessa interação, a mãe transmite o modo de ser da família (“como-somos”), e isso é essencial para ajudar o filho a formar seu ser psicológico, pois a criança traz ao nascer apenas seu ser biológico (cromossomos).

O pai deve ter muita saúde psicológica para participar do gesto da alimentação, que tem um imenso significado no gesto afetivo. Afinal, a criança não precisa só de leite.

O leite alimenta o corpo. O afeto, a alma. Criança sem alimento fica desnutrida. Criança sem afeto entra em depressão.

Sempre querendo acertar, as mães buscam informações sobre a melhor maneira de atender às necessidades de seus filhos. A resposta varia conforme a época -várias verdades médico-psicológicas foram ditadas, em geral contraditórias.

Uma verdade: as crianças devem mamar de quatro em quatro horas ao longo do dia, depois, mamar bastante antes de dormir e só repetir quando acordarem, na manhã seguinte. Segundo essa verdade, as mães devem impor o ritmo do relógio aos filhos.

Em geral, as crianças têm boa capacidade de adaptação a esse ritmo e tudo funciona bem. O problema é que tal orientação foi dada de maneira indiscriminada a todas as mães. Resultado: sofrimento de mães e filhos. Mães querendo dar o seio às crianças, com o peito cheio empedrando e até vazando, e crianças querendo mamar, berrando de fome. Mas não se podia amamentar porque não estava na hora.

Outra verdade (que contradiz a primeira): as crianças devem ser alimentadas sempre que precisarem, não importam a hora nem o local.

Tanto uma quanto outra verdade têm seus prós e contras. No primeiro método, a criança é levada a desrespeitar seu ritmo biológico e, na falta de outro recurso, submete-se ao ritmo imposto pela mãe. Assim, em vez do “eu tenho fome, quero comer”, ela se orienta por “preciso comer agora, tendo ou não fome”. **Sabe-se hoje em dia que a criança recém-nascida com fome não tem capacidade de identificar o incômodo como necessidade de se alimentar,**

portanto vivencia uma angústia muito grande.

No segundo método, basta a criança chorar e já lhe empurram leite. Às vezes, nem sentiu fome ainda. Mães ansiosas passam esse sentimento para os filhos, dando-lhes leite a qualquer menção de choro. Pode ser que a criança esteja com a fralda molhada, sentindo frio ou calor. Nesse método, mais importante que a fome passa a ser o alimento, que adquire outros significados. A mãe escraviza-se hoje e, no futuro, a criança pode buscar alívio na cozinha para sua ansiedade.

Lidar com esse ritmo biológico de um modo que não o desrespeite é a primeira providência para obter disciplina. Depois, quanto mais os filhos crescerem, mais recursos terão os pais de adequar o ritmo biológico ao ambiente.

Entendida como um conjunto de comportamentos que leva ao melhor resultado possível, beneficiando a todos, a disciplina estabelece seu caminho nos primeiros meses de vida da criança.

Os vários significados da comida

Pais que entendem qualquer choro como necessidade de mamar (fome) sempre oferecem comida. Se o choro for causado por outro incômodo qualquer, a comida pode proporcionar um certo alívio, mas não é o “remédio” certo. No entanto, comer é um forte instinto de sobrevivência, e a boca é a primeira zona de prazer estimulada em nosso organismo; por isso, dificilmente comer deixará de ser prazeroso, ainda que inadequado.

Se traçarmos uma linha direta sem interferências, a criança cujos pais têm esse tipo de conduta pode tornar-se um adulto que, diante de qualquer contratempo, vai procurar comida em vez de tentar resolver seu problema. É claro que essa relação não é tão simples assim. Inúmeras outras variáveis também precisam ser consideradas. Mas a raiz da obesidade pode estar aí. **A fixação oral tem a ver com indisciplina nesse desenvolvimento e pode se refletir na dependência do cigarro, da bebida e de tudo que provoque sensações na boca.**

Conforme cresce, a criança aprende, progressivamente, a digerir alimentos mais pesados e a diversificar os sabores, passando por uma grande evolução desde o colostro, o primeiro leite da mãe, até a feijoada com torresmo. No entanto, existe sempre uma maneira de infantilizar a criança. Basta desconsiderar o fato de que seu aparelho digestivo está amadurecendo e continuar dando-lhe papinhas.

A criança acostuma-se a receber comida de fácil digestão. Ela equivale, numa correlação direta, ao adulto que não sabe mastigar os problemas e precisa “papinhá-los”. Se não for fácil, o problema é cuspidor para fora. A pessoa não chega a superá-los porque nem os enfrenta.

Nos dois exemplos citados, o problema é muito mais ligado ao “como-somos” dos pais, que origina dificuldades para os filhos como se fosse uma herança — que as crianças são “obrigadas a engolir” — absorvida pela convivência.

A indisciplina está presente no desrespeito ao desenvolvimento biológico por parte dos pais.

Motivados pelo amor, pelo desejo de satisfazer todas as necessidades dos filhos, alguns pais não modificam seus comportamentos nem suas ofertas à medida que a criança cresce.

Primeiros passos, primeiros vícios

Com um ano, a criança já adquiriu autonomia para realizar algumas façanhas. Começa a andar e logo estará correndo. Mas para chegar a esse ponto teve antes que aprender a sustentar a cabeça, a sentar-se, a ficar em pé. Existe uma sequência a ser seguida.

Até conseguir manter-se em pé, ela cai algumas vezes. Cair é, para ela, um acontecimento novo. Precisa aprender o significado daquilo, por isso sua primeira reação, antes de chorar, é olhar para a mãe. E a mãe, o que faz?

Corre até ela, desesperada, dizendo: “Será que você se machucou? Meu

Deus, socorro!”. O pânico do adulto transmite a ela a seguinte mensagem: cair é perigoso. Outra possibilidade: a criança cai e a mãe vira as costas como quem diz: “Problema dela”. Como se o filho quisesse chamar a atenção ou tivesse um instinto suicida. Ela pode, ainda, agir com naturalidade: “Caiu, ah, caiu” ou então “Pulooou!”, e ficar olhando para a criança com uma expressão boa, tranqüila, enquanto espera que ela se levante.

As crianças com um ano de idade não se machucam quando caem sentadas. Se nós, adultos, cairmos, será um desastre, porque a musculatura está toda rígida. As crianças não se machucam porque caem “molinho”.

Só que os adultos nem sempre têm paciência para esperar. O filho cai uma vez, a mãe vai até lá e o levanta; cai de novo, e a mãe torna a erguê-lo. Mas, se a criança já sabe se levantar sozinha, ela bate ou empurra a mãe como quem diz: “Eu me viro”. Quanto mais forte for o tapa ou o empurrão, mais a criança está se sentindo perturbada pela mãe.

Ao começar a correr, ela ainda não sabe como parar: para breicar, joga-se, cai e fica ali sentada. A mãe, achando que a criança caiu por engano, tenta ajudá-la a se levantar. A criança resiste, endurece o corpo. A mãe, que não percebe que ela quer ficar ali, força a ajuda. Quando o filho reage com um tapa ou empurrão, a mãe o recrimina: “Não faz assim, não pode bater na mamãe”.

Nesse contexto, já aparece um indício muito insidioso e matreiro de indisciplina. Sabe de quem? Da mãe. A vontade de auxiliar o filho pequeno é tanta que ela quer adivinhar o que se passa na cabeça dele.

Ao levantar a criança que não quer ser erguida, a indisciplina ocorre porque a mãe faz valer sua própria interpretação, em vez de certificar-se primeiro dos desejos da criança.

No começo, a mãe funciona como o cérebro do bebê. Nessa fase, o bebê limita-se a manifestar seus incômodos, enquanto a mãe faz a leitura dos sinais, usando principalmente a intuição e a adivinhação para elaborar suas respostas. O desenvolvimento e a própria sobrevivência da criança dependem da capacidade materna de reconhecer e de atender às necessidades do filho. Tal capacidade, portanto, é imprescindível.

Só que por essa via saudável e natural de relacionamento passam também os vícios. No início, eles vão surgindo de forma tão sutil que nenhum dos envolvidos percebe. Não é fácil para os pais reconhecer até que ponto estão ajudando ou atrapalhando seu filho.

Como se desrespeita a criança

Existe uma certa tendência de a mãe, mais que o pai, desenvolver com o filho uma relação muito íntima, que a faz sentir-se totalmente responsável pela criança. A mãe fica num estado de tensão psicológica tão intenso que tudo o que acontece com o filho ela *percebe*, inclusive alterações mínimas, que passam despercebidas para as outras pessoas.

Na maioria das vezes, a indisciplina da mãe é resultado de um excesso de zelo, de um esforço exagerado para garantir o bem-estar de sua prole. Há uma cena típica de mães de primeira viagem que ilustra bem tal exagero: o bebê está dormindo um sono tranqüilo, não está nem ressonando, e a mãe se aproxima, preocupada, com um espelhinho ou um pedaço de papel e o coloca diante da boca da criança para confirmar se ela está respirando.

A dedicação excessiva espolia a mãe e, com certeza, não será recompensada no futuro. Conforme o filho for crescendo, ela precisará modificar sua abordagem. Caso contrário, será uma indisciplinada.

Outro exemplo muito freqüente de desrespeito à criança é colocá-la no colo de pessoas que considera estranhas. Aos três meses, em geral, o bebê reconhece rostos, sejam de gente de verdade, sejam de bonecos, e abre um sorriso de satisfação. Vai no colo de todo o mundo e torna-se extremamente simpático. Como resultado, os pais ficam orgulhosos.

Por volta dos oito meses, a criança começa a identificar as pessoas conhecidas e a estranhar as desconhecidas. Quando não identifica alguém, olha espantada, como se dissesse: “Não conheço você”. Se o estranho mantiver distância e, no máximo, brincar com uma parte do corpo da criança distante do rosto — por exemplo, tocar levemente seu pé —, ela vai olhar como se aquela

parte não fosse dela, ainda que sinta o toque. Assim, o desconhecido já não vai deixá-la tão assustada. Passa a ser uma pessoa agradável. O ideal é parar por aí. Ou ir só até o joelho, se o bebê estiver receptivo. A partir desse ponto, vem a defesa: ele começa a chorar ou esconde-se atrás da mãe.

É preciso respeitar quando a criança troca a expressão de curiosidade por um olhar sério.

A mãe, acostumada com aquele filho sorridente, é surpreendida por uma reação antipática. E, sem entender o que houve, desculpa-se: “Não sei o que aconteceu. Ele sempre foi tão simpático. Ultimamente tem estranhado todo mundo”.

Quando estranha os tios

Entre os mamíferos, é impressionante como os adultos voltam sua atenção para um recém-nascido: por exemplo, assim que nasce um potrinho, todos os cavalos vêm cheirá-lo e a égua, para proteger a cria, dá coices ou mordidas nos que se aproximam. **No ser humano, é atávico querer agradar uma criança: quanto mais saudável for a pessoa, mais ela vai tentar fazer isso.** Imagine, então, quando existem laços entre a criança e o adulto.

Assim, vamos supor que uma tia ou um avô que convivia com aquele bebê sorridente tenha que fazer uma viagem e ausentar-se por algumas semanas. Mesmo sendo uma figura íntima da família, na volta, o bebê provavelmente vai estranhá-la. Por uma razão muito simples: ele esqueceu o rosto daquela pessoa. Para ele, trata-se de um desconhecido. A memória da criança ainda não está suficientemente amadurecida para registrar fatos que aconteceram há dois ou três meses.

Então, o que acontece? A tia volta morrendo de saudades do bebê simpático. Na euforia do amor, nem se dá conta de que ele a estranhou e apanha-o nos braços. A criança entra em pânico. Imagine você, adulto, receber um abraço do King Kong, por exemplo. Por mais amoroso que seja, você vai resistir.

Mesmo com o bebê chorando, a mãe insiste para que ele permaneça nos braços daquele parente, porque pensa: “Como você pode chorar no colo de alguém que lhe trouxe tantos presentes e que gosta tanto de você?”.

A criança é movida por uma disciplina biológica que está sendo quebrada pela euforia do amor. Mas, felizmente, a grande plasticidade psicológica que existe em um relacionamento saudável permite que ela supere o desrespeito por parte dos pais.

Quando os pais não respeitam a disciplina biológica da criança (enfiando comida em sua boca quando ela *não* está com fome; mandando que ela fique quieta desnecessariamente; insistindo em que ela permaneça no colo de um estranho, mesmo que este pertença à família; lutando para que ela durma na hora que eles querem, mesmo sem estar com sono etc.), ela reage. Quanto mais velha for, mais rica será sua manifestação de desagrado. No começo, será apenas negação, oposição e choro; mais tarde, virão a argumentação e a modificação de comportamento.

Desse modo, a mãe toma uma atitude: o filho reage e ela passa por cima dessa reação e lhe dá uma bronca ou castigo porque deseja manter sua decisão. Está configurado o abuso do poder por parte da mãe, que é maior em tamanho e em capacidade de argumentação. Resta à criança engolir suas reações para não desencadear a ira materna.

Como começam as birras

Algumas crianças são rebeldes. Desde pequenas não aceitam esse tipo de imposição, demonstrando força de ego. E, na falta de outros recursos, recorrem àquele que mais conhecem: a birra.

Filho birrento deixa a mãe extremamente nervosa por conseguir que ela se sinta impotente e envergonhada perante sua manifestação de birra, que ocorre em qualquer lugar, basta a criança sentir-se frustrada: no shopping, no restaurante, na visita àquele tio importante.

A birra é uma ruptura no relacionamento; por meio dela o birrento impõe à

outra pessoa uma condição: “Se você me atender, ótimo; caso contrário, vai sofrer muito”. Trata-se de um estado psicótico de comportamento em que se nega a razão para fazer prevalecer uma vontade. O interessante é que a meta escolhida, a grande motivação da birra, é um capricho, uma vontade desnecessária. Ninguém faz birra por não querer estudar. Mas porque o pai não deixa comer um chocolate ou não compra um brinquedo no shopping.

Quando a vergonha que a mãe sente é mais forte que a raiva, se a birra ocorre em público, ela acaba atendendo ao desejo da criança antes que a gritaria tome conta do local. O filho venceu. A criança aprendeu que a birra pode ser uma arma para fazer valer suas vontades, principalmente em ambientes em que possa expor a mãe.

Na birra, a criança transforma seu desejo supérfluo em algo essencial e necessário à sua vida. Esse desejo, não educado, adquirindo força de instinto, busca a saciedade. Mas logo esta passa e dá lugar a um novo desejo, deixando a criança constantemente infeliz, pois ela, como seus pais, confunde saciedade com felicidade.

Para chegar à birra, a mãe foi indisciplinada: proibiu e cedeu, proibiu e cedeu. Desrespeitou as próprias proibições, ensinando o filho a fazer o mesmo: desrespeitá-la.

Custos versus benefícios

No início, a criança tem apenas desejo ou necessidade de algo, e a mãe (ou um adulto substituto) encarrega-se de realizá-lo. Tal como uma plantinha em um vaso, a criança tem a força da sobrevivência, mas precisa ser cuidada. Ela depende da mãe para alimentar-se, tomar banho, limpar-se, escovar os dentes, trocar de roupa. Nessa complementação, o filho entra com a vontade ou com a necessidade e a mãe trabalha para saná-la. Logo, o filho recebe o benefício do trabalho que a mãe faz e ela arca com os custos. Porém a mãe também tem uma gratificação (benefício) ao fazer esse trabalho: qual é a mãe que não sente prazer em atender a um pedido do filho?

Contudo, à medida que a criança cresce, ela adquire, aos poucos, condições de satisfazer os próprios desejos. E não é só isso: aprende que, para realizar uma vontade, precisa fazer algo antes. Por exemplo: se quer água, precisa se mexer, ir até a cozinha, pegar um copo e enchê-lo de água. Para saciar o instinto da sede, aprende que precisa realizar um certo esforço.

Quando a única realização de uma mulher é ser mãe, arcando com todos os custos, fica difícil aceitar que o filho está crescendo e permitir que ele comece a trocar de roupa sozinho, a escolher a própria comida. É como se ela, de repente, fosse privada do benefício de servir ao próprio filho. Nesse momento é possível que comece uma briga de benefícios que mais tarde tende a converter-se em uma briga de custos.

Se não houver preparo da mãe ou caso seu bom senso não indique que ela deve dar mais autonomia ao filho, existe o risco de ela começar a brigar com a criança para saciar seus próprios benefícios em detrimento dos benefícios do filho. Surge, então, a briga dos benefícios. A criança não quer comer, não quer se vestir, não está com nenhuma necessidade, mas a mãe faz questão de atendê-la porque só se sente mãe se estiver dispensando ao filho todos esses cuidados. “Estou me sacrificando para o seu bem”, insiste ela.

Em determinado momento, quando a mãe estiver sobrecarregada com a chegada de outro filho ou com atividades diversas, será obrigada a deixar de trocá-la ou alimentá-la. Só que a criança não está acostumada a se virar sozinha, pois não foi isso que a mãe lhe ensinou.

O filho, que nunca precisou arcar com nenhum custo para ter seus benefícios, exceto abrir a boca, vai protestar, exigindo que a mãe sacie suas necessidades de qualquer maneira.

A briga de custos é a briga da escravidão. A mãe torna-se escrava das necessidades ou vontades do filho, e este torna-se impotente, portanto, escravo do atendimento da mãe.

E assim a mãe começa a ter trabalho para trocá-lo ou alimentá-lo. O que ela antes sentia como sendo um benefício transforma-se em um sentimento de obrigação. O único custo para a criança é o esforço que faz para conseguir que a

mãe a atenda. E esse esforço às vezes é maior que aquele que ela faria se tivesse de realizar as tarefas por si mesma.

Dividindo tarefas com os filhos

Mães saudáveis preparam os filhos para arcar com as suas responsabilidades. Com o passar dos anos, elas vão delegando à criança o poder de se cuidar. Essa autonomia pode dar ao filho a sensação de felicidade. A auto-estima dele cresce ao perceber que pode realizar seus desejos. Felicidade ou saciedade que se ganha “de mão beijada” não aumenta a auto-estima porque dispensa exatamente a capacidade de crescer em liberdade.

Isso é muito diferente de abandonar totalmente o filho para que ele se cuide sozinho. **Uma criança abandonada afetivamente tem auto-estima baixa e procura garantir-se por meio da exigência da saciedade dos seus mínimos desejos.** Torna-se intolerante diante das frustrações porque não tem dentro de si a força saudável da felicidade.

Geralmente, a criança pode fazer bem menos do que precisa. Não importa. Nada é mais gratificante para ela do que a sensação de ser capaz de realizar algumas atividades, principalmente quando o benefício é para si mesma. Ela estampa no rosto um olhar de vitória quando consegue vestir a própria roupa, amarrar o tênis, pegar um copo de água. Como se cada realização fosse um aprendizado que vai servir de base para um outro desafio, uma nova realização.

O que caracteriza a auto-estima é a capacidade de gostar de si mesmo por conseguir realizar suas vontades e necessidades. Essa auto-estima difere daquela gratuita, que provém do fato de ela ser amada por seus pais. Não adianta nada a criança sentir-se amada pelos pais caso não se sinta merecedora de seu próprio elogio por ter sido capaz de satisfazer suas vontades ou necessidades. Cada tarefa resolvida funciona como um brinquedo novo que a criança se dá de presente e quer mostrar para todo mundo. Trata-se da auto-realização, passo fundamental para a felicidade.

A criança não pode dar o segundo passo sem antes dar o primeiro. E o primeiro é tentar, sem a obrigação de acertar.

Cabe aos pais delegar ao filho tarefas que ele já é capaz de cumprir. Essa é a medida certa do seu limite. É por isso que os pais nunca devem fazer tudo pelo filho, mas ajudá-lo somente até o exato ponto em que ele precisa, para que, depois, realize sozinho suas tarefas. É assim que o filho adquire autoconfiança, pois está construindo sua auto-estima. O que ele aprendeu é uma conquista dele. A mãe deveria ficar orgulhosa pelo seu crescimento, em vez de sentir-se lesada por não ser mais útil.

O prazer de realizar sozinho

É lógico que a mãe vai executar todas essas pequenas tarefas mais rapidamente que o filho. Mas ela deve entrar no ritmo infantil para poder, com base no coleguismo em relação ao ritmo, trazer a criança para o ritmo dela, de adulto.

A pressa não é uma característica infantil. A criança tem muito mais prazer durante a realização de um trabalho que ao vê-lo pronto. É por isso que imediatamente depois de empilhar várias caixinhas derruba tudo e começa de novo. A criança gasta muito mais tempo empilhando que admirando o trabalho acabado. O prazer não está no produto final.

Ao atropelar a criança, a mãe pode transmitir-lhe a sensação de que é incapaz. A extrema (e inadequada) solicitude da mãe estimula o filho a aleijar seus braços, como se fosse impotente. Já dizia o psicoterapeuta José Ângelo Gaiarsa no livro *Minha querida mamãe*: “Supermães geram paráliticos e débeis mentais”.

Além de diminuir a auto-estima, tamanha dedicação materna leva a criança a deslocar a sensação do prazer, que seria obtida ao realizar algo, para a do mero receber. Não é à toa que ela passa a ser uma criança que está sempre pedindo — quando não está ganhando nada, encontra uma maneira de pedir algo. A criança está confundindo a alegria de saciar a vontade de ganhar o brinquedo

com a felicidade de brincar com ele.

Nenhuma criança nasce folgada, ela aprende a ser. A indolência constante não é natural, mas resultado da dificuldade de realizar seus desejos por si mesma. A criança só pode ser considerada folgada quando conhece suas responsabilidades e não as cumpre.

A responsabilidade é consequência da confiança que a mãe deposita no filho para a realização de algo que lhe cabe naturalmente. A mãe não só deve reconhecer a capacidade dele de desempenhar aquela tarefa, como também passar a contar com a cooperação da criança com frequência. Esta, por sua vez, incorpora a tarefa como sendo algo que lhe cabe a partir daquele momento.

Um exemplo bastante comum: gostar de comer. Se a criança come porque sente fome e o faz sozinha por ter o prazer de pegar os talheres, em pouco tempo ela será capaz de responsabilizar-se por comer sozinha o que tiver no prato. Não estranhe tal atitude, mas também não estimule o fato de a criança brincar diante da comida, esparramar tudo pelo chão, usar os talheres como brinquedo. A partir dessas experiências, se for educada para comer, com o tempo ela poderá organizar-se sozinha.

No entanto, se a criança come para agradar a mamãe, o não comer passa a ser uma maneira de castigá-la. É clássico a mãe brincar: “Olha o aviãozinho” e ploft!, enfiar a comida na boca da criança. Nesse caso, comer deixou de ser um ato de sua responsabilidade e transformou-se numa arma para arrancar outros benefícios da mãe.

Ninguém precisa limpar o prato. A criança come o que acha gostoso, não necessariamente o que a mãe considera mais nutritivo. Cabe à mãe preparar de um jeito gostoso os alimentos.

Mais um exemplo: escovar os dentes. Naturalmente, a criança gosta de imitar os adultos. Se a mãe, o pai ou o adulto responsável escovar os dentes com prazer, a criança vai achar que obterá prazer com esse ato. Ela já tem que escová-los antes mesmo de ser capaz. Quanto mais a mãe permitir que o filho brinque com a escova, assumindo apenas a tarefa de finalizar a limpeza dos dentes, tanto mais ele terá prazer em fazer isso. Não há nada mais lúdico para a criança do que

brincar com a água e a boca.

Escovar os dentes vira um castigo quando o adulto não tem paciência de esperar o fim da brincadeira. Pior: usa a escova como uma arma, que invade intempestivamente a boca da criança carregada de balas — a pasta de dente —, fazendo movimentos furiosos. Essa prática, muito comum nas mães apressadas de hoje em dia, acaba agredindo a criança.

Agora, se a mãe aguardar enquanto o filho escova e complementar seu trabalho com prazer, como se estivesse fazendo um cafuné, o hábito será incorporado à vida da criança como algo agradável.

Ser mãe é algo que demanda, acima de tudo, tempo.

Sob um folgado tem sempre um sufocado

Nem todos os filhos são iguais. Cada um desenvolve um tipo específico de capacidade. Por isso, os pais não devem se sentir mal quando favorecem um em detrimento de outro. A preocupação excessiva com a equidade é um dos mecanismos que conduzem um indivíduo a agir como um folgado.

Sabe como? Quando a mãe se sente na obrigação de realizar pelo filho maior algo que ele já tem capacidade de executar sozinho apenas porque o faz também pelo filho menor. Então, aquele que já é capaz deixa de exercer sua capacidade e, dentro de si, registra a seguinte mensagem: “Eu posso fazer, mas não vou, pois minha mãe também faz pelo meu irmão”. Tratando-se de filho único: “Eu sou capaz, mas por que vou fazer se minha mãe faz por mim?”.

O mecanismo da folga é, no começo, uma malandragem consciente que em pouco tempo transforma-se em hábito. Com frequência, a criança não se acha folgada. Sente-se, ao contrário, lesada quando a mãe deixa de fazer o que sempre fez. Esse é o cúmulo da folga: ela passa a cobrar a realização de diversas tarefas como se fosse obrigação da mãe.

As mulheres atribuladas de hoje, que se sentem culpadas por uma série de razões, facilmente entram nesse jogo: favorecem as cobranças dos filhos. Há um

casamento perfeito aqui: de um lado, a mãe sufocada pela culpa sente-se obrigada a fazer aquilo que, se avaliasse bem, poderia concluir que não é mais sua função; do outro, o filho folgado. Em outras palavras, é o casamento do folgado (que deixa de fazer) com o sufocado (que se sente obrigado a fazer).

O filho torna-se um folgado porque deixou de fazer o que é capaz e necessário executar, e a mãe torna-se uma sufocada porque precisa dar conta de tarefas que não lhe cabem mais, além de muitas outras atividades.

O mais curioso nesse mecanismo do sufoco materno é que, enquanto os filhos são pequenos, a mulher não percebe quanto está sendo inadequada. De fato, ela não se sente sobrecarregada e atende aos pedidos das crianças com a maior tranquilidade. Porém, à medida que elas crescem, tantas atribuições acabam transformando-se em um fardo pesado.

De onde vem culpa materna?

A mãe sempre soube reconhecer o próprio filho. Já a paternidade só foi descoberta com a História, cerca de doze mil anos atrás. Antes, a gravidez era tida como dádiva divina. Os irmãos conheciam-se pela linha materna. As crianças eram cuidadas pela mãe, com a ajuda do irmão dela, já que a fraternidade era conhecida, mas não a paternidade. Os homens eram “nômades sexuais”, isto é, uniam-se sexualmente às mulheres que iam encontrando pelo caminho. A atividade sexual feminina era a reprodutiva, enquanto a masculina, ejaculatória.

No período Paleolítico (Idade da Pedra), foi a mulher quem deu início à agricultura, como uma maneira de fixar-se na terra. Com o aumento da população, os homens começaram a brigar pela melhor caça e melhor agricultura. Surgiram assim a guerra e os heróis. O vencedor apossava-se da terra e de sua

proprietária. Então, dominada pela força física, a mulher entrou no rol dos pertences do homem. Quanto mais mulheres um homem tivesse, mais filhos teria e mais poderoso ficaria.

Ainda assim, a mulher defendia com unhas e dentes seus filhos. Isso chegou até a geração dos nossos avós, os patriarcas machistas. Em virtude desse passado, os sentimentos de fúria, raiva e agressividade femininos são despertados com a maior intensidade possível quando alguém mexe com seus filhos. No macho, esse sentimento vem à tona quando alguém mexe com sua mulher. A própria sociedade machista incentiva a mulher a ocupar mais o papel de mãe que o de esposa, e o homem, mais de marido que de pai.

Nas últimas décadas, a mulher emancipou-se e ganhou destaque socioeconômico, profissional e cultural, mas na grande maioria o instinto materno, a inclinação para ocupar-se da perpetuação da espécie, ainda fala mais alto que todas as suas conquistas. Em virtude desse instinto é que ainda hoje as mulheres sentem-se culpadas por ficar longe dos filhos.

Ao voltar para casa e tirar o uniforme social (símbolo da sua ausência) para vestir o de dona-de-casa (símbolo da sua presença), o instinto maternal alimenta a culpa feminina de ter estado ausente. Essa mãe tem sempre a impressão de contrariar o instinto materno ao negar algo aos filhos. Por mais adequado que seja um não, ainda assim custa-lhe muito aplicá-lo.

O *não* é um critério racional, criado pela inteligência humana e pela ética relacionai. É custoso aplicá-lo porque, para a mãe culposa, este não adquire um valor absoluto e soa como algo que contraria o instinto materno (característico dos mamíferos) de dar tudo ao “filhote”. O não educativo parece-lhe uma forma de rejeição, e nenhuma mãe saudável suporta a idéia de rejeitar o próprio filho.

No seu desejo de proteger, de educar e de criar o filho, ela se incomoda muito ao vê-lo sofrendo, principalmente passando fome ou frio. A criança tem que comer de qualquer jeito. Se o filho recusa o alimento que está no prato, a mãe sempre dá um jeito de oferecer um substituto. É justamente aí que ela começa a perder o equilíbrio relacionai e a submeter-se aos caprichos infantis, confundindo vontade com necessidade. No entanto, é preciso enfatizar o

seguinte: a criança que aprende a comer é mais livre e, portanto, mais feliz. Uma criança feliz não aprisiona a mãe aos seus caprichos.

Ficar sem comer um dia não mata a criança; pelo contrário, pode educá-la. A obsessão materna de saciar a fome do filho a qualquer custo o impede de aprender o ciclo vital fome/saciedade, essencial para criar a disciplina relativa ao ato de comer.

Em comparação à disciplina, a fome seria o equivalente ao empenho em conseguir algo e a saciedade, ao gosto de ter conseguido o que queria. Se a criança não come o alimento que lhe foi preparado, a mãe fica desesperada e oferece-lhe guloseimas. Seria preferível não dar nada para que então o filho sinta fome de alimento. Nesse sentido, o papel da mãe moderna não difere muito do da sua ancestral paleolítica: por força do instinto, a mãe continua a não perceber a diferença entre um filho com fome e um filho manhoso já saciado.

Como a criança mistura todas as funções, essa perda dos limites na maneira pela qual a mãe a alimenta começa logo a estender-se a outras áreas. Assim sendo, o filho pára de cumprir suas obrigações e a mãe, em vez de cobrá-lo, deixa a questão de lado porque não suporta ver a criança se sacrificando para fazer algo. Dessa situação resulta, portanto, um folgado.

O pai também é responsável

Em geral, o pai tem mais condições de estabelecer autoridade para que a disciplina familiar seja mantida, porque a maioria dos homens prefere proteger a mãe (sua fêmea) a proteger os filhos. Desse modo, os filhos também se ligam mais à mãe, entrando, assim, em rivalidade com o pai, para quem os filhos passam a ser um estorvo. É o complexo de Édipo.

Levado a extremos, é como se o filho quisesse eliminar o pai para ficar com a mãe. Na mitologia grega, Laio mandou matar todos os seus filhos do sexo masculino, seus possíveis rivais. Mas um sobreviveu, Édipo, e cumpriu seu destino trágico: matou o pai e casou-se com a mãe, Jocasta.

Atualmente, com a perda da autoridade paterna, os filhos é que se tornam

implacáveis com os pais. Quando o pai tentou impor uma disciplina, negando algo para o filho acostumado a ter tudo, *este* vê no pai um empecilho e tenta eliminá-lo.

Outro exemplo de que o pai protege mais a fêmea que a cria e de que a mãe, por sua vez, defende mais a cria que o macho é o seguinte: o casal está tendo uma relação sexual e o bebê chora. O que acontece? A mulher passa rapidamente do papel de esposa para o de mãe, ao passo que o marido não só permanece no de marido como se transforma em um antipai, que chega a sentir raiva do filho: “Mas isso é hora de essa criança chorar? Fica atrapalhando nossa vida!” Isso quando não fica bravo com a mulher, como se ela tivesse culpa da situação.

De modo geral, quando o pai aplica um castigo, a mãe procura abrandá-lo. Desse conflito, nasce o folgado.

Atrás de todo pai linha-dura há sempre uma mãe mais condescendente, e vice-versa.

Durante muito tempo, a Psicanálise culpou apenas a mãe. E não poderia ser diferente: no tempo de Freud, quem realmente cuidava das crianças era a mulher. Mas hoje aquele furor antimaterno pode ser dividido entre as duas figuras que compõem o casal.

Na minha experiência, *os* casos mais complicados de delinquência ou dependência de drogas recebem uma contribuição enorme da falta de ação do pai. Em última instância, o pai é o grande controlador e a mãe, a grande apoiadora. Quem dá a palavra final do sim ou não, paga ou não, bate ou não é o pai. Tapa de pai é muito diferente de tapa de mãe.

Os delinquentes sociais nada mais são que os folgados familiares que transformaram o abuso entre as paredes do lar em abuso externo. Não há nenhuma proibição na família, eles fazem tudo o que querem. Daí levam essas vontades para fora de casa e querem saciá-las a todo o custo, principalmente quando *não* há ninguém por perto para inibir, como a presença de uma testemunha, da polícia ou de um fiscal.

No caso das drogas, acontece o mesmo: o filho não respeita o próprio

limite e vai abusando até perder o controle, porque a droga distorce a personalidade daqueles que fazem uso dela.

Quando falha o grande controlador, que é a família representada pela figura do pai, os abusos começam a acontecer. E, quando um abuso é bem-sucedido, ele se estende para o âmbito social, por meio da delinquência e da compulsão pelas drogas.

Como alterar a dinâmica folgado-sufocado

Voltemos à história de Mário, aquele rapaz de dezessete anos que se trancou na cozinha, numa tarde de domingo, ameaçando se matar com uma faca porque não queria sair para comprar uma sobremesa. Como evitar novos episódios do gênero?

Uma vez estabelecido o diagnóstico do relacionamento de folgados e sufocados, é preciso uma reformulação com base nos sufocados para que o folgado seja menos delinquente. Como a sociedade tem regras mais fortes, rígidas e claras que a família, o grande temor dos pais é que o filho faça fora de casa o que já está fazendo dentro. E com certeza a sociedade não será condescendente como a família.

A relação custo-benefício precisa ser restabelecida para alterar esse esquema. Do contrário, se os pais não arcarem com esse custo, o filho pode jogá-lo nos irmãos, tios, avós ou mesmo nos empregados da casa.

Enquanto houver quem se sufoque pelo folgado, seu comportamento será mantido.

Mário vivia com folga financeira. Os pais tentavam organizar seus gastos por meio de mesada. Não existe um sistema perfeito de administração de mesada: seu valor e o que deve abranger dependem de uma negociação em família. Em muitas, fica estabelecida uma convivência, como o desrespeito à mesada. O filho quer mais dinheiro, os pais dão; o filho pede adiantamento, os pais concordam. Acham uma pena ele deixar de usufruir de um programa com os amigos por estar

sem dinheiro, que para eles está até sobrando ou, pelo menos, não está sendo controlado de forma rigorosa.

Os pais de Mário resolveram apertar: não lhe dar um centavo fora da mesada. Então ele começou a pedir empréstimos à irmã, que era mais econômica e sempre tinha dinheiro guardado. Alertada, esta também passou a negá-los. Aliás, nunca recebera do irmão nem um centavo de volta.

A saída foi conseguir dinheiro com o motorista da família. Como ele era de muita confiança, fazia as compras da casa e as contas nunca eram conferidas. Em vez de devolver todo o troco, passou a desviar uma parte para Mário. Quando o esquema foi descoberto, os pais desistiram de controlar o comportamento do filho em relação a dinheiro por causa da própria dinâmica familiar. E ainda havia a avó e outros parentes que poderiam ser extorquidos. Antes que o folgado ultrapassasse os muros da casa, os pais resolveram mudar de tática. Foram sufocados outra vez pelo filho.

Arcando com as conseqüências

“Você fez, você assume as conseqüências”, foi a segunda premissa aplicada. Isso implica cobrança e castigos no caso de não cumprimento das expectativas. Foi o que os pais fizeram em relação à sobremesa do domingo: para arcar com a responsabilidade de ter comido todo o doce, Mário teria que comprar outra sobremesa.

Só que, nesse caso, a execução da tarefa dependia exclusivamente do gesto final do filho. Os pais podiam apenas mandá-lo comprar a sobremesa ou até mesmo enfiar dinheiro no bolso dele. Mas dependia única e exclusivamente de Mário a atitude de levantar-se e ir até a padaria. Se a briga é por poder, é como se os pais dessem maior poder ao filho. E ele, tranqüilamente, usou esse poder contra os próprios pais, negando-se a executar o pedido.

Eis aí o princípio básico da impunidade: existe o castigo, mas ele não é aplicado.

Portanto, o castigo não promove a aprendizagem educativa. Um dos

exemplos mais comuns é o seguinte: “Filho, desliga a TV e vai para o seu quarto estudar”. Os pais podem tirar o filho da frente da televisão; contudo, estudar depende apenas dele. Será, então, que estamos todos derrotados por folgados como Mário? Não dá para vencer tal comportamento? Qual será o futuro de Mário já que seus pais estão impotentes?

A vida tem diversas etapas e o que funciona hoje pode não funcionar mais no futuro. Em uma outra fase, ele talvez queira se modificar. Vamos supor que venha a gostar de uma pessoa que não admita suas atitudes. Por mais que ele tente estratégias mirabolantes, essa pessoa não compactuará com o comportamento dele, porque não é parente e muito menos pai ou mãe, portanto, não está envolvida na situação. **Os pais não conseguem fazer com que o filho arque com os custos de suas atitudes porque eles também sentem-se responsáveis pelo filho.** Em outras palavras, são cúmplices dele.

Agora, se o rapaz de fato quiser ficar com a garota, terá de se modificar. A menos que esteja muito doente e prefira as atitudes folgadas à companhia — nesse caso, vai procurar alguém que não se importe com isso. Afinal, há muitas garotas folgadas também.

Entretanto, se um dia ele for pai, a folga está condenada a desaparecer, pois um filho pequeno tem de ser atendido no ritmo dele, não no dos pais. Um bebê que chora não vai aguardar pacientemente que os pais se disponham a atendê-lo.

A melhor solução hoje — convivência concentrada

Não é preciso esperar pelo destino. Existem métodos que podem ser aplicados hoje à família de Mário. Por exemplo, a convivência concentrada.

Quando o pai tiver de fazer uma viagem de negócios para bem longe, de preferência para o exterior, para um país cuja língua o filho desconheça, deve levá-lo junto, apenas pai e filho, sem amigos por perto. Não valem viagens de três dias, pois um comportamento mal-humorado pode estender-se por esse

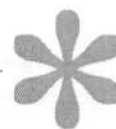
período. Pai e filho precisam conviver, no mínimo, durante uma semana para recuperar os parâmetros relacionais.

Nesse período, o pai dedica-se aos seus afazeres profissionais e, além disso, convive com o filho. Este que faça o que quiser enquanto o pai trabalha, porém os dois terão de se sentar juntos à mesa do café da manhã, do almoço e do jantar, além de dividir o mesmo quarto — se possível, sem televisor. A decisão do que comer é conjunta. Ainda que cada um peça o que quiser, precisarão negociar para escolher o restaurante ao qual irão juntos. Assim como essa, outras decisões conjuntas precisarão ser tomadas.

A convivência concentrada é uma espécie de soro na veia, contendo as bases de um bom relacionamento. Dá condições de restabelecer o vínculo entre pai e filho e permite um distanciamento dos vícios que não dependem só do folgado.

Provavelmente, o filho ficará mal-humorado nos primeiros dias e o pai, impaciente. Mas ambos terão que aceitar isso como se fosse parte do tratamento. Contudo, o que de início soa como castigo pode tornar-se um grande prazer, mas somente se a dinâmica familiar não for repetida, pois, se o pai titubear, o filho vai querer agir como folgado novamente. Numa situação hipotética, ele diz que não vai almoçar. Tudo bem, mas a atitude correta do pai seria a seguinte: “Então você vai comigo ao restaurante, vai se sentar ao meu lado e me fazer companhia”. Quando a fome apertar, qualquer teimosia será abrandada.

Para se reorganizar, o folgado tem que partir de um ponto com alguém que esteja disposto a reorganizar-se também.



2

A liberdade e os novos tempos

A melhor disciplina é a regida pela liberdade. Contudo, muitos pais perdem-se nela. **Liberdade é poder material e psicológico, mas só tem valor quando associada à responsabilidade. Liberdade absoluta não existe, pois está sempre relacionada a algo.**

O fato de uma pessoa estar sem atividade, sem fazer nada, não significa, obrigatoriamente, que ela seja livre. A liberdade individual é um conceito ou um estado de espírito que só se adquire após um autopreparo. Implica o reconhecimento dos próprios desejos e a capacidade de poder cumpri-los.

A liberdade está relacionada com a sensação de satisfação, de estar fazendo o que se tem muita vontade de fazer. Para quem estuda, férias podem ser a liberdade do estudo. Para quem trabalha, um descanso. Para quem não estuda nem trabalha, férias não têm significado. E o fato de não estar estudando não torna ninguém livre.

Existe liberdade apenas antes de uma escolha. Uma vez feita a escolha, ela

envolve responsabilidade e o conseqüente prazer em desfrutar essa escolha. Quem não conhece a liberdade individual pode se complicar muito em um relacionamento, pois a liberdade relacional é muito mais complexa e exige maior sabedoria para a convivência.

A criança não sabe o que é liberdade pessoal. Simplesmente faz o que *tem vontade de fazer*.

Quem é mais livre: a cigarra que canta ou a formiga que trabalha? Nenhuma das duas. Tanto a cigarra quanto a formiga seguem seu determinismo genético. O resto é fábula: “A cigarra canta e a formiga trabalha”. Ambas desconhecem a liberdade pessoal. O dom de cantar transformou a cigarra num arquétipo da liberdade, que, porém, só existiria de fato se fosse possível optar entre trabalhar e cantar e a segunda alternativa fosse escolhida.

No começo da vida, a criança é como esses insetos: instintiva. Quanto mais próxima estiver do nascimento, maior será seu determinismo biológico. Os animais irracionais fazem o que têm vontade e evitam o desconforto ou adaptam-se a ele. São regidos pelo princípio da necessidade instintiva (fome, sexo, território etc.) e sua respectiva saciedade. **Os seres humanos têm inteligência para sofisticar a saciedade dos seus instintos e superar as dificuldades, solucionando conflitos para atingir a felicidade. Uma criança naturalmente quer fazer apenas o que tem vontade.** É a educação adequada dada pelos pais que a capacitará a determinar o que deve ou não ser feito, com quem, quando e onde. É a inteligência que criou a civilização sobre o reino irracional.

Criança não é livre por natureza

Os pais ficariam mais tranquilos ao lidar com seus filhos se levassem em consideração o fato de que muitas das atitudes da criança são tomadas sem a mesma consciência do adulto. Com frequência, recriminações tão comuns, do tipo “Mas você não viu que ia cair?”, são injustificadas. Para fazer uma projeção sobre o que vai acontecer depois, a criança precisa ter vivido uma experiência

similar e aprendido com ela. Na hora em que pegou o lindo vaso de cristal que estava na mesa, provavelmente nem pensou que poderia quebrar. Queria apenas brincar. Ao ver o vaso quebrado, ela aprende que *os* objetos podem se quebrar. Só então passa a ser capaz de optar por quebrar ou não algum objeto.

Recentemente, um executivo e a esposa vieram me procurar porque ambos não agüentavam mais o comportamento do filho. O garoto fazia tudo o que queria, deixando a casa em grande desordem. Não os respeitava de modo nenhum. Era capaz de acabar com tudo o que encontrasse pela frente caso um desejo seu não fosse atendido. A mãe vivia em função do filho e também o pai, que era interrompido em seu trabalho por telefonemas constantes. Pasmem: o garoto só tinha oito anos de idade.

Em certa ocasião, estávamos dramatizando algumas situações. A cena era a seguinte: o garoto tinha acabado de quebrar um vaso porque havia sido contrariado e o pai deveria ter com ele uma conversa séria. O pai começou seu discurso da seguinte forma:

“Filho, eu sei que você quebrou o vaso sem querer e...”

Não precisava acrescentar mais nem uma palavra. A frase foi fundamental para chegarmos à conclusão de que, depois desse comentário inicial, nada do que ele dissesse faria o filho entender seu erro. Além de desculpar a atitude do menino, o pai tinha negado a emoção que o consumia, a raiva que o fizera quebrar o vaso com tanta força e, ao não confirmar a raiva do filho, dizendo que havia sido um mero acidente, o pai não só tirava a responsabilidade da criança; pior: agia como se soubesse o que se passava na cabeça do filho. A frase resumia o sistema educacional de toda essa família.

Aparentemente, aquele menino, filho único com dois adultos para satisfazer seus mínimos desejos, tinha a liberdade de fazer o que quisesse em casa. Mas quem olhasse no fundo de seus olhos perceberia quanto ele era impotente e infeliz.

Impotente porque tudo o que fazia não era reconhecido, não lhe conferia poder: “Foi um acidente!” Infeliz porque não tinha pais companheiros com os quais pudesse partilhar emoções. Ele chorava o velório da liberdade pessoal e

seus pais cantavam para alegrá-lo por meio da realização de suas vontades, apesar de estar angustiados internamente.

A raiz da timidez

Conforme o filho vai crescendo, os pais mostram-lhe o que ele deve ou não fazer. Aos poucos, vão dando algumas permissões. Quando estas faltam e no seu lugar há censuras sucessivas, críticas e reprovações às suas iniciativas, a criança pode crescer sentindo-se tão proibida a ponto de ela mesma proibir-se de fazer algo. Daí resulta a timidez, uma doença do ser humano.

A criança hipersaciada também pode tornar-se tímida. Afinal, os pais hipersolícitos atendem a todas as suas vontades e ela não aprende a se virar sozinha. Basta sentir-se desacompanhada dos pais em qualquer ambiente diferente ou diante de qualquer pessoa estranha que logo se vê atacada pela timidez.

A timidez é antinatural. O primeiro sinal de contato — isto é, de manifestação de relacionamento — do bebê com o mundo é o sorriso. O adulto desarma-se diante do sorriso de uma criança, pois sabe que não existem segundas intenções. Trata-se apenas de um sorriso. Pura expressão de alegria.

Uma criança sorridente é uma criança simpática, o orgulho dos pais. Por volta do oitavo mês de vida, quando passa a não querer ir para o colo de estranhos, torna-se antipática. Alguns pais não admitem essa reação, forçando o bebê a aceitar a pessoa que lhe é estranha como se fosse um amigo íntimo. Assim começa o mecanismo de auto-repressão da criança. Cada vez que os pais a reprovam por não aceitar alguém, ela o aciona, reprimindo suas defesas naturais para receber a aprovação dos pais. E assim deixa de ser espontânea. A timidez é a perda da espontaneidade.

A criança aprende fazendo tentativas. Erros e acertos são fundamentais. Se os pais não aceitarem os erros, criticando duramente o filho, ele próprio deixará de aceitar seus erros, perdendo, então, a liberdade de arriscar. Resta-lhe a obrigação de acertar sempre.

Acertar é agradar os pais. Logo, esse acerto é subjetivo, pois depende do critério que os pais utilizam para aprovar ou não a atitude dos filhos. A timidez é a perda da liberdade de tomar iniciativa.

Uma educação severa, em que o erro é castigado e o acerto nem sempre é premiado, gera pessoas tímidas. Portanto, a timidez é uma criação dos homens.

Quando a repressão é muito grande, a criança amolda-se e sofre calada. Caso não se adapte à repressão, ela seleciona ambientes em que pode ficar quieta e nos quais pode bagunçar. Essa é a explicação para aquelas crianças tímidas na escola e superbagueceiras em casa ou tremendamente obedientes em casa e indisciplinadas fora dela. Elas obedecem parcialmente à repressão na presença dos repressores. Na ausência deles, passam a reprimir os outros, a “delinquir”. É o método da gangorra: de um lado senta a timidez, do outro, a delinquência.

Mais um sufocado

Na infância, a família ajuda a superar a timidez: traz amigos para brincar em casa ou os convida para passeios. O problema se estabelece quando o jovem já não depende tanto da família e passa a fazer programas em que adultos não entram, a frequentar ambientes novos e a escolher os próprios amigos. Participar de atividades escolares ou de cursos extracurriculares pode ajudar. Complica-se, porém, quando o princípio em si é o relacionamento, não a atividade. Por exemplo, se o rapaz está muito interessado em conversar com uma menina, não o consegue fazer porque tem um medo exagerado da rejeição.

A timidez paralisa, preenche a cabeça com pensamentos de baixa auto-estima e insucesso. Tímidos têm baixa apreciação sobre si mesmos porque seus pais, excessivamente críticos, não lhes deram a segurança de ser amados, mas aprovados ou não.

A auto-estima, um depósito de amor saudável recebido dos próprios pais, é baixa nos tímidos, tornando-os sufocados. Uma criança que pode fazer tudo o que tem vontade, sem levar em conta a orientação dos pais, também não se sente

amada porque tem a impressão de estar solta no mundo, sem a proteção do abraço que a contém.

O valor da permissão

A permissão dos pais funciona como uma autorização para os filhos. Criar é fácil, difícil é educar. Assim, não basta permitir, mas conferir à permissão um caráter educativo. Muitas permissões nascem da impaciência, do cansaço, da preguiça, do comodismo e da perda de referência dos pais para educar. Educar dá muito trabalho. E essa permissão, às vezes, está implícita no olhar ou até mesmo no tom de voz, apesar de a frase ser “não pode”.

Quantas vezes ouvimos uma proibição com uma tonalidade de permissão! Por exemplo, a criança vai fazer algo e a mãe fala não. Ela percebe o tom vacilante da mãe, aproveita a brecha e faz assim mesmo. Nada lhe acontece. É a confirmação de que o *não* da mãe, no fundo, era um *sim*.

A criança está descobrindo o mundo. Tudo é novidade. O pode/não pode é um critério estabelecido pelos pais que terá consequências na conceituação da liberdade pessoal. É muito diferente o pai que permite e transmite ao filho o verdadeiro conceito de liberdade daquele que, exigindo demais, torna o filho um eterno revoltado: “Si hay gobierno, soy contra”.

Certa ocasião, atendi a uma adolescente que queria usufruir de tudo o que achava ter direito. O pai, por sua vez, vivia reclamando: “Você tem liberdade demais!” Ela retrucava: “Estou aprendendo a viver sozinha. Não quero ser como o senhor: tem dinheiro, compra uma televisão, traz para casa, põe a caixa em cima da mesa e só depois de seis meses liga o aparelho. Aí já perdeu até a garantia. Você é um avarento, um prisioneiro de si mesmo. Não consegue aproveitar nada da vida”.

Na infância, o pai nunca deixara esta filha nem as outras fazer nada. Comandava a família com pulso de ferro. Hoje, provavelmente, deve estar se perguntando: “Não sei o que aconteceu com minhas filhas, pois eu as criei tão bem. Onde foi que eu errei?” Na visão do pai, essa adolescente e as irmãs têm o

mesmo problema: liberdade excessiva.

O fato é que essas garotas não têm a liberdade verdadeira. Na infância, sentiram falta dela. Quando se viram livres do pai, empanturraram-se a ponto de ficar obesas de liberdade. Agora, são prisioneiras dela.

Nada permitir ou, no extremo oposto, permitir tudo são hábitos igualmente nocivos do ponto de vista educacional.

Limites — ontem e hoje

No passado, o limite era castrador e o castigo, corporal. Mesmo que o pai estivesse sem fazer nada, os filhos não podiam se aproximar. “Seu pai precisa descansar porque trabalhou”, dizia a defensora ferrenha dessa condição, sua esposa. Ou então: “Não sobrecarregue seu pai com essas coisas”. Muitos pedidos dirigidos ao pai não eram verdadeiramente necessidades, mas vontade de conviver com ele.

Porém, com essa barreira, o pai tornava-se uma figura distante, ameaçadora e punitiva. Cabia-lhe a tarefa de dar castigo quando a criança desobedecesse à mãe. Como resultado, esse tipo de educação gerou nos filhos uma revolta íntima e formou dentro deles um grande desejo: “Quando me tornar pai, serei diferente: carinhoso, afetivo, aberto a conversas, amigo do meu filho”. Com esse desejo, havia também o de sair de casa.

Com voz grossa, paciência curta e mão pesada, os pais mais adestravam que educavam os filhos. Se essa tivesse sido uma boa educação, estes saberiam como educar os próprios filhos.

Tal esquema pode não trazer problemas enquanto os filhos são crianças. A família é de fundamental importância para elas. Mas as crianças crescem, atingem a puberdade e depois a adolescência, e aí tal esquema vai à falência. Mais detalhes sobre essas mudanças podem ser encontrados em outro livro meu, *O Executivo & sua Família — O Sucesso dos Pais Não Garante a Felicidade dos Filhos*. Resumidamente: a puberdade é uma inundação de hormônios sexuais,

terremoto corporal e confusões mentais; estar em equilíbrio interior torna-se mais importante que com os pais; em busca da identidade social, os amigos são mais importantes que os pais. Se a importância do relacionamento entre pais e filhos pequenos está em ajudá-los a crescer, com os púberes está em associar-se a eles e com os adolescentes em pedir-lhes ajuda.

Formalmente, púberes e adolescentes poderiam até estar submetidos a seus pais, mas utilizavam recursos compensatórios. Prova disso é que nunca se saiu tanto de casa quanto na época da geração “sexo, drogas e rock’n’roll”. Os jovens punham o pé na estrada, querendo dar para si o que achavam de direito e que não recebiam dos próprios pais: independência, autonomia de escolha, liberdade de ação. A descoberta da pílula e a evolução da mulher provocaram a conhecida revolução sexual. O mundo mudou rápido demais.

Como nossos pais

O que aconteceu depois? Esses pais tornaram-se anti-repressivos, com dificuldade para impor limites aos filhos. Quando as crianças passam da conta, o medo de reprimir é tanto que os pais simplesmente as deixam fazer o que querem. Esse medo pode ser traduzido por: “Não devo dizer não, caso contrário, vou me sentir um pai autoritário e distante, assumindo o odioso comportamento do pai que eu mesmo tive”.

O impressionante é verificar que esses pais, que tanto reclamavam dos pais de outrora, acabam repetindo hoje, com seus filhos, muitos dos comportamentos e atitudes de seus próprios pais. Quando a situação fica intolerável, o pai, embora avesso a isso, vê-se obrigado a lançar à criança um retumbante — e muitas vezes inadequado — não. São os dois lados de uma mesma moeda: permissivo demais e autoritário.

E o filho questiona os pais: “Por que uma hora eu posso e outra hora eu não posso? Depende do seu estado de humor?” Essa reação afeta profundamente os pais por dois motivos: primeiro, porque o filho está denunciando a incoerência deles; segundo, porque, além disso, o filho está fazendo algo que eles nunca

fizeram com os próprios pais... e gostariam de ter feito.

Se por um lado eles o condenam, por outro o aprovam. O filho acaba realizando seu sonho inconsciente de não aceitar tudo pacificamente. Adquiriu a força de questionar — o que é muito bom —, resultado evidente do esforço que os pais fizeram para lhe dar uma educação saudável. Só que ao mesmo tempo é incômodo para os pais colher esse fruto: ninguém gosta de ser questionado. Esses pais, que não puderam dialogar com seus respectivos pais, estão sendo questionados pelos próprios filhos. É uma geração sanduíche, recheio pressionado por dois tipos diferentes de autoridade.

Por trás dos caprichos

Pais que permitem ser submetidos aos caprichos dos filhos estão lhes ensinando a ser assim também com outras pessoas: empregadas, professores etc. Esse filho lança o desafio: “Se até meus pais, que podem mandar em mim, não o fazem, quem são vocês para mandar em mim?”. Sente-se, então, o todo-poderoso.

Uma das queixas mais trazidas pelas mães ao consultório é de que o filho adolescente xinga e maltrata a empregada. “Não foi isso que eu lhe ensinei”, garantem elas. Mas tal comportamento não começou de uma hora para outra e denuncia a presença de algo semelhante no seio familiar. Pode ser que na infância ele não reagisse desse modo. Contudo, agora, na adolescência, ele manifesta seus pontos discordantes com vigor, repetindo os modelos familiares.

Talvez o filho não seja um folgado nem um caprichoso, mas uma vítima de pais que exageram, colocando limites demais. Quando a repressão é muito grande, o filho tem um modelo repressor internalizado e o externará sempre que puder. Ou seja, se sofre uma repressão dos pais, vai reprimir os mais fracos.

Os filhos usam tudo aquilo que aprendem a seu favor.

Filhos folgados, mas internamente inseguros, fora de casa podem submeter-se timidamente ao primeiro que lhes colocar um limite, um amigo ou professor, por incapacidade de reagir. Entretanto, como as crianças usam tudo a

seu favor, às vezes acontece o inverso: em casa submetem-se, para descontar depois na escola.

Felizmente, o ser humano tem a possibilidade de modificar o que não está bom, solucionando os problemas. O que passou já está escrito, mas o futuro não. Portanto, qualquer modificação pode ser realizada, desde que haja motivação suficiente.

Entre o poder e a submissão

A liberdade relacional é mais complexa que a individual. Requer muito mais saúde emocional. Implica ter consciência dos próprios desejos e ter a capacidade de satisfazê-los, sem prejudicar a liberdade alheia.

Sacrificar-se pelo outro, deixá-lo viver à sua custa, não é liberdade. Há pais que se sacrificam pelos filhos e é comum que afirmem: “Eu só estou bem se meus filhos estiverem bem”. Alguns pais partem direto do sacrifício para a acusação: “Eu trabalho por sua causa”. O adolescente defende-se: “Não pedi para nascer, vocês têm obrigação de cuidar de mim”. Embora proferidas por personagens diferentes, todas essas falas expressam falta de liberdade.

Vejamos o que acontece com a criança pequena. Ela entra no relacionamento praticamente receptiva a tudo o que a mãe fizer, desde que não ultrapasse suas capacidades. A criança não pode fazer nada além do seu limite biológico, mas pode deixar de fazer o que já consegue devido a um limite estabelecido pelos pais.

A mãe (ou a pessoa que a substitui) é a todo-poderosa de quem o bebê depende totalmente. Mas trata-se de um poder relativo. Justamente por ser adulta e responsável pela criança, ela tem de se submeter ao seu ritmo biológico (mamadas, sono, higiene). Nessa relação que estabelece com o bebê, a mãe é ao mesmo tempo poderosa e prisioneira. A maioria das mães tem essa consciência. Se não a tiver, adquire num instante.

Quanto mais a mãe conseguir encontrar satisfação nesses dois aspectos antagônicos (poder e submissão), levando em consideração o fato de que o

grande beneficiado é o bebê, mais saciada a criança estará. E essa saciedade será a pedra fundamental sobre a qual se somarão outras experiências de satisfação e de insatisfação. Saciedade é a base fundamental para a felicidade.

Em um primeiro momento, a mãe precisa entrar nesse grande sacrifício: acordar de madrugada para amamentar, prestar atenção aos mínimos movimentos do bebê, interromper o namoro com o marido ou a refeição para atender o filho. Depois, ela precisará se submeter a um esforço ainda maior para abrir mão desse sacrifício, porque representa, ao mesmo tempo, um poder muito grande sobre o filho.

O sacrifício de um ser humano não pode estar baseado no comportamento folgado de outro. A verdadeira felicidade deve ser boa para os dois.

Os pais precisam ficar atentos para perceber as iniciativas que seu filho toma para satisfazer seus desejos *e ter* a perspicácia de identificar as capacidades da criança. Devem lembrar-se a toda hora de que seu filho vai crescer e de que o gesto de amor mais profundo não é somente abraçar, pegar no colo, mas também estar presentes em todas as pequenas conquistas — assim, a criança adquire a confiança de fazer. E, uma vez que tenha aprendido a realizar algo, adquire a liberdade de fazê-lo ou não. Se não o faz, simplesmente, o filho não é livre. Ficou preso ao não fazer. E foram os próprios pais que o tornaram prisioneiro.

A criança quer companhia

No seu cotidiano massificante, a mãe passa o dia em meio a um turbilhão de afazeres — nem dá tempo de parar para pensar. Vamos supor que ela esteja brincando com a filha quando percebe que se aproxima a hora do jantar. Então diz assim: “Filha, você continua brincando que eu vou dar um jeito na cozinha”. É uma reação natural de toda mãe. O que a criança vai fazer na cozinha?

Diz a sabedoria popular que adulto trabalha e criança brinca. Só que a filha pode interpretar essa súbita interrupção de um modo diferente do que a mãe

pretendia. Ela pode sentir-se, de repente, triste e abandonada, como se não tivesse registrado a convivência anterior, só o abandono.

Como resolver isso? Tenho uma dica: em vez de deixar a criança sozinha, peça para acompanhá-la. “Filha, já brincamos bastante. Agora você vai ajudar a mamãe. Enquanto dou um jeito na cozinha, você arruma isso para mim?” Dê a ela uma tarefa que tenha capacidade de realizar.

Assim, mãe e filha continuam juntas e a criança tem a oportunidade de participar de uma atividade da mãe e de aprender a largar algo de que estava gostando -brincar com a mãe — para iniciar outra tarefa que não vai lhe custar nenhum sacrifício. Ela vai continuar se divertindo desde que não lhe seja cobrado o desempenho que um adulto teria ao realizar o mesmo trabalho.

A mudança de uma função para outra confere à criança uma plasticidade psicológica que vai caracterizar, na essência, a liberdade. Para a mãe, a ajuda é lúdica, gostosa, prazerosa. Para a criança, também.

Um filho que ajuda os pais em alguma atividade útil estreita o relacionamento com eles, ativa sua responsabilidade para com os outros, alimenta sua auto-estima e, conseqüentemente, melhora a qualidade de vida de todos. A ajuda passa a ser prazerosa, não um sacrifício.

O que não vale é mandar arrumar a mesa ou realizar uma tarefa qualquer em outro ambiente, porque o que a criança deseja é companhia. O objetivo dessa atitude é fazer com que ela fique com a sensação de que ajudou de fato. Mas não precisa exagerar: “Ah, se não fosse você, o jantar não sairia...”.

A disputa pela atenção

Quando o pai chega em casa, o que ele mais quer é paz para fazer o que não pôde durante o dia de trabalho: ver o noticiário da TV, acessar a Internet etc. E o que o filho mais deseja é brincar com o pai.

O filho, em busca de companhia, faz de tudo para chamar a atenção do pai. As crianças estabelecem com os adultos uma relação em forma de túnel: elas ficam de um lado, o adulto de outro. Se o pai der atenção para outra pessoa ou

mesmo para o jornal, o filho sente-se excluído. É como se o pai se instalasse numa das pontas do corredor, colocasse a televisão ou o computador no meio, e o filho ficasse na outra ponta. A relação com o filho foi bloqueada.

Os pais precisam encontrar um jeito, seja como for, de dar atenção para o filho no momento em que ele pedir. Não adianta enchê-lo de atenções quando ele não quer.

Se o pai fizer valer sua vontade com base na lei do mais forte (repreender, mandar ficar calado), o filho sentirá que ele não é seu companheiro. Daí começam a surgir brechas no relacionamento. No futuro, quando o filho desistir do contato, o pai vai lamentar.

O importante para o filho é a convivência e o companheirismo do pai. Se, por exemplo, o pai pegá-lo no colo enquanto lhe mostra um brinquedo, o que acontece? O pai se coloca ao lado do filho para observar o brinquedo que está na outra ponta do túnel. Da mesma forma, se o pai puser o filho ao seu lado, os dois terão diante de si a televisão e poderão assistir ao programa juntos. Contudo, para que o filho olhe para a TV, é preciso que o pai tenha olhado antes para o brinquedo. Caso não tenha captado o interesse do pai, o filho também não terá interesse em olhar para a televisão.

Papai é só meu

Um dos problemas mais sérios no relacionamento entre irmãos é que o primeiro perde o reino quando nasce o segundo, pois a casa passa a funcionar no ritmo da criança menor. Para evitar os ciúmes, é importante que os pais preparem o mais velho para receber o irmão mais novo. Uma dica muito boa é dizer-lhe que o mais novo mandou presentes e pedir também às visitas mais íntimas que tragam presentes e dêem especial atenção ao mais velho, pedindo que ele lhes mostre onde está o bebê.

É interessante que o pai perceba a problemática do maior e se esforce para compensar a perda da exclusividade familiar. O filho mais velho pode agarrar-se ao pai como uma forma de excluir o irmão menor da presença do pai.

Como superar todas essas dificuldades? Há um jeito: o pai pode pegar o mais velho e, como se fossem dois companheiros, ir juntos visitar o mais novo. Em vez de estar situado numa ponta do túnel e os dois filhos na outra, o pai coloca-se ao lado do filho mais velho, deixando o mais novo no extremo oposto. Desse modo, preserva seu relacionamento com o mais velho e apresenta o mais novo como um alvo de interesse para ambos, não como um adversário.

Uma criança satisfeita dá liberdade para os pais. Estando insatisfeita, exige atenção o tempo inteiro.

Há uma diferença muito grande entre o comportamento da mãe e o do pai no que se refere ao companheirismo em relação ao filho: normalmente, a mãe lida com a criança enquanto o pai limita-se a observá-la. Quando a criança se sente atendida também pelo pai, passa a reivindicar cada vez menos sua companhia, pois dentro de si tem a certeza de que é importante para ele. Tão importante que não faz mal se ele der um pouco de sua atenção para o computador ou o telejornal. Quando o filho exige exclusividade, é porque está se sentindo pouco importante. Para ele, a preferência do pai pela televisão, pela tela do computador ou pelo irmão mais novo significa rejeição.

Modelos que transmitimos

Pela própria convivência, os filhos absorvem o comportamento dos pais. É o “como-somos” que se transmite gratuitamente, sem intenção educacional. Em geral, o homem é muito objetivo e dirige sua energia a um determinado tipo de atividade. Mantém-se concentrado naquele assunto e não liga para os outros. A mulher é polivalente, atenta a tudo.

Quando ambos trabalham fora, no retorno ao lar, ele continua pensando no trabalho e ela, além de continuar com o trabalho em mente, também passa a preocupar-se com tudo à sua volta: como estão as crianças, se comeram bem, se cumpriram suas tarefas, se a casa está em ordem.

Exagerando, poderíamos dizer que o homem ou fala ou escuta. Ele não consegue falar e escutar ao mesmo tempo. Tanto que, quando os filhos falam

todos ao mesmo tempo, a frase predileta do pai é: “Um de cada vez”. Já a mãe tem a invejável capacidade de ouvir e falar ao mesmo tempo. E por isso sobrecarrega-se de tarefas, pois consegue ouvir todas as crianças. Só que ela não pode atender a todos ao mesmo tempo, embora sinta-se obrigada a isso. Por ter escutado todos — as limitações da realidade existem!

Enquanto o homem chega em casa à procura do seu canto, a mulher chega em casa e corre por todos os cantos. Ao observar a cena, a criança aprende que o pai fica sentado no seu “trono”, ao passo que a mãe se movimenta por toda a casa. Embora não entenda essa divisão de tarefas, o filho registra o modo como tudo ocorre. Querendo identificar-se com o pai, pode copiar o comportamento dele. Portanto, a mãe terá de correr por ele também.

Ao ficar sentada na sala, aparentemente sem fazer nada, é bem provável que a criança esteja adotando a atitude paterna. Então, nada mais natural que esperar que os outros venham atendê-la, oferecer-lhe cafezinho, chamá-la para o jantar.

A criança repete o modelo aprendido com os pais: ela não vai fazer nada e o outro tem de fazer tudo.

Se a mãe não estiver disponível, escolhe outras pessoas para servi-la. Sua vítima preferida é o irmão menor. Como o mais velho é mais poderoso em força física e em argumentação, ela impõe sua vontade ao mais novo, mesmo que este se recuse a ser um sufocado. Ele vai passar pelo sufoco de não poder contar aos pais que está sofrendo, pois corre o risco de apanhar do irmão.

Pressionado, o irmão mais novo defende-se: “Você vai ver quando papai chegar”. E o maior devolve com uma ameaça: “Você vai ver quando papai sair”.

Outro diálogo comum entre irmãos começa quando o menor diz: “Vou contar tudo para a mamãe”. O maior contra-ataca: “Vai, mulherzinha!”.

O mais novo sente-se atingido em seu brio. O mais velho sai vitorioso e aumenta ainda mais seu “poder”.

Mãe, dona-de-casa e

profissional

Nas últimas três décadas, a tradicional divisão de papéis entre homens e mulheres sofreu grandes alterações. Atualmente, ambos já não recebem mais uma educação formal tão diferenciada. As moças pleiteiam as mesmas faculdades e ocupam espaços cada vez maiores no mercado de trabalho. Com isso, a clássica divisão de tarefas pai/provedor, mãe/rainha do lar foi modificada. Agora, a mãe é sócia do pai na tarefa de arcar com as despesas da família. Mas nem por isso ela abriu mão de ser dona-de-casa e mãe.

Ao voltar do trabalho, sente-se culpada pela bagunça na casa, pelas lições e tarefas que os filhos não fizeram, pelo jantar que ainda não foi servido etc. A culpa nasce porque ela não cumpriu o que aprendeu pelo “como-somos” de como deve ser uma boa dona-de-casa: não se ausentar dela nem ficar longe dos filhos. Mal se dá conta de que saiu por motivos mais que justificados: trabalhar, ganhar dinheiro para a família e realizar-se como profissional!

O problema surge quando a mulher não incorpora esse trabalho com justiça e tranquilidade. Ao trabalhar fora, ela coopera com o marido para a sobrevivência econômica da família. Portanto, nada mais justo que, ao chegar em casa, também descanse como o marido. Mas para isso é importante que consiga abdicar do grande poder de rainha do lar e saiba dividi-lo com o marido e as crianças, que também têm que ajudar nas tarefas domésticas. Nada impede que o homem vá para a cozinha. E é ótimo que as crianças arrumem a casa, pois tornam-se independentes da mãe e reconhecem o valor do trabalho que antes a mãe fazia sozinha.

A mulher que trabalha fora tem a oportunidade de dismantelar o machismo que impera nas casas em que as mães não trabalham fora.

Entretanto, tudo tende a piorar quando o relacionamento conjugal não vai bem. O marido pode cobrar maior eficiência da esposa como rainha do lar, até mesmo sabotando o trabalho dela ou jogando os filhos contra ela. Porém não admite a idéia de quanto a família precisa também dos ganhos da mãe, pois isso o feriria no seu papel de macho provedor absoluto da casa.

A posição do pai

O pai também é responsável quando o filho se torna um folgado porque nenhuma dinâmica se perpetua se não houver convivência, mesmo que por meio do silêncio. Diante de situações em que o filho é um folgado e a mãe uma sufocada, o silêncio do pai funciona como aprovação do comportamento do filho.

O pai é culpado simplesmente por deixar acontecer. Ou, em casos piores, por usar o filho para oprimir a mãe, fazendo cobranças indevidas do tipo: “Você vive saindo e não olha por ele”. Maridos inseguros querem prender a mulher dentro de casa de qualquer jeito. Uma das melhores maneiras de atingir esse objetivo é fazê-la sentir-se culpada.

Em casos como esse, o pai deve interferir para ajudar mãe e filho a redimensionarem a situação. Senão, fica parecendo que se trata de um problema exclusivo de mãe e filho, quando, na verdade, é um problema de pai, mãe e filho.

Por ficar fora do jogo, o pai pode ter a falsa impressão de que está isento de culpa. Embora prefira manter-se na posição cômoda a que chegou, o pai tem responsabilidades a assumir. Precisa arregaçar as mangas e agir. Se o filho vir o pai ajudando a mãe, aprenderá um modelo de relacionamento em que as pessoas cooperam umas com as outras.

Pagamos caro por essa modificação do modelo machista que orientava nossa sociedade, porque tudo *aconteceu* rápido demais. Os conceitos podem até mudar depressa, mas os comportamentos não. Muitos pais pensam que deveriam ser e agir de maneira diferente. *porém*, na prática, fazem o mesmo que seus pais fizeram há trinta ou cinquenta anos. Portanto, os filhos recebem um modelo de comportamento bastante confuso.

Meus, seus e nossos filhos

Ninguém quer viver só. Mas também ninguém agüenta viver insatisfeito.

Se antigamente a consciência do dever era mais forte que a necessidade de sentir-se bem, hoje em dia está havendo maior equilíbrio entre dever e prazer. Hoje, insatisfações das mais variadas origens justificam separações conjugais.

Quando isso ocorre, em geral a mãe assume a guarda das crianças e o pai fica “solto”, com o compromisso de oferecer apenas diversão: restaurantes, passeios, mesada, tudo o que agrada às crianças.

Os dois muitas vezes tornam a casar-se com outros parceiros, estabelecendo vínculos muito diferentes dos anteriores: um homem-pai dentro de casa, em comparação ao homem-marido da mãe, mas não pai das crianças; a mamãe, em comparação com a esposa do pai, nem sempre mãe. Quando o novo casal tem filhos, a criança ganha meios-irmãos. Não é raro vermos famílias em que os pais se casaram e se separaram diversas vezes, reunindo, sob o mesmo teto, filhos de dois ou três casamentos diferentes.

Se a convivência não for muito bem esclarecida, os filhos tirarão proveito da situação, favorecendo comportamentos folgados. **Por exemplo, se a esposa do pai estabelecer algo que o enteado não aceita, o primeiro argumento utilizado para desautorizá-la é: “Você não é minha mãe”.** Na situação inversa, esse torpedo pode ser dirigido ao padrasto. É interessante que isso só seja usado na hora do incômodo, porque os agrados os enteados aceitam todos.

Em geral, a mulher é muito mais mãe que fêmea. Assim como o homem é muito mais macho que pai.

Então, se o filho for mal-educado com seu novo marido e este tomar alguma atitude punitiva que ela julgue inadequada ou, o que é mais comum, que o filho apresente como sendo imprópria, ela não tem dúvidas em ficar ao lado do filho, desautorizando a figura do marido. Ora, por que o filho vai obedecer a alguém que nem reage quando sua mãe fala?

E por que o homem não reage? Um dos motivos é querer preservar a fêmea. Tanto que muitas vezes ele abandona seus filhos com a fêmea anterior e assume as crianças da nova esposa. Mas aí do seu próprio filho se este desrespeitar sua atual mulher!

Em uma casa onde, para uma mesma situação, o pai diz “vinho” e a mãe

diz “água”, o filho “desanda”...

Os novos papéis conjugais

Felizmente, algumas pessoas já não são mais prisioneiras desse modelo. Há pais que reivindicam o direito de ficar com os filhos, o que era inviável até alguns anos atrás, embora a lei da separação ainda confie a guarda à mãe.

As mulheres, por sua vez, estão permitindo um tempo maior de convivência das crianças com os pais, porque também precisam trabalhar. Com isso, os filhos sentem-se mais valorizados pela figura paterna e têm a possibilidade de provocar mudanças maiores quando chegar sua vez de ser pais. Daqui a alguns anos, provavelmente teremos uma constituição familiar bastante diferente da patriarcal e machista.

Muitas vezes, o compromisso conjugai abafa o indivíduo, fazendo com que os pais exijam demais dos filhos, ao passo que, quando esses casais se separam, conseguem atender às necessidades individuais e estendem esse atendimento às necessidades dos filhos.

A mãe que guardou o diploma universitário para virar rainha do lar, reprimiu-se e deixou-se reprimir pelos pais, pelo marido e pela sociedade ao dedicar-se exclusivamente aos filhos tende a cobrar destes a responsabilidade de sua satisfação. Ao lutar por sua liberdade, numa eventual separação ou numa crise de identidade, começa a entender melhor as necessidades dos filhos.

Ao se libertar do pesado fardo de ser os únicos provedores do lar, os pais também estão mudando seu comportamento perante os filhos. Deixar de ser o chefe em uma família para ser o marido em outra altera seus pontos de vista. Ele não é mais tão autoritário. Respeita as próprias necessidades e passa a respeitar mais as dos filhos. Passa a lidar com eles em vez de só cobrar. Nesses casos, quem sai ganhando são os filhos. Os novos pais participam mais de suas vidas. São muito companheiros. E essa convivência é fundamental para a disciplina.

O que mais mudou?

Os costumes dos nossos filhos não dependem só do que eles aprendem dentro de casa. **A educação escapou ao controle da família porque, desde pequena, a criança já recebe influências da escola, dos amigos, da televisão e da Internet.** Desse modo, entra em contato com modelos diferentes de funcionamento muito mais cedo.

As etapas do desenvolvimento biológico permanecem as mesmas. Nas últimas décadas, porém, a cada dez anos, a puberdade tem antecipado seu início em seis meses. Cada vez chegam mais informações em menor tempo, provocando enormes diferenças comportamentais até em irmãos com diferença de apenas cinco anos entre si. Não raro, o irmão menor pergunta ao que tem cinco anos mais: “Já existia isso no seu tempo?”. Ou afirma: “Xi... essa música é do seu tempo!”.

Antes da era da televisão e da emancipação da mulher, o sistema educacional estava basicamente centrado na família: aprendia-se por meio da convivência com pais e irmãos.

Ele (o pai) podia até ser viajante e ficar longos períodos fora de casa. Mas a mãe o representava e apelava para a figura dele na hora de resolver os problemas, ameaçando: “Você vai ver quando seu pai chegar”.

A emancipação da mulher fez com que ela começasse a ausentar-se de casa. Veja: pai e mãe não trocaram de lugar. Não é porque a mãe passou a sair que o pai resolveu permanecer no lar. Só que a criança não pode ficar só. Ela não tem capacidade física nem psicológica para lidar com as ocorrências do dia-a-dia de uma casa.

Nos arranjos atuais, a criança de famílias que dispõem de recursos econômicos suficientes é confiada a três tipos de situação que se complementam: atividades “educativas” (berçários e pré-escolas, semi-internatos, judô, natação, balé ou clube); terceiros (avós, empregadas que, em geral, possuem uma formação diferente da dos pais e que nem sempre têm tanto preparo ou empenho para cuidar de crianças); e babás eletrônicas (televisão e diversas parafernalias

eletrônicas que prendem a criança em casa — quanto mais abonada for a família, maior será a oferta desses equipamentos). Já nas classes mais pobres, a criança fica trancada em casa mesmo e a maior, às vezes com apenas cinco anos de idade, encarrega-se de cuidar das menores.

Portanto, não é porque a mãe trabalha fora que a criança ficará abandonada. A mãe tentou substituir sua presença com atividades e/ou pessoas. Seja como for, essas atividades e pessoas acabam fazendo parte da vida infantil muito cedo. E é comum os pais não terem conhecimento do que o filho fez ou deixou de fazer, com quem andou etc.

Os pais precisam estar bem informados sobre o que se passa com seus filhos durante sua ausência. Junto deles, os filhos podem ter um comportamento muito diferente daquele que têm quando estão ao lado de outras pessoas.

Os filhos sentem-se amados pelo interesse que os pais demonstram mesmo não estando com eles o dia inteiro. E seguros quando os pais tomam atitudes repreensivas ou aprovativas, porque nelas encontram referências.

Tal acompanhamento previne que, na adolescência, ocorram situações desagradáveis ou até graves, que só são descobertas quando se complicam. **Hoje em dia, os pais descobrem que seus filhos estão fumando maconha depois de um ou dois anos de uso.** Sugiro, sobre esse assunto, a leitura do meu livro *Anjos Caídos — Como Prevenir e Eliminar as Drogas na Vida do Adolescente*, em que abordo esse problema mais detalhadamente.

Expectativas para o futuro

O futuro acena com outras possibilidades. Estamos chegando a uma era em que os seres humanos não precisarão mais sair tanto de casa. A informática criou uma nova categoria de trabalhadores: os *homeworkers*, que trabalham em casa diante de um computador e se comunicam com as empresas por e-mail. Não há mais necessidade de ir ao supermercado para fazer compras, nem ao banco para cuidar das finanças. Tudo isso pode ser resolvido facilmente por fax, telefone e Internet. Desse modo, a tendência é aumentar o número de horas de

permanência dos pais dentro de casa. Se a qualidade da convivência for boa, provavelmente teremos uma geração mais saudável.

Os pais precisam estar atentos à questão da convivência. Devem observar que os filhos não exigem ação dos pais o tempo todo. Mas exigem, a cada tempo, um pouco. Por isso, vale a pena atender na hora em que o filho solicita.

Obviamente, o pai não interromperá uma transação importante a cada solicitação. Porém, terminada essa operação, não custa nada ir até a criança e perguntar o que ela deseja. É assim que se ensina o filho a esperar. Pode ser que o filho já tenha resolvido seu pequeno problema, ou até esquecido o que queria e não queira mais nada. Contudo, vendo o olhar do pai atencioso, terá a certeza de que, se precisar, será atendido. Essa é a base da segurança.

Se você, pai ou mãe, pode interromper seu trabalho em casa para atender a um telefonema que não escolhe hora, também terá disponibilidade para fazer pequenas pausas e, assim, dar a atenção necessária ao seu filho. O atendimento diário da criança custa muito pouco. O não atendimento acumulado causa uma falência na estrutura da personalidade que, futuramente, pode custar muito caro.

Há, no entanto, filhos que interrompem os pais a cada cinco minutos com os pretextos mais variados, chegando ao ponto de atrapalhar o trabalho. Nesse caso, o perigo de que a criança torne-se uma folgada é imediatamente afastado se os pais estabelecerem algumas regras.

Uma solução possível é combinar um horário para as pausas: a cada hora, por exemplo. Se a criança for pequena, arranje um relógio de ponteiros e ensine que *você* não pode ser interrompido até o ponteiro chegar em determinado número, quando então fará um intervalo só para ela. Antes, nem pensar.

Um jeito de trocar o script

Repare em algumas mães que chegou à escola com seus filhos. Observe se carregam nas costas todo o material escolar das crianças enquanto elas brigam entre si ou correm pelas ruas, leves e soltas. Não parece

estranho três filhos em total liberdade enquanto todo o peso é sustentado pela mãe?

Esse quadro, muito comum, revela uma mãe sufocada e filhos folgados. E isso é apenas o que você pode ver. Imagine como deve ser a vida dessa mulher em casa: as três crianças brigando sem parar e ela tentando estabelecer a paz, ao mesmo tempo em que cuida dos afazeres domésticos.

Não foi de um dia para outro que a situação chegou a esse estágio. Primeiro, a mãe carregou a mochila do pequeno. Já que fez para um, teve de fazer para o outro. E se fez para dois, por que não fazer o mesmo para três? Afinal, ela é uma mãe tão dedicada!

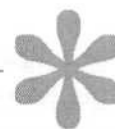
A atitude correta seria a mãe carregar a mochila pesada, enquanto as crianças levariam pelo menos alguns cadernos, de acordo com a capacidade delas. E com o tempo atribuir-lhes mais peso, aos poucos, até que tenham condições de carregar a própria mochila. O mais velho poderia começar levando uns cinco cadernos; o do meio, dois; e o menor, uma borracha.

A mãe teria mais tempo de conviver com os filhos se não trabalhasse tanto para eles.

E o pai, que vê a mãe carregando tudo? Por que deixa isso acontecer? Quando é ele quem leva os filhos à escola, nem se dá o trabalho de descer do carro. E, se descuidar um pouco, é capaz de nem conversar com eles durante o trajeto, pois precisa ouvir as notícias pelo rádio. Esse pai deve abrir os olhos. E também os ouvidos, porque os filhos falam. Mais ainda: abrir os braços para ajudá-los no que precisarem.

Esse pai precisa alterar seu comportamento e vencer o ranço de sentar-se no sofá e ficar ali, diante da TV, esperando a mulher chamar para o jantar, ou pelo menos não permitir que haja abusos dos filhos em relação à mãe.

E, principalmente, parar de criticá-la.



3

A guerra para arrumar o quarto

Aos dezoito anos, Josias passa a maior parte do dia em seu quarto. Sua mãe, obsessiva-compulsiva por ordem e limpeza, vive arrumando a casa. Naquele quarto, ela não pode entrar, o rapaz não deixa. Mas, na ausência dele, entra — mesmo sem permissão — e põe tudo em ordem.

Se o filho sentou na cama e fez uma ruga na colcha, por exemplo, a mãe corre para esticar. Na sala, ele não pode se sentar, porque o sofá, as cadeiras e as poltronas estão todos cobertos por plásticos. Josias não se sente à vontade em nenhum canto da casa.

Uma vez, ao voltar de uma viagem ao exterior, o rapaz teve de ir para a casa de campo da família, pois sua mãe estava fazendo faxina na casa. Para a mãe de Josias, a limpeza é mais importante que o filho.

Já que não podia fazer nada em casa, Josias tornou-se o maior bagunceiro fora dela. Migrações escolares viraram rotina em sua vida: ele sempre era expulso por bagunça. Se bem que hoje não se usa mais a palavra expulsão.

Delicadamente, diz-se que ele foi “convidado a retirar-se” da escola. Josias conseguiu organizar-se graças à bagunça fora de casa.

O quarto é fundamental para o adolescente

O adolescente precisa ter seu próprio espaço — um quarto ou, pelo menos, um canto qualquer da casa. Isso não é novidade. Há uns vinte anos, atendi a um adolescente trazido pela mãe. Ela achava que o filho tinha enlouquecido. Motivo: o rapaz havia criado um cachorro dentro do seu quarto e o treinara para morder qualquer um que entrasse ali, exceto a empregada. Mais especificamente, ele mantinha um pastor alemão no seu quarto.

Moravam num apartamento a mãe, a avó paterna, a empregada e ele, o único homem da casa. O pai havia se separado da mãe e vivia no exterior, mas arcava com todas as despesas da família. Sua única exigência era que o garoto fosse bem tratado. A avó e a mãe disputavam esses cuidados. Se a mãe fazia algo, a avó desmanchava para fazer do jeito dela. Ambas viviam arrumando o quarto dele.

O adolescente teve um pouco de paz quando passou a trancar a porta do quarto e a levar a chave consigo. Até que, um belo dia, ao repetir o gesto costumeiro de tirar a chave do bolso e abrir a porta do quarto, teve uma surpresa: estava tudo arrumado com a cara de sua mãe. “Mexeram nas minhas coisas”, disse ele, revoltado.

A mãe havia conseguido uma cópia da chave. Seu esquema de segurança tinha sido burlado e sua privacidade invadida. Tudo para fazer arrumação. Como a chave já não funcionava mais, ele resolveu criar um cão de guarda. Era um gesto extremo em defesa da sua privacidade. Porém, como o poder estava com a mãe, ela interpretou a atitude do filho como indício de loucura.

Entre a caverna e o templo

O quarto do adolescente (ou seu canto) é sua caverna e seu templo. Mais que uma identidade definitiva, o quarto reflete seu estado de espírito, as crises pelas quais está passando. O adolescente transfere para aquele ambiente, que considera seu, o que se passa no seu interior.

É uma caverna porque ele se esconde nesse lugar com tendência à escuridão e à bagunça, com restos de pizzas, sanduíches e latas de refrigerante misturados a livros e revistas. É também um templo porque lá pratica sua religião: recebe os amigos, ouve música. Um espaço nobre é reservado ao seu instrumento ou objeto predileto: a bateria, a guitarra, o aparelho de som, a televisão, o computador...

A caverna é onde ele libera seus instintos mais primitivos; já o templo é um ambiente mais elaborado, mais sofisticado, onde ele sonha — é como se, no lado da caverna, largasse o corpo e, no lado do templo, cuidasse da sua vida.

Quando o adolescente se sente mal, o lado caverna fala mais alto. Se ele está deprimido, sentindo-se rejeitado, sozinho no mundo, e tendo a sensação de que suas atividades não rendem, a caverna vira uma bagunça e pode até invadir o espaço do templo para desorganizá-lo também. Reina, assim, a escuridão.

Ao sentir-se bem, ele se solta e caminha em direção à luz. A tendência é arrumar o quarto partindo do templo para a caverna, porque privilegia o primeiro: é mais fácil manter o templo em ordem que a caverna. Esta é mais susceptível aos seus estados emocionais menos agradáveis, às suas oscilações de humor.

O adolescente nem sempre estica os lençóis, mas sempre afofa o travesseiro. Só quando se sente muito bem é que a caverna torna-se clara, limpa, um lugar ordenado. Mas com a ordem dele, que, em geral, não coincide com a ordem da mãe.

Dois modos distintos de organizar

Os adolescentes ficam furiosos quando as mães arrumam seu quarto,

salvo raras exceções, porque o fazem de um modo completamente diferente. A mãe arruma tudo esteticamente, pensando na forma, no equilíbrio, na aparência e na imagem (o que os outros vão dizer). Os livros, por exemplo, ela separa por tamanhos e cores.

Em geral, um quarto arrumado de acordo com a estética materna não é a caverna do filho, onde cada objeto, foto ou livro tem uma história e um local próprios, obedecendo a critérios e valores que não coincidem com os dessa estética.

O adolescente arruma suas coisas de um jeito prático, isto é, atento aos resultados, de modo a facilitar a realização dos seus desejos. Muitas vezes, a aparente bagunça sobre a mesa é, na verdade, uma organização por temas de acordo com seus interesses imediatos: o que ele está estudando no momento fica por cima, o que já foi fica embaixo, independentemente do tamanho ou da quantidade de folhas. Muitas vezes, no meio de um livro, há um caderno e uma caneta prontos para quando ele precisar. Pode até deixar o livro grande que está usando sobre o pequeno que já usou, criando uma perigosa pirâmide invertida!

Infalivelmente, a mãe coloca o livro pequeno em cima, o grande embaixo e o filho reclama: “Desarrumaram meu quarto!” E depois disso ele não encontra mais nada. Ambos precisam entender que os princípios de arrumação de cada um são diferentes. Não se trata de bagunça pura e simples, pois existem critérios.

Diferenças entre meninos e meninas

Tem-se a impressão de que quarto de menina nunca é uma caverna. Mas, na verdade, também é um quarto desarrumado. Por causa dos modelos femininos existentes, a menina é um pouco mais cuidadosa com a arrumação (ainda que aparente) do seu quarto.

Entre as garotas, são muito comuns os ícones do templo: as bonecas, que têm significados históricos, as fotografias das pessoas queridas em trânsito naquele momento ou já transitadas e, no sacrário do templo, seu diário. Mesmo

que não possua um quarto só para si, terá uma gaveta com seus segredinhos, na qual ninguém pode mexer.

Existem bagunças fisiológicas no quarto das garotas quando estão se preparando e se vestindo para ir a algum lugar importante. Experimentam quase todas as roupas, as das irmãs, da mãe e até... dos irmãos! As roupas que não servem ficam onde caírem: em cima da cama, sobre a cadeira, no chão... Até parece que um furacão passou por ali. É importante, no entanto, que, depois do vendaval, ou quando voltarem para casa, as próprias garotas guardem tudo. A mãe tem que resistir ao ímpeto de arrumar a casa, mesmo que as meninas cheguem tarde e muito cansadas. É natural que a mãe queira arrumar tudo para depois ficar “babando” de amor por vê-las dormindo serenamente, tão belas e felizes! Aliás, todos os filhos são maravilhosos quando estão dormindo...

Nada impede que as meninas tenham cavernas, como os meninos. O que importa, no entanto, é entender que, num caso ou noutro, o quarto é uma extensão do corpo e da alma do adolescente.

Como a adolescência é um segundo parto, em que o ser humano desprende-se do núcleo familiar para procurar seus próprios caminhos, para sair da família e entrar na sociedade, é natural a manifestação doméstica desse parto: o quarto muda de cara, deixa de ser um quarto de criança e transforma-se no de um adolescente.

Assim como o comportamento juvenil às vezes destoa muito das atitudes paternas, o quarto também pode destoar bastante da casa.

Em pouco tempo, esse quarto pode trocar várias vezes de feição. Não é o que acontece com a casa. O jovem passa por várias mudanças comportamentais, ao passo que os pais permanecem quase sempre estáveis. São poucas as mudanças vividas por eles.

Portas trancadas

Nesta fase, acontece outra modificação importante: os pais, que estavam bastante acostumados a entrar no quarto dos filhos quando estes eram crianças,

um dia encontram a porta fechada a chave.

Quando pequeno, o filho chamava os pais para lhe contar histórias. E era sempre a mesma. Não se podia pular nem uma linha. Toda diferença era assinalada e a criança dizia para repetir tudo exatamente igual, como num ritual de amor.

Os pais tomavam o cuidado de deixar o quarto das crianças na penumbra. E, com a porta do seu quarto aberta, ficavam atentos aos mínimos ruídos, à respiração da criança, à tosse, a um eventual engasgo do bebê.

Imagine a cena: os móveis comprados pelos pais, todos lembrando a infância, quadros de patinhos e ursinhos espalhados pela parede, um anjo da guarda no alto da cabeceira e a criança deitada no seu sono de paz.

Eis que, de repente, os pais querem entrar no quarto e descobrem que a porta está trancada. Algo aconteceu! Os quadros de ursinhos deram lugar aos pôsteres de ídolos da música, do cinema, dos esportes. O cabideiro está mais cheio que o guarda-roupa.

Os pais são recebidos às vezes na porta, pelo filho em pé. Como quem diz: “O que vocês querem?” A sensação é de que são intrusos no quarto, estranhos àquele ninho.

Chega então o dia em que os pais fecham a porta do próprio quarto não porque querem namorar, mas porque não conseguem dormir com o barulho das guitarras alucinadas que vem do quarto do filho. Repare no contraste: antes prestavam atenção até na mínima respiração. Hoje são obrigados a engolir o som alto.

“Antes som do que mãe acompanhando”, dizem muitos “aborrecentes”.

Desde que surgiu a Internet, e o computador passou a “residir” no quarto dos filhos, as portas fechadas incorporaram novos significados. O jovem tranca-se no quarto não só para se isolar dos pais e ouvir no mais alto volume suas músicas preferidas, mas muitas vezes para conectar-se com o mundo inteiro. Ele não conversa mais com seu vizinho, nem mesmo por telefone (durante horas!) com o colega da escola. Agora está batendo papo virtual com alguém que mora

na Nova Zelândia ou em qualquer outro lugar do planeta.

As temidas invasões

Ao entrar no quarto, a mãe perturba a caverna. Ela não agüenta ver a bagunça, como se ter filho bagunceiro fosse um demérito dela. Então, ou ela entra e tenta arrumar, ou simplesmente passa a não entrar mais.

Arrumar as coisas para ela significa, para o filho, desarrumar. Imagine a postura corporal de um garoto depressivo: ombros caídos, costas arcadas, falando para dentro. Ao arrumar seu quarto, é como se a mãe chegasse e dissesse: “Erga a cabeça, estufe o peito, fale para fora e não resmungue”.

Ao mexer na forma, na aparência, no equilíbrio estético do quarto, é como se mexesse no corpo do filho, corrigindo a postura resultante da depressão. Ninguém gosta de ver um filho deprimido, como também ninguém gosta de ver um quarto bagunçado. Só que as depressões não se curam de fora para dentro.

Quando as mães arrumam um quarto seguindo o estilo da casa, para que se torne um aposento dentro da unidade do lar, quebram a individualidade juvenil. É uma tentativa de laçar o filho com o cordão umbilical, reduzindo o quarto aos costumes da casa e o adolescente à infância, quando estava sob o controle dos pais.

Freqüentemente, esse aperto familiar materno provoca, no filho, uma saída a fórceps, ou seja, quanto mais a mãe arruma o quarto, mais ele precisa desarrumar para adquirir sua própria identidade. O fórceps escolhido é proporcional à falta de privacidade sentida pelo adolescente.

Se a mãe tolerasse a bagunça, provavelmente o filho encontraria seus próprios parâmetros, porque ninguém agüenta viver em absoluta falta de referências a vida inteira. Ele procura uma roupa e vai encontrá-la suja; não terá uma meia limpa para vestir; não encontrará os livros nem os cadernos de que precisa em determinado momento. Chega uma hora em que o adolescente acaba organizando-se mentalmente por necessidade de sobrevivência.

Há mães que fecham a porta do quarto como se fosse o quarto de despejo.

E, para muitos adolescentes, o quarto é isso mesmo, um espaço onde podem depositar suas coisas longe da vigilância materna. Uma casa sem um quarto de despejo tem sempre um armário ou, na ausência dele, uma gaveta da bagunça.

E o jovem precisa dessa bagunça. Faz parte da sua formação. O que os pais podem fazer para ajudar é restringir a bagunça a determinado lugar, nem que seja apenas uma gaveta. E aquilo deve ser respeitado.

Os pais precisam dar um tempo ao adolescente. Nos momentos em que o filho estiver bem, ele vai querer receber os pais no templo, porque sabe que aquele é o ambiente que os adultos desejam.

O campo de guerra da família

Com frequência, o quarto do adolescente acaba virando palco de terríveis brigas familiares. A bagunça do quarto é uma área espinhosa no relacionamento entre pais e filhos porque, embora reflita a liberdade individual do adolescente, pode constituir um desrespeito à liberdade relacional.

Mesmo ocupado pelo filho, o quarto pertence ao todo da casa, por isso, muitas vezes, começa uma briga por território. A mãe, por ser a rainha do lar, acha que tudo que diz respeito à casa é responsabilidade sua. Se não organizar todos os aposentos, inclusive o quarto do filho, é como se não tivesse cumprido bem seu dever de cuidar da casa. O filho reage, alegando que o quarto pertence a ele. Como sair desse impasse?

O quarto bagunçado pertence à casa tanto quanto o filho (com suas roupas estranhas) pertence à família. Se ao sair para jantar os pais o forcarem a trocar de roupa, correrão o risco de perder a companhia. Provavelmente, ele vai preferir a roupa.

O adolescente deve ser respeitado até o momento da inadequação. Se o quarto tiver de pertencer à casa de qualquer maneira, os pais estarão negando ao filho sua adolescência. Caso a família insista que o quarto se pareça com os demais cômodos, estará anulando a individualidade de que ele tanto necessita

naquele momento. Falta-lhe um lugar para crescer.

Quanto mais problemático for o segundo parto, mais o quarto destoará do restante da casa.

Filhos saudáveis não vivem esse conflito com tamanha intensidade, pois estão seguros de sua individualidade e não precisam desse reforço material.

O quarto deveria ser considerado um imóvel tombado pelo patrimônio histórico. A aparência externa deve ser mantida, já o interior pode ser modificado conforme o morador. Não é possível derrubar paredes, mexer na pintura externa — mas, internamente, o adolescente pode usar e abusar dele.

No entanto, tudo tem limite. A medida certa de respeito ao templo e à caverna recomenda que as fronteiras caiam por terra quando existe a suspeita de que o filho esteja usando drogas, assunto com o qual não se brinca. Quanto mais *cedo* e adequada for a interferência, melhores serão os resultados. Nessas circunstâncias, um filho perde o direito à privacidade do quarto, pois ela pode estar sendo um recurso para esconder o uso de drogas. Respeitar o quarto, nessa situação, transforma-se em convivência com o usuário.

É preciso que os pais procurem a droga, nem que para isso seja necessário virar o aposento do avesso. Tem privacidade quem merece nossa confiança. No meu livro *Anjos caídos*, falo bastante sobre a mudança comportamental do usuário de drogas. É essa mudança que justifica e exige que os pais encontrem no quarto as possíveis provas de que suas suspeitas não são infundadas.

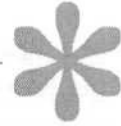
Espaço de convivência

Quando dois ou três irmãos dividem o mesmo quarto, às vezes é preferível comprometer a estética da casa e construir uma separação para fazer dois quartos e garantir a cada um seu próprio espaço. Sobretudo se há dificuldades na convivência: um gosta de dormir de luz acesa, o outro não; um tem mania de ficar vendo TV até tarde, o outro gosta de dormir cedo, sem barulho; um precisa estudar enquanto o outro quer ficar ouvindo música.

Atualmente, por causa do progresso tecnológico, o espaço comum da

família está diminuindo. Resultado: a convivência também está diminuindo. Cada um isola-se no seu quarto com uma parafernália eletrônica. Se por um lado é bom que cada um veja o que quiser no seu computador e na sua televisão, e escute suas músicas preferidas no aparelho de som, por outro, tal separação limita muito a convivência familiar.

Se os pais derem prioridade à convivência com os filhos, precisa haver uma área comum, talvez uma sala confortável, em que possa ser feita bagunça. No entanto, atenção: não confunda sala íntima com a formalidade da sala de visitas, que é um lugar que a mãe faz questão de manter em ordem, com todo o direito. Todas as casas têm um lugar que é formal. Precisa haver, também, um lugar de bagunça conjunta, no qual a família se reúna e conviva.



4

Hora de estudar

A geração que antecedeu a emancipação da mulher preocupava-se excessivamente com o dever. Na década de 60, os hippies, com a ideologia de paz e amor, viraram esses valores de cabeça para baixo: romperam o compromisso com o dever para viver o prazer. Embora tenham sido criados sob o signo do dever, obrigaram-se a dar prazer a seus filhos. A única responsabilidade exigida das crianças era estudar.

Justamente nessa época, as escolas públicas municipais e estaduais brasileiras começaram a falir. Diante disso, os pais passaram a matricular seus filhos em instituições experimentais e particulares, onerando o orçamento doméstico. Eles dispunham-se a pagar o que fosse preciso para dar um bom estudo às crianças. A oferta era excelente; apesar disso, os filhos não sabiam como aproveitá-la. Isso ocorreu porque os pais dedicaram-se ao que se referia aos estudos, descuidando de outras áreas. Esse fato acabou trazendo consequências nocivas para os estudos: acostumados ao relaxo e à falta de limites em outras esferas da vida, muitos adolescentes não aprenderam a estudar.

De pouco adianta determinar e controlar o horário de estudo do

jovem em casa. Ele que estude quando e como puder. O mais importante é que aprenda e demonstre que aprendeu. Estudo é essencial. É obrigatório. Portanto, não cabe negociação. Talvez tenha notas altas, mas isso não diz tudo. Existe a cola, a sorte etc. O melhor método para verificar se o jovem está aprendendo é pedir-lhe que dê uma rápida “aula”, com suas próprias palavras, sobre o que estudou.

“Decoreba” não é aprendizado. A matéria fica na memória flutuante até ser descartada. Esse aprendizado é perecível, com um tempo de validade curtíssimo. O aluno não repete só no final do ano letivo. A repetência começa a ser percebida na primeira avaliação. Os pais têm de ajudar o filho a organizar-se desde o começo das aulas, a dividir o conteúdo das matérias que lhe são mais difíceis para que possa estudar um pouco todos os dias e depois dar aquela “aula” aos pais, ao irmãozinho ou a qualquer outra pessoa. É impossível aprender num dia só, ou na véspera da prova, tudo o que não foi estudado durante um ou dois meses.

Quem precisar refletir mais sobre esse tempo encontrará outras idéias e dicas em meu livro *Ensinar Aprendendo — Como Superar os Desafios no Relacionamento Professor-Aluno em Tempos de Globalização*.

Aprender é como comer

Fazendo um paralelo com a alimentação, as pessoas podem escolher alimentos quando têm muito o que comer. Quando não têm, comem o que houver à disposição. Os pais da geração do dever tinham muito o que comer e para os filhos não custava nada comer ou não. A mãe podia preparar pratos pensando na preferência do filho e este simplesmente olhar para a comida e exclamar: “Não quero nada disso!”.

Desesperada, com medo de que o filho enfraqueça, a mãe não consegue deixá-lo chegar à fome para comer o que ela preparou. Então oferece alternativas: “Você quer um ovo frito? Um sanduíche? Um macarrão instantâneo?”. Precisa ser alguma coisa rápida. Em geral, essa criança só come o que

não é muito nutritivo.

A mãe conhece os gostos do filho, esforça-se para oferecer o que ele gosta, e sempre mais do que ele consegue comer, e este, com uma única frase, destrói tudo. O “não quero” do filho gordinho e cheio de caprichos é muito mais forte que todo o esforço dos pais.

Nem estamos falando das mães que só oferecem refeições balanceadas, com carboidratos, proteínas, frutas, verduras e legumes, ricos em vitaminas e sais minerais. Mas daquela mãe desesperada que dá graças a Deus quando o filho come pelo menos um dos cinco pratos que ela preparou. Tudo o que pretende é que o filho coma, seja o que for. Diz o instinto materno que filho não deve passar fome. Porém, diz a saúde psíquica que só vai sentir-se saciado quem, antes, sentir fome. Os filhos têm tantas vontades que nem chegam à saciedade. Depende exclusivamente da vontade do filho o ato de mastigar a comida. Uma vez engolida, o organismo encarrega-se do processo digestivo, da absorção das partes úteis, que se transformam em energia, bem como da eliminação ou do acúmulo das partes inúteis.

A informação deve ser degustável e adentrar a pessoa assim como a comida. **O professor é o cozinheiro, que vai preparar a informação de forma que o aluno possa consumi-la durante a aula, o momento da refeição.** Portanto, existe uma correlação entre a mãe cozinheira e o professor, a comida e a informação, o filho e o aluno, a sala de jantar e a sala de aula, a hora da refeição e a da aula.

O aluno volta para casa com a informação dentro de si, momento em que começa a segunda etapa do processo: o adolescente terá de digerir essa informação, isto é, terá de selecionar os seus elementos mais importantes, transformando-os em conhecimento, e relacionar este a tudo aquilo que já sabe, a fim de ampliar sua sabedoria.

A digestão da informação não depende do cozinheiro, da mãe ou do professor. Depende exclusivamente do aluno.

Assim como a digestão de uma feijoada desvia para si o sangue de outras áreas do organismo, a digestão de uma informação densa requer atenção especial.

Após comer uma feijoada, ninguém se submete a uma atividade física intensa. Do mesmo modo, para estudar um conteúdo complexo, a pessoa não pode se distrair com outras atividades. Agora, se a informação for uma refeição leve, como caldo de galinha, servida a convalescentes ou a quem não pode interromper suas atividades para comer, a digestão será fácil e rápida. A informação fácil também pode ser incorporada sem muito esforço.

O mesmo texto às vezes é bem fácil para alguns e terrivelmente difícil para outros. Sua assimilação dependerá das aptidões individuais. Assim como o organismo tem facilidade para digerir certas comidas e dificuldade para digerir outras, a absorção da informação também varia conforme a capacidade de cada um, isto é, conforme a facilidade para compreender determinadas matérias e a dificuldade para assimilar outras. Conhecimento fácil é o que se adapta às aptidões da pessoa.

A importância de construir imagens

O interesse é um ingrediente imprescindível em todos os casos. É ele que nos impele a absorver tudo. É equivalente à fome. O saber é igual à energia: nós o utilizamos automaticamente no cotidiano, nos nossos relacionamentos, em atitudes e pensamentos. Seu uso, porém, deve ser orientado pela escola.

Logo, não adianta apenas ter conhecimento de diversos assuntos e não saber como expressar esse conhecimento. É muito comum nos exames vestibulares alunos que sabem muito produzirem pouco por causa da dificuldade de expressar-se. Isso também precisa ser exercitado.

O grande ácido que digere essa comida é a imaginação, a nossa capacidade de criar imagens mentais. E como se estivéssemos vendo o que já foi dito. O conhecimento integra-se muito facilmente quando associado à imagem. Prova disso é que registramos mais as situações vividas que as simplesmente lidas.

A não-digestão de uma informação impede a produção. A informação é

“engolida” e, não podendo ser assimilada, permanece apenas o tempo necessário para percorrer o trajeto até a via de eliminação. Então é expelida integralmente, da mesma maneira como foi recebida, sem nenhuma alteração em seu conteúdo ou forma. Tornou-se um dado descartável que, após uma prova, um teste ou quando cobrado pelo professor, simplesmente desaparece.

O processo físico de digestão material de um alimento é muito diferente do processo de digestão abstrata da informação. **Eventualmente, a integração do conhecimento à sabedoria pode ocorrer durante a aula; no entanto, é muito comum o aluno ouvir a matéria e confundir “eu já vi” com “eu já sei” e passar para o tópico seguinte sem entender direito o anterior. A segunda etapa será realizada em casa.**

Preparando o discípulo

Para estudar, o indivíduo precisa ter um sentido de organização e a liberdade de fazê-lo ou não. Uma vez tendo se decidido pelo sim, o passo seguinte é conseguir estudar, o que exige envolvimento pragmático e útil (responsabilidade, concentração e compromisso, virtudes que os pais tanto almejam para seus filhos).

No começo, os pais devem monitorar os filhos para que estes criem o costume e assim tenham condições de tomar a responsabilidade como sendo deles. O ponto fundamental em relação à disciplina do estudo é garantir ao filho tempo e espaço, as condições favoráveis para fazer a digestão da informação recebida em sala de aula. Mas ninguém, volto a dizer, poderá digerir a informação por ele.

Esse acompanhamento não deve ser feito apenas na véspera das provas ou à medida que se aproximam os exames finais. Todo dia a produção deve ser estimulada, exercitada e cobrada. Diz um ditado indiano: “Quando o discípulo está pronto, o mestre aparece”. Ou, em outras palavras, o saber transmitido em sala de aula só é plenamente adquirido quando o aluno amadurece.

Local

Precisa haver uma mesa em que o aluno possa colocar seu material e principalmente apoiar os dois braços, para estudar sentado. Pode ser a escrivaninha dos pais ou do quarto, a mesa da sala de jantar. Filhos pequenos adoram estudar na escrivaninha do pai. O importante é que seja um ambiente ventilado e bem iluminado, que a criança possa ocupar pelo tempo necessário e sem ser importunada.

Um lugar individualizado talvez não seja a solução ideal. São bons os resultados práticos obtidos por famílias em que todos estudam no mesmo horário, na mesa da sala de jantar, como foi o caso da maioria das famílias de imigrantes no Brasil.

Mastigar, degustar e assimilar juntos a comida dá uma referência conjunta, de modo que o menos estimulado acaba tendo de acompanhar os demais. Se todos jantam juntos, os vícios individuais aparecem e são mais facilmente superados. Quem come sozinho demora muito ou come depressa demais, alimenta-se em pé ou direto da panela.

Quando estuda sozinho, o filho pode distrair-se, perder tempo demais com uma única matéria, dar importância em excesso aos desenhos em vez de prestar atenção no texto principal, ficar rabiscando. Até que desenvolva um método de estudo, os pais devem acompanhá-lo para evitar que adquira esses pequenos vícios. Mas insisto no seguinte ponto: isso tudo não significa que a mãe deva fazer a lição pelo filho. Se assim proceder, fatalmente eles (mãe e filho) serão reprovados na quinta série. É só estudando que se aprende a estudar.

É interessante notar que atualmente estão sumindo das casas as bibliotecas e as escrivaninhas, e aumentando o número de poltronas, bares e televisores. Não é só um problema de redução de espaço, mas também de ordem cultural. As famílias que privilegiam o estudo ainda possuem escrivaninha ou um local próprio para ele. Dificilmente o estudo sistemático entra no esquema funcional de uma casa sem biblioteca e escrivaninha porque os atrativos são outros. O estudo acaba alterando a função dos ambientes: a mesa de jantar, por

exemplo, faz as vezes de escrivadinha. No entanto, se o pai tem um barzinho para receber os amigos, por que o filho não tem um local apropriado para estudar?

Horário

Não convém sobrecarregar a agenda diária do filho com várias atividades, nem deixar o horário muito solto. Por exemplo: de manhã, vai à escola. À tarde, ao inglês e à computação, por solicitação dos pais; à arte marcial, por escolha própria, e à natação, por indicação do médico. Não sobra tempo para mastigar o que aprendeu na escola.

Não há dúvida de que essas atividades têm a grande desculpa de auxiliar na formação da criança: “Imagina ficar em casa sem fazer nada!” Já dizia o ditado: “A vadiagem é a alma da ignorância”. Por causa disso, os pais inventam mil e uma atividades para o filho. Só que horários apertados comprometem o rendimento e a produção do estudante.

A mãe e o pai, trabalhando fora e não tendo com quem deixar os filhos pequenos, colocam-nos em atividades-babás, que ocupam as crianças enquanto os pais trabalham. Eles preferem que essas atividades tomem conta dos filhos em vez de pessoas despreparadas, como empregadas, funcionários e/ou parentes desocupados. Realmente, a atividade-babá pode ser uma boa opção, desde que os pais fiquem sabendo o que aconteceu nesse período e as crianças, mesmo “aprendendo alguma coisa útil”, não sejam soterradas de compromissos a ponto de não ter mais tempo para brincar.

Tempo

Antes de mais nada, é preciso estabelecer o tempo de rendimento máximo do seu filho para programar intervalos e administrar melhor o horário. Cada pessoa tem seu ritmo biológico. Uns rendem mais ao cair da tarde, outros pela manhã. Em geral, os alunos escolhem para mastigar a matéria fácil nas horas em que mais rendem. Isso precisa ser mudado. A matéria mais difícil deve ser vista nesse horário. A fácil não exige uma hora específica. Chocolate a criança come a qualquer hora. Quando o rendimento começa a cair muito, está na hora de parar,

levantar o corpo da cadeira, beber água, dar uma olhada na janela, brincar com o cachorro, realizar outra atividade que não tenha nada a ver com estudo, mas que possa ser interrompida dali a cinco ou dez minutos — ou seja: ele não poderá ligar a televisão. (Se estiver passando um filme ou uma partida esportiva interessante, ele vai querer assistir ao programa até o fim e acabará deixando o estudo de lado.)

Após o breve descanso, seu filho deve voltar a estudar a mesma matéria e passar para outra só quando terminar aquela. Não convém interromper completamente o estudo na hora em que se cansou, mas dar um recreio e voltar ao desafio, de modo a não criar o vício de largar os projetos sempre que surgirem dificuldades.

Posição

Para o melhor rendimento do aprendizado durante o estudo, seu filho deve sentar-se próximo à mesa ou à escrivaninha. Essa é a posição mais adequada, pois os livros e cadernos estarão apoiados na mesa a uma distância ideal para a leitura ou a escrita, sem provocar incômodos físicos que possam desviar a atenção do estudo. **Evite que ele estude na poltrona ou no sofá, pois a posição que esses confortáveis móveis exigem mais favorece o descanso que o estudo.**

Imagine seu filho preparando-se para estudar: põe os livros e cadernos de um lado da poltrona ou mesmo no chão, espreguiça-se, deita-se ou recosta-se, verifica se o telefone está ao seu lado e liga a televisão (que é o que tem à sua frente, em vez da mesa) enquanto masca chiclete. É evidente que não está “aquecido” para estudar. Qualquer programa interessante ou mesmo um telefone-ma poderá afastá-lo do objetivo de estudar, quando não o próprio sono. A posição para segurar o livro é incômoda e o movimento repetitivo e monótono de só ler com os olhos desliga o cérebro, por ser hipnótico. A proposta de estudo não dura mais que cinco minutos.

Andar pode. Às vezes, ler e refletir andando oxigena o cérebro e facilita o processo de aprendizagem. É óbvio que não é para escrever andando, nem caminhar para lá e para cá com três livros debaixo do braço, porque o

conhecimento não se dá por osmose.

Para estudar, é preciso que a pessoa se prepare “psicológica e espiritualmente”, como se estivesse se aquecendo para praticar um esporte. O indivíduo interrompe um bate-papo ameno, levanta-se e diz: “Bom, pessoal, com licença, vou estudar”. Nessa frase já está implícita a predisposição para estudar.

Ritualizar o estudo, repetir uma sequência, como pegar o material e sentar-se, são elementos que podem funcionar como iniciadores para que o cérebro concentre-se na tarefa de estudar.

Até isso requer disciplina: da próxima vez que for estudar aquela matéria, o adolescente descobrirá por si mesmo que é mais fácil quando o material está organizado e à mão. Assim, não vai precisar ficar procurando o caderno no meio da bagunça. Cada coisa deve ter seu lugar: caderno com caderno, roupa com roupa, meia suja com meia suja.

Método

O comportamento humano é contagiante. Se no mesmo ambiente há uma pessoa trabalhando e outra descansando, as duas saem prejudicadas. É muito sábia a placa exibida em alguns escritórios e oficinas de trabalho com os seguintes dizeres: “Se não tens o que fazer, não o faças aqui”.

Por isso, é bom que os filhos estudem no mesmo horário. Assim, quando terminam, brincam todos juntos. Do contrário, quem brinca atrapalha quem estuda, pois este preferiria estar brincando também. Brincar é mais atraente e gostoso que estudar. Assim como assistir à televisão.

Portanto, televisão não cabe na sala de estudos. Se não houver jeito, deve ficar desligada, pois, na competição com um livro, ela ganha de longe por ter imagem e sons vividos e coloridos. O livro, ao contrário, tem uma forma pouco atraente, porque seu conteúdo é expresso em letras imóveis.

Mesmo que se tire o som da TV, ela foi feita para ser olhada. Dificilmente um estudante consegue olhar uma coisa prestando atenção em outra. O olhar, em geral, é mais forte. Logo, a televisão atrapalha mesmo. Já a música até pode ajudar. Desde, é claro, que o adolescente não ouça um show de *heavy metal*, mas

algo suave, que não solicite seu envolvimento e favoreça a concentração.

Nada de estudar só na véspera da prova. Mesmo **que não tenha lição de casa para fazer, a criança deve repassar as matérias dadas naquele dia. Mas não basta ler com os olhos, precisa ler em voz alta, fazer resumo.** E cabe aos pais conferir a lição e checar esses resumos todos os dias. Se os pais não tiverem método, os filhos deixarão de cumprir com suas obrigações. Até a quinta série, a criança ainda precisa de ajuda. Os estudos são responsabilidade da família.

Como ajudar crianças distraídas e hiperativas

Filhos com dificuldade de digerir informações não devem estudar sozinhos no quarto porque podem distrair-se facilmente com qualquer outra atividade. E, em geral, é isso o que os pais pedem ao distraído: que fique isolado no quarto para se concentrar.

O melhor é colocá-lo perto de alguém que o auxilie, pai, mãe ou outra pessoa qualquer que assuma o papel de ouvinte ou mesmo de aluno dessa criança. Se ninguém puder, coloque um gravador. É claro que um ser humano é melhor, pois ele vai questionar quando não entender algo, sorrir, fazer uma observação inteligente.

O distraído tem de ler em voz alta e explicar o que acabou de ler. O fato de ler em voz alta já obriga o cérebro a transformar símbolos visuais em sons articulados. É o início da concentração. Além disso, o som emitido ajuda na memorização daquilo que está sendo estudado. Curioso é que ao falar algo errado a pessoa acostuma o ouvido àquele erro e não nota a diferença.

Certa vez, estava em um restaurante com minha esposa e meus filhos ainda pequenos. Tínhamos acabado de almoçar. O *maître* aproximou-se de nós e perguntou se estávamos “sastisfeitos”. Aquilo chamou a atenção dos presentes, mas ele nem percebeu. Fiquei em dúvida se deveria responder com um sonoro: “Sim, estamos sa-tis-fei-tos”. Decidi, porém, responder à sua pergunta em vez de corrigi-lo. Disse meio para dentro: “Sim, estamos sastisfeitos”. Se estivesse no

papel de professor, obviamente teria o dever de corrigi-lo.

Muitos pais estão preocupados com o fato de seus filhos serem hiperativos e possuírem déficit de atenção, necessitando de um cuidado médico-psicológico especial. O que tenho observado é que a maioria dessas crianças *são*, na verdade, mal-educadas, apesar de bem-criadas.

Criar uma criança é fácil, basta satisfazer-lhe as vontades. Educar é trabalhoso. Trata-se de prepará-la para viver saudavelmente em sociedade, o que significa que não basta ser inteligente, a criança precisa ter ética. Quando atendemos a todas as vontades dos nossos filhos, estamos criando um animalzinho, pois pertence ao comportamento animal fazer o que tem vontade, fugir quando tem medo, dormir quando tem sono, comer quando tem fome etc.

A criança tem de ser educada para saber o que deve e pode comer, como e quando; a que horas deve dormir e acordar etc. O mesmo deve ocorrer com as demais atividades. Uma criança fala por meio de suas atividades mais que por intermédio das palavras que pronuncia. As crianças são naturalmente ativas. É a má educação que provoca uma “diarréia” de ações. Vão realizando diversas atividades sem digerir as idéias e os valores nelas implicados, e tudo isso acarreta um grande desgaste para sua formação. Desse modo, não está ocorrendo uma construção da personalidade.

Atendi a um casal cujo filho era hiperativo. O casal não se entendia. A mãe permitia-lhe tudo porque, claro, “o menino era hiperativo”, mas o pai queria impor-lhe alguns limites, pois achava que a “hiperatividade já estava demais” e o que o menino precisava era de educação.

Ambos tinham razão. De fato, o rapaz era hiperativo, e precisei medicá-lo. Mas ele também abusava da situação. Quando a escola o repreendia, defendia-se com o diagnóstico: “Sou hiperativo e não posso me controlar!” A orientação que dei aos pais foi de que a mãe não poderia perdoá-lo de tudo (mentiras, delinquências etc.) a pretexto da hiperatividade. Quanto ao pai, disse-lhe que não poderia *querer* impor limites aos aspectos que envolviam impulsividade, irritabilidade, instabilidade e agressividade. Foi preciso dar início a uma reeducação familiar.

Voltemos ao tema da distração: para ensinar a lição ao aluno, é preciso organizar-lhe os pensamentos e ajudá-lo a explicar o que entendeu. Um dos motivos mais freqüentes da distração é justamente não entender a matéria. Se seu filho tentar explicar uma matéria a outra pessoa e não conseguir, estará expondo sua dificuldade, que deve ser trabalhada. Se estiver entendendo o assunto que está sendo estudado, então terá um motivo a menos para se distrair.

Abaixo a decoreba!

Pais e mães estão proibidos de tomar a lição dos filhos. Aquele velho esquema de perguntas e respostas decoradas, a famosa decoreba, torna o estudo descartável e rapidamente esquecido, como os recadinhos dos quais a gente se lembra só até escrevê-los num pedaço qualquer de papel, para então ser imediatamente esquecidos.

A disciplina para o estudo é uma conquista obtida por meio de um longo treino. O aluno deve organizar-se de modo a colocar o estudo como prioridade nos momentos certos. Como qualquer hábito adquirido por meio da disciplina, torna-se muito fácil aprender quando se adquire o hábito do estudo. E esse hábito acaba ajudando a pessoa a organizar-se em sentido mais amplo. Ao incorporar bem a disciplina do estudo, o indivíduo tem mais facilidade para sistematizar também outras áreas da sua vida.

Com o auxílio da disciplina, a criança gasta menos tempo estudando e ganha mais tempo para realizar outras atividades. Com o hábito do estudo, a performance melhora e provavelmente não será necessário repetir a leitura de um texto diversas vezes...

A vida em sociedade

O único animal que construiu uma civilização foi o ser humano.

A civilização é o caminhar evolutivo da sociedade.

A sociedade é composta de organizações, famílias e indivíduos, assim

como o corpo humano é formado por aparelhos, composto por órgãos que, por sua vez, são formados por células.

O corpo humano não é um amontoado de aparelhos, mas um conjunto que funciona harmoniosamente numa interação interdependente. A deficiência de um órgão afeta o respectivo aparelho a que pertence e este, por sua vez, prejudica o sistema corporal. No plano social, também um indivíduo pode prejudicar sua família e acabar atingindo a sociedade.

Teoricamente, a família teria a responsabilidade pela formação do indivíduo, e a escola, por sua informação. A escola nunca deveria tomar o lugar dos pais na educação, pois os filhos são para sempre filhos e os alunos ficam apenas algum tempo vinculados às instituições de ensino que freqüentam.

Foram tantas as mudanças de mentalidade e comportamento nessas últimas décadas que tanto os pais quanto as escolas precisaram adaptar-se a um novo sistema educativo em busca da saúde social.

Para viver em sociedade, o ser humano não necessita apenas da inteligência. Precisa viver segundo a ética, participando ativamente das regras de convivência e encarando o egoísmo, por exemplo, como uma deficiência funcional social.

Costumo segmentar o comportamento humano em três estilos (ao final do livro aprofundarei um pouco mais essa classificação):

- O *comportamento estilo vegetal*. O ser humano funciona basicamente como a planta, que precisa ser cuidada por terceiros. Sua força concentra-se na sobrevivência. Exemplos: o recém-nascido, pacientes em coma etc.
- O *comportamento estilo animal*. É quando o ser humano busca *somente* saciar seus instintos ou quando se deixa guiar apenas por um condicionamento, sem criticá-lo ou repensá-lo dentro dos parâmetros da ética, da lei etc. É o caso da voracidade mórbida que leva as pessoas a comer demais, a buscar poder acima de tudo, a lançar-se compulsivamente à compra de bens materiais, a consumir drogas, a cometer crimes como o estupro etc.

- O *comportamento estilo humano*. Neste caso, o indivíduo utiliza sua inteligência para superar as dificuldades naturais da vida, a fim de resolver os conflitos de convivência, de buscar a felicidade e não somente a saciedade que o estilo animal procura. Entram aqui valores como cidadania, ética e religiosidade, incluindo virtudes como respeito ao próximo, disciplina, gratidão etc. Elaborei uma teoria na qual enfoco o conceito da saúde social, que pode ser encontrada nos livros da coleção “Integração Relacionais”, da Editora Gente. O leitor encontrará nessas obras mais detalhes sobre esse tema atualíssimo.

Um dos maiores complicadores do ser humano é confundir saciedade com felicidade. Um usuário de drogas, por exemplo, buscou nelas a felicidade, mas o que encontrou foi a saciedade momentânea de uma vontade, que dá lugar ao desejo de usar as drogas outra vez. É um mecanismo semelhante ao que existe no ciclo fome-saciedade. Uma pessoa feliz não faz sua felicidade depender do ato de saciar a fome, que é o que ocorre com os animais. A felicidade é uma satisfação superior à saciedade.

Para atingirmos o objetivo maior da felicidade precisamos da disciplina. É ela que nos ajuda a não sofrer quando algumas pequenas vontades, menos essenciais ao ser humano, não podem ser satisfeitas. A disciplina é um dos pilares do crescimento civilizacional do homem e, conseqüentemente, um valor social importante.

Por que estudar é tão importante?

Nossa vida difere da dos animais por que temos as dimensões cognitiva, afetiva e motivacional.

A dimensão cognitiva é constituída pelos conteúdos do conhecimento, da memória, do pensamento abstrato, dos processos mentais e da capacidade de julgamento. Um conhecimento a mais pode mudar um julgamento. Um novo exercício intelectual enriquece o pensamento abstrato. Mais informações

enriquecem a memória e possibilitam o aperfeiçoamento do raciocínio. Tudo isso é o que se consegue com o estudo.

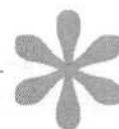
A dimensão afetiva inclui nossas emoções e as sensações básicas e instintivas. Quanto mais informações uma pessoa recolher e quanto mais apta estiver a refletir sobre o que sente, maior será sua capacidade de dominar uma reação agressiva e de responder adequadamente a estímulos e desafios externos. O estudo, na medida em que nos fornece informação, conhecimento e matéria de reflexão, interfere diretamente no nosso comportamento diário.

A dimensão motivacional é a que nos estimula a agir, a conhecer, a amar. **Acredito que quanto mais o ser humano aprende, mais deseja aprender. O ignorante julga que já sabe o suficiente e não se interessa em procurar novos conhecimentos.** O conhecimento motiva-nos a estudar mais e, quanto mais motivados, mais facilmente aprendemos.

Para sermos plenamente humanos, e portanto felizes, com uma qualidade de vida melhor, o estudo é fundamental. No milênio passado, era rico quem tinha propriedades. Hoje, a riqueza está em adquirir conhecimentos e saber aplicá-los. É importante que tenhamos consciência disso tudo e procuremos, por meio de ações e palavras, transmitir às crianças e aos jovens o valor do estudo para eles mesmos e para a sociedade.

PARTE 2

Limites e disciplina na escola



1

O desafio dos professores

A disciplina escolar é um conjunto de regras que devem ser obedecidas tanto pelos professores quanto pelos alunos para que o aprendizado escolar tenha êxito. **Portanto, é uma qualidade de relacionamento humano entre o corpo docente e os alunos em uma sala de aula e, conseqüentemente, na escola.**

Como em qualquer relacionamento humano, na disciplina é preciso levar em consideração as características de cada um dos envolvidos no caso: professor e aluno, além das características do ambiente.

O professor é essencial para a socialização comunitária e tem, basicamente, quatro funções:

1. *Professor propriamente dito.* Para poder ensinar, é necessário saber o que se ensina. Isso se aprende no currículo profissional. Saber como ensinar: o professor Precisa conseguir transmitir o que sabe. Pode ser um comunicador nato ou vir a desenvolver essa qualidade por meio da própria experiência.

2. *Coordenador do grupo de alunos.* Esta função não é habitualmente ensinada no currículo, pois exige um conhecimento mínimo de dinâmica de grupo, bem como noções básicas de psicologia para manter a autoridade de

coordenador. Sala de aula não é consultório; escola não é clínica. Portanto, na função de coordenador de alunos, o professor tem que identificar as dificuldades existentes na classe para poder dar um bom andamento à aula.

3. *Membro do corpo docente.* Um professor pode ouvir a reclamação de um aluno sobre outro professor e fazer com que chegue ao envolvido para que este possa tomar alguma providência no sentido de responder adequadamente à reclamação. Seria falta de lealdade ficar sabotando os colegas perante os alunos. Os professores devem ajudar-se mutuamente, como fazem os estudantes. Se muitos alunos queixam-se de um único professor, é sinal de que algo está errado. A única forma de solucionar um problema é identificar o erro. Como todo ser humano, o professor também pode estar errado. O fato de ser professor não é garantia de estar sempre certo.

4. *Empregado de uma instituição.* Como todo empregado, o professor tem direitos e obrigações. Eventuais insatisfações ou desavenças empregatícias devem ser resolvidas por meio dos canais competentes. Não podem (nem devem!) ser descarregadas nos alunos, que não têm a ver com o problema. Os alunos correm o risco de ser manipulados pelo professor em virtude da própria posição de poder que ele exerce na classe.

A maior força do professor, ao representar a instituição escolar, está em seu desempenho na sala de aula. Portanto, ele não deve simplesmente fazer o que bem entender, sobretudo perante as indisciplinas dos alunos. Numa escola em que cada professor atua como bem entende, haverá, com toda a certeza, discórdias dentro do corpo docente e os alunos saberão aproveitar-se dessas desavenças, jogando um professor contra outro.

Por isso é importante que os professores adotem um padrão básico de atitudes perante as indisciplinas mais comuns, como se todos vestissem o mesmo uniforme comportamental. Esse uniforme protege a individualidade do professor. Quando um aluno ultrapassa os limites, não está simplesmente desrespeitando um professor em particular, mas as normas da escola. Sobre esse tema, a propósito, sugiro a leitura do meu livro *Ensinar Aprendendo*.

O aluno também é peça-chave para a disciplina escolar e o sucesso do

aprendizado. Atualmente, a maior dificuldade que encontra para estudar é a falta de motivação. Estudar para quê? Para passar de ano? Para ganhar presente? Para ter sabedoria? Para os pais não “pegarem no pé”? Entretanto, quando estão interessados em algum assunto em particular (computação, música, esporte, coleções etc.), são as pessoas mais animadas, empreendedoras e... disciplinadas.

O ensino fundamental e médio tende a ser aprovativo, o que estimula (no passado mais ainda) o estudo suficiente apenas para passar de ano, com conhecimentos, muitas vezes, descartáveis após a prova. Já o vestibular para a faculdade é um sistema competitivo e depende da sabedoria; portanto, a motivação para estudar é acumular saber, bem diferente de atingir uma média 5 para não repetir de ano.

No vestibular, o fator sorte é mais decisivo quanto menor for o conhecimento. Trata-se de um fator imponderável, que pode fazer “cair na prova” o que o vestibulando mais estudou e “não cair” justamente o que estudou. Portanto, quanto mais estudar, isto é, quanto mais conhecimento tiver, menos ele dependerá da sorte, afinal, mais preparado estará.

Os melhores alunos são os que acabam aprendendo mais, e os piores, menos. Em termos de sabedoria, quanto mais se sabe, mais se quer aprender. Em termos de ignorância, quanto menos se sabe, mais se pensa que não é preciso saber mais...

O ambiente também interfere na disciplina. **Classes muito barulhentas, nas quais ninguém ouve ninguém; salas muito quentes, escuras, alagadas ou sem condições de acomodar todos os estudantes são locais pouco prováveis de conseguir uma boa disciplina.**

No entanto, a condição ambiental mais prejudicial é o estado psicológico do grupo. Uma escola em crise, que esteja passando por greves e os conseqüentes conflitos entre grevistas e fura-greves, bem como as brigas entre classe e professor, e aulas ministradas durante grandes eventos populares são situações que dificultam o aprendizado.

Um professor que trabalha numa instituição que sempre protege o aluno, o cliente, independentemente do fato de este estar ou não com a razão, não tem o

respaldo da instituição quando precisa. Quem pode trabalhar bem nessas condições?

Características de uma classe de alunos

O agrupamento de estudantes numa sala de aula apresenta algumas características importantes, tais como:

- Apresenta alunos com idades cronológicas semelhantes, embora nem sempre o desenvolvimento emocional acompanhe a idade cronológica.
- Estudantes de sexos diferentes, da mesma idade cronológica, têm desenvolvimentos emocionais distintos.
- Cada aluno traz dentro de si sua própria dinâmica familiar, isto é, seus próprios valores (em relação a comportamento, disciplina, limites, autoridade etc.).
- Cada um tem suas características psicológicas pessoais.
- Alunos transferidos de outras escolas podem ter históricos escolares bem diferentes dos históricos de seus novos colegas.
- Para muitos estudantes, o lema é: “A escola é boa, o que atrapalha são as aulas”. Esse lema é válido principalmente para os alunos “problemáticos”.
- O professor é analisado por todos os alunos.
- O professor pode ser um canhão, mas cada aluno é um revólver...
- O que um professor faz em determinada classe rapidamente torna-se do conhecimento de todos os alunos, sobretudo por intermédio daqueles que desejam “fulminar” o tal professor.
- Os “maus” alunos especializam-se na arte de “assassinar aulas”, ou seja, tirar o professor de sua função de dar as matérias que caem nas provas. É um vale-tudo: suscitar debates políticos e econômicos dentro da sala, levantar problemas psicológicos ou da administração

da escola, jogar um professor contra outro, brincar de brigar entre os colegas...

- Nem todos na classe são “inimigos” do professor. Os alunos saudáveis (chamemos assim), em geral, são a maioria. Só que estes não chamam a atenção exatamente por não dar trabalho aos professores. Entre esses bons alunos há sempre aqueles que têm um sentimento positivo em relação ao professor. Tais alunos podem funcionar como pontos de referência da aula. O relacionamento do professor com esses alunos funciona como fios invisíveis que sustentam um objetivo. Às vezes acontece de o professor ser avisado, ao chegar à classe, por meio desses “fios invisíveis” de que tem alguém passando mal ou aprontando alguma coisa. Não chega a ser uma delação ou denúncia, mas um “recado entre amigos”.

Quanto maior for o número de “fios invisíveis” tecidos entre o professor e os alunos, maior será a integração dele com a classe.

Não estou me referindo aos conhecidos “puxa-sacos”, aos bajuladores. Para estes, basta mudar o interesse que rapidamente trocam de “sacos a puxar”...

- Para “tecer” esses “fios invisíveis”, o professor pode valer-se de, basicamente, três fatores estimulantes: 1. aspectos pessoais (simpatia, higiene pessoal, elegância, educação, costumes etc.); 2. capacidade de comunicação; 3. conhecimento da matéria.
- Do lado dos alunos, os “fios invisíveis” podem ser “tecidos” com base no desejo de aprender, na facilidade de compreender e no fato de sentirem-se bem durante a aula.

Aprender para quê?

Volto a dizer: aprender é como comer. O alimento é ingerido e digerido

para fornecer a energia que será armazenada e utilizada no que for preciso. **Para aprender, é preciso receber a informação e digeri-la em pedaços compreensíveis, a ser incorporados ao corpo do conhecimento já existente.** Esse corpo em ação é a sabedoria. O verdadeiro saber é aquele que aparece no cotidiano a qualquer momento, de maneira dinâmica, aumentando a eficiência de nossas ações e o prazer de viver.

Aprender é alimentar a alma de saber.

Atualmente, muitos alunos sofrem de anorexia do saber. O pouco que sabem já acham que é muito e por isso recusam-se a ingerir mais. Sanduíches e refrigerantes são muito mais apetitosos do que as refeições balanceadas e os sucos naturais. Na escola, a maioria das aulas tem sido pouco apetitosa, quando não indigesta, principalmente para aparelhos digestivos tão despreparados: qualquer caldinho ralo parece uma feijoada completa.

Aulas insípidas, com o arcaico método pelo qual “um fala enquanto o outro escuta”, rivalizam com ofertas muito mais prazerosas da sociedade. Rivalizam e são derrotadas. Os jovens de hoje parecem ter um ritmo diferente, em comparação ao ritmo dos seus pais na época em que estes eram estudantes. Os alunos não têm tempo para ser “desperdiçado com coisas inúteis” (como o estudo), mas investem-no em intermináveis conversas sobre as novidades da informática, da Internet, da música, das revistas em quadrinhos, do esporte etc. As constantes migrações escolares e a grande procura por aulas particulares demonstram o baixo aproveitamento do ensino escolar.

Ensinar pode ser bastante prazeroso, porque é dividir o seu saber com quem não sabe. Não só o saber formal das escolas, mas também o informal, que às vezes é muito mais construtivo: é bem mais agradável ao paladar, bem mais apetitoso.

Interação é a palavra da moda. Ensinar é um dividir que soma, que enriquece professor e aluno. O abuso do poder pelo saber é medíocre, já que a ignorância pode ser transitória. A verdadeira sabedoria traz embutida em si a humildade. Ensinar passa a ser, assim, um gesto de amor.

Isso, é claro, para quem deseja aprender, para aquele que já se tornou um

discípulo. Volto a citar: “Quando o discípulo está pronto, o mestre aparece” Hoje em dia, no entanto, os alunos não andam muito interessados em ser discípulos. No Brasil, o discípulo muitas vezes não está pronto para a escola.

O professor precisa despertar no aluno a função de discípulo, cativá-lo para que ache interessante o tópico que está sendo estudado.

Professor, o grande cozinheiro

Quando o professor prepara com cuidado o modo de transmitir os conteúdos, o aluno pode aprender por prazer. Seu interesse para a matéria deve ser despertado do mesmo modo que um *trailer* convida a assistir a um filme. A forma é importante: a comida deve ter um cheiro delicioso, uma linda apresentação e um sabor especial.

O cuidado do professor ao preparar suas aulas deveria ser equivalente ao de um bom cozinheiro esmerando-se na confecção de suas iguarias. O corpo desconhece o valor nutritivo do alimento, mas sente sua carência. Cabe ao mestre-cuca introduzir nos pratos os ingredientes nutritivos. Em outras palavras, **o professor deve ter muita criatividade para tornar sua aula apetitosa. Os temperos fundamentais são: alegria, bom humor, respeito humano e disciplina.**

Se de fato o professor integrou a informação à sua vida — e não apenas a decorou —, ele é capaz de fazer a correlação entre a matéria e os fatos cotidianos. Isso acaba com a contestação que se baseia na seguinte pergunta: “Para que estudar o que nunca vou usar?”.

A Física, por exemplo, tem muito em comum com o esporte. Existe uma grande diferença entre o professor que só quer despejar a matéria e o que sabe o valor da informação para o presente e o futuro *do* aluno.

Haverá interesse do aluno pelo conteúdo do programa escolar sempre que houver uma correlação entre este e o dia-a-dia do estudante. O professor sábio estabelece tal correlação.

Convite à participação

Como a vida do jovem é bastante restrita a seus próprios interesses, com frequência o professor precisa estimulá-lo a ampliar seu universo. Ao solicitar que traga manchetes de jornais e revistas, livros, filmes etc. pertinentes ao tema da aula, o professor está convidando o aluno a participar da elaboração do prato, o que aumenta seu interesse e torna a matéria mais apetitosa. A grande maioria dos alunos não se contenta em ser apenas um comensal.

O professor tem um papel essencial como fonte emissora de informações que os alunos vão transformar em conhecimento. Alguns estudantes adoram ou detestam determinada matéria justamente por causa do professor.

Os requisitos para um professor ser adorado é combinar senso de humor e movimentação cênica (falar não só com a boca, mas com o corpo inteiro); é saber estabelecer o limite entre o adequado e o inadequado; é saber ouvir e exigir quando necessário. Como coordenador de grupo, ele tem uma autoridade a ser exercida, que inclusive é esperada pelos alunos. Na falta dela, se deixar tudo por conta dos estudantes, a classe se dispersa.

Bom humor é imprescindível

Além de desarmar mecanismos de defesa contra a autoridade, o bom humor cria uma grande empatia entre Professor e aluno. É como nos rituais antigos, em que as batidas dos atabaques comoviam as pessoas e as mobilizavam para a comemoração, de modo que as individualidades perdiam-se para o grupo funcionar como um todo, como se fosse uma religião (no sentido de unir, de religar as pessoas).

O bom humor, o riso e a espontaneidade são ingredientes necessários à sensação de liberdade. Pessoas livres aprendem mais e melhor. O bom humor difere da ironia fina, que pode ser comparada à ponta de um punhal, capaz de cortar a jugular de um aluno, ou do deboche, que mais parece um tacape amassando a cabeça da vítima.

Bom humor é um estado de espírito, uma vivacidade própria de quem está atento a todos os estudantes. Comporta, inclusive, piadas e trocadilhos. Aliás, os próprios alunos também têm permissão de fazer trocadilhos e gozações, dentro do contexto que o professor/ coordenador achar mais adequado.

Professor tímido não dá ibope. E dificilmente escapará de receber um apelido e das gozações dos alunos. **O professor tem de entender que dentro da classe ele tem uma função específica; ele quase que interpreta um personagem.** Suas características pessoais desfavoráveis não precisam aparecer. Há gogos que não gaguejam quando cantam porque o roteiro musical já está pronto dentro dele. Mas o gogo sempre gagueja quando fala sobre si mesmo. O professor não *tem* que falar sobre si mesmo durante a aula, portanto, não tem por que se intimidar. Aquele ator extrovertido e divertido que o tímido conhece e tem como ídolo pode, pessoalmente, ser uma pessoa também muito tímida...

Assim, o indivíduo precisa se preparar para desempenhar a função de professor, não apenas em termos de aquisição do conteúdo, mas também no tocante à forma, desenvolvendo, entre outras características, o bom humor.

Existem excelentes comunicadores que na vida privada são tímidos. Diante das câmeras, por exemplo, eles vestem o “uniforme de trabalho”, que é a espontaneidade, a expressividade, a comunicação e a alegria. O *professor* também precisa vestir seu “uniforme” para superar a timidez.

A força da timidez está em considerá-la invencível. Na hora em que o tímido começa a quebrar uma de suas pontas, ela não resiste e começa a ruir. Basta o professor soltar-se um pouco e, quando menos esperar, já a terá superado.

A timidez é um monstro de papel, muitas vezes criado pela própria sociedade, fomentada por pais muito severos que acabam sendo incorporados pelo filho como um tribunal interior encarregado de avaliar, a todo instante, sua fala e seu comportamento. Portanto, uma das maneiras de ludibriar esse rigoroso tribunal é representar um personagem: “Agora estou sendo um professor, não eu mesmo. E, como professor, permito-me falar certas coisas”.

O domínio da movimentação cênica

Os olhos dos alunos sentados nas suas carteiras rapidamente anestesiavam-se ao focalizar objetos estáticos, favorecendo a dispersão ou preparando a mente e o corpo para o sono. Se um professor é alvo parado, logo estará falando sozinho. Ele vai, sem querer, hipnotizar os alunos. Ficarà cada vez mais distante e desfocado, até desaparecer por completo do mundo deles. É o que acontece quando os alunos estão bocejando, desatentos ou *até* mesmo dormindo.

De alvo parado já chega o livro. Ao movimentar-se pela sala, o professor obriga o aluno a acompanhá-lo com os olhos. Quando se aproxima de um, garante que pelo menos este fique mais ligado. E com a entonação (não a imitação artificial) e a modulação da voz, integra som e movimento — isso é um verdadeiro jogo audiovisual.

O professor precisa provocar, captar a atenção dos alunos para o que ele está falando. O que a gente vê não esquece, o que nem sempre ocorre com o que lemos. Se no olhar surgir um sentimento, vive-se a situação. E uma vivência jamais se apaga.

Os alunos aprendem muito mais por meio de imagens do que de símbolos.

Em suma, o professor deve empregar o bom humor e a movimentação cênica para tornar a aula uma experiência de vida — não a simples transferência de conteúdo de uma pessoa para outra. Desse modo, ele deixa de ser alguém que fala apenas com letras para tornar-se um professor que fala com vida.

Avaliações mais eficazes

Existem outras formas de auxiliar o aluno. O atual sistema de avaliação educacional é bastante inadequado, prejudica muito o professor e favorece aquele tipo de aluno que só estuda para teste e provas. Nas avaliações escritas, o estudante limita-se a reproduzir o que o professor falou. As respostas são

repetitivas. Medem a capacidade de engolir o que foi dito, não a capacidade de incorporação.

Isso deve ser mudado. O professor precisa investir na formulação de perguntas que obriguem o aluno a responder com as próprias palavras, demonstrando o conhecimento adquirido sobre a matéria.

Se o professor, a todo começo de aula, fizer uma “chamada oral” sobre o tema visto na aula anterior, premiando respostas certas com pontos positivos, aí o aluno terá estímulo para ler, pelo menos, a matéria da aula anterior e estará aquecido para seguir em frente. Mas tem que ganhar pontos para haver incentivo.

Essas “chamadas orais” não levam mais que cinco minutos e propiciarão um bom rendimento da aula.

Pedir para o aluno trazer recortes, ter bom humor, estabelecer limites, fazer provas que avaliem o conhecimento etc. são alguns ingredientes que o professor pode utilizar para ser bem-sucedido em sala de aula.

Jogo de cintura

Um professor não pode definir um único tipo de postura perante as diferentes classes, idades e níveis socioeconômico e cultural dos alunos. Se assim o fizer, não estará levando em consideração a presença do outro no relacionamento. É como se não tivesse interlocutor. Ele não se relaciona com o outro, mas consigo mesmo. Esse professor está fragilizado e tende a piorar se assim permanecer, principalmente à medida que perde as oportunidades de se enriquecer a cada *novo* relacionamento estabelecido.

Quando um professor usa sempre as mesmas fichas e exemplos há décadas, sem ter o cuidado de atualizar-se, é sinal de que não está levando em consideração os alunos, que estão “plugados” com as novidades, que vivem num ritmo acelerado, nesses tempos de Internet movida a adrenalina. Sem renovação,

o professor torna-se um prisioneiro do seu próprio comportamento e acaba prejudicando muito os alunos, que perdem o poder de Participação. Trata-se da rigidez do papel de professor, Para quem dar aulas independe da presença do aluno. O mesmo pode ocorrer com o estudante, que funciona sempre do mesmo modo, sem reparar nas características próprias de cada professor.

Quando o professor erra

Ser professor não significa estar sempre certo, não ter problemas psicológicos, ser vítima dos alunos ou estar inocente em todas as situações ocorridas em classe. **Como qualquer outro ser humano, ele está sujeito à psicologia e à psicopatologia humanas, isto é, a apresentar distúrbios psiquiátricos, psicológicos orgânicos, sociais etc.**

Um importante sinal que a realidade oferece é a comparação com outros professores que ministram aulas para as mesmas classes. Se tudo acontece naquela sala com um único professor e é com este que as outras turmas também “aprontam”, pois provavelmente esse docente deve ser o “problemático” (ser muito bonzinho, não conseguir estabelecer a ordem, perder a autoridade inerente à função de professor, ser incapaz de reagir às provocações dos alunos etc.). Tudo isso pode gerar indisciplina em classe, desde o suficiente para prejudicar a aula até o bastante para inviabilizá-la.

Relaciono, a seguir, alguns problemas bastante comuns em sala de aula:

- Falta didática ao professor (lê livros ou velhas anotações durante a aula, fala exatamente como está nos livros, escreve o tempo todo na lousa).
- Discute questões alheias à aula, como pregações ideológicas, principalmente políticas.
- É irritadiço, agressivo e mal-humorado.
- É excessivamente severo (exerce a autoridade pela força, não por despertar interesses e participação nos alunos).
- Não estabelece limites adequados e, quando atinge seu limiar, explode — e aí não escapa ninguém.

- É medroso, inseguro, emotivo e tímido.
- É fanático por algum tema, como política ou futebol, que permite aos alunos criar facilmente um elemento de dispersão: basta alguém tocar nesses assuntos para o professor “assassinar” seu papel didático.
- Os professores têm que ser verdadeiros artistas para competir com outras atividades muito mais atraentes que assistir às aulas e transformá-las em momentos de alegria e enriquecimento.

Desmandos em aula

Veja, agora, alguns exemplos de desmandos de professores em classe:

- Fazer uma prova difícilima para que os alunos (principalmente os bagunceiros) tirem notas baixas. Se possível, um zero bem redondo.
- Aplicar prova em dias facultativos ou eventuais pontes de feriados, obrigando os alunos a comparecer à escola.
- Ter sempre razão; obrigar o aluno a fazer um exercício só porque está mandando.
- Ler a aula toda seguindo o que já está escrito nos livros, obrigando os alunos a acompanhar o texto nos próprios livros, em vez de explicar a matéria com exemplos vivos e atuais.
- Proteger determinado aluno (ou grupo) em detrimento dos demais.
- Perseguir um aluno (ou grupo), atitude igualmente injusta.
- Abusar da autoridade, exigindo silêncio absoluto o tempo todo e não permitindo nem “um piscar de olhos”.
- Achar que alunos “não têm vez nem voz”, portanto, recusar-se a escutar explicações ou justificativas dos alunos.
- Ficar impaciente, nervoso, agressivo, gritar para que o aluno cale a boca ou dar trabalhos extras só para descontar sua raiva.
- Fazer farto uso de palavrões.
- Anotar tudo com “marquinhos” ao lado do nome do aluno para mais tarde diminuir sua nota.

- Enfiar um monte de trabalhos escolares goela abaixo do aluno para ocupá-lo durante todo o fim de semana prolongado.
- Não dar ao estudante o direito de não entender a matéria, não dedicando tempo para, com paciência, criar novas explicações.
- Mandar que o aluno que não entendeu a matéria vá pesquisar tudo nos livros, sozinho.
- Elaborar uma longa e cansativa lição de casa como castigo.
- Fazer chamada com os alunos ainda entrando na classe, dar falta se não ouvir a presença, já chegar dando matéria ou escrevendo na lousa, e depois ir apagando o que escreveu sem dar tempo para que o aluno entenda porque é forçado a copiar tudo depressa.
- Exigir que o aluno seja igual a ele.

Existem inúmeros outros desmandos que podem ser mais ou menos graves conforme as situações. **É grave quando o professor usa de sua autoridade para obter uma compensação pessoal, em detrimento de sua função pedagógica.** Talvez menos grave quando ele não se dá conta de tal desmando. Mas nesse caso o professor tem problemas psicológicos. Seja como for, os efeitos sobre os alunos são nocivos.

Assim como existem tipos caricaturáveis de alunos, há também de professores. É importante que cada docente conheça seu tipo e funcionamento para ter melhor domínio da relação professor-aluno. No meu livro *Ensinar Aprendendo* caracterizei os onze tipos mais frequentes de professor, dos quais cito alguns aqui: superexigente; estuprador mental; tanto faz ou não quer nada com nada; cabeça; vítima; crédulo; legal etc.

Falhas da escola

Quando um país sofre uma crise econômica, social ou política, a educação é, sem dúvida, uma das áreas mais afetadas. Um país que não cuida da educação de seu povo está condenando seu futuro.

O elo mais significativo são os professores, que, entretanto, também são

os mais massacrados por essa corrente da educação. O elo mais fraco, os alunos, é o mais prejudicado. E tudo isso prenuncia, como consequência, um futuro sombrio para o país em que esses professores não desempenham seu papel corretamente e no qual os alunos não recebem os bens culturais a que têm direito.

Como se não bastassem as inúmeras dificuldades, sobrepõem-se os interesses financeiros de algumas pessoas ou de alguns grupos empresariais que fazem da educação seu principal filão. Não medem a qualidade de ensino, pouco se importam com a real formação do aluno. Visam apenas à obtenção de maior lucro, num capitalismo desumano e selvagem.

Muitas escolas transformaram-se em empresas cujo objetivo primordial é ganhar dinheiro.

Nesses estabelecimentos, os professores não são orientados de maneira adequada para explorar suas capacidades e aperfeiçoar a qualidade de seu trabalho. Desconhecem sua importância decisiva na educação dos alunos, que muitas vezes só têm a si mesmos como elementos de confiança, uma vez que a crise socioeconômica também consome seus pais. Tais professores passam a ser material de comércio e, portanto, facilmente descartáveis, por vários motivos:

- Quando se encontram professores dispostos a receber um salário menor, quase sempre têm menos experiência e menor capacidade didática.
- Muitas vezes, professores entram em choque com alunos por causa de problemas de disciplina, e a empresa escolar segue a máxima do comércio: “O freguês tem sempre razão”, ou seja: “O aluno é nosso freguês, portanto comprou também a razão”. Essas escolas estão colaborando com a falta de ética. O poder econômico torna-se o critério pelo qual o rico pode cometer qualquer desmando. O professor precisa calar-se porque depende de quem paga pelos seus serviços.
- Quanto menor for o pagamento dado aos professores, maiores serão os lucros da empresa. Isso implica um pagamento ínfimo e vergonhoso pela hora-aula; além disso, não são levadas em consideração as horas que o professor gasta em casa para preparar aulas e corrigir provas.
- Tais empresas aproveitam-se, inclusive, do silêncio dos professores-

vítimas, que se calam diante da sua própria impotência, decepção e mágoa. É lamentável quando se usa o santo nome em interesse próprio. Isso é o que acontece em algumas empresas escolares que usam o santo nome da educação para encher seus cofres de dinheiro, enquanto trituram os professores, formam mal os alunos, aniquilam o ensino e acabam com o país.

O que estamos ensinando a nossos alunos quando:

- Os professores de uma mesma matéria são várias vezes substituídos durante o ano letivo, cada qual com sua postura, com sua promessa e adotando um livro diferente?
- Não é respeitado o vínculo professor-aluno, criado pela convivência e pelo respeito mútuo, fonte de confiança e um dos pilares do aprendizado?
- Os alunos sabem que foram aprovados (mas deveriam ter sido reprovados) somente porque a escola não quer perder o aluno-cliente ou porque recebeu ajuda (dinheiro, doação, favores) dos pais?

Escolas do tipo PPP (papai pagou, passou), que, sob a pressão dos pais, permitem que os professores dêem aquele meio pontinho necessário para um aluno passar de ano estão prestando um desserviço à educação. E esses pais, que não conseguem lidar com a falta de hábito para estudar de seus filhos e querem que as escolas fechem os olhos para esse problema, além de o perpetuar não aproveitam a educação escolar como uma forma de recuperar os filhos e de torná-los, no futuro, cidadãos saudáveis do ponto de vista social.

Vale a pena mencionar também as escolas que, temendo ser antipáticas, permitem o uso do cigarro nas suas dependências. Lembremo-nos de que tal permissão contraria a lei e que essas escolas tornam-se coniventes com um vício que está sendo combatido no mundo inteiro. Com certeza, nos seus bastidores, também enfrentam problemas com maconha, pois é sabido que 80% daqueles que a utilizam começaram pelo cigarro. **Escolas que cumprem a lei, não**

permitindo que alunos e professores fumem dentro dela, passam a ter nos bastidores, um problema menor, que é o próprio cigarro. Mas as instituições de ensino que se omitem diante do uso da maconha terão problemas mais graves com drogas mais pesadas.

Do mundo todo chegam notícias de alunos que levam armas para a escola. As armas estão sempre a serviço da morte, seja de quem for. Ameaçar ou matar alguém com arma de fogo é o último passo de um caminho que começou com os pais guardando uma arma em casa. Essa arma (carregada ou não) e a munição podem estar ao alcance do filho. E quando, um dia, este tem a ousadia de levar a arma para a escola é porque já lhe falta saúde mental e social para conviver com os colegas. E, se não a trouxe de casa, conseguiu-a com um amigo ou roubou-a de alguém, o que evidentemente não diminui a gravidade da situação nem isenta os pais de responsabilidade pelo fato.

Detectores de metal na porta de entrada da escola resolveriam o problema? Talvez inibissem *os* mais frágeis e indecisos, aqueles que apenas imitam o comportamento dos seus líderes, que continuariam tentando levar armas para a escola. Contudo, a repressão pura e simples não educa. A violência sempre escapará por novas brechas. É preciso que a escola faça um amplo trabalho de prevenção à violência, envolvendo ativamente não só os alunos, mas seus respectivos pais.

Nessas situações, qual é a vantagem da disciplina para o aluno, se ele é mais recompensado se não a tiver?



2

Causas da indisciplina na escola

Muitos motivos podem levar um aluno a não se comportar de forma adequada em atividades que necessitem de uma integração funcional com outras pessoas.

Relaciono, a seguir, os principais:

Distúrbios de ordem pessoal: psiquiátricos; neurológicos; deficiência mental; distúrbios de personalidade; distúrbios neuróticos; etapas do desenvolvimento: confusão pubertária; onipotência pubertária; estirão; menarca/mutação; onipotência juvenil; síndrome da quinta série; distúrbios “normóticos”; distúrbios leves de comportamento; uso e abuso de drogas.

Distúrbios relacionais: educativos; entre os próprios colegas; por influência de amigos; distorções de auto-estima.

Distúrbios e desmandos de professores.

Analisaremos, agora, cada uma dessas causas.

Distúrbios pessoais

Na presença de distúrbios psiquiátricos, os comportamentos provêm de uma psicose (maníaco-depressiva, esquizofrenia etc.) e independem do meio. O psicótico elabora qualquer estímulo recebido conforme sua patologia e reage de maneira inadequada. Por exemplo: se o professor pede silêncio à classe toda, o psicótico interpreta o pedido como uma perseguição exclusiva à sua pessoa e reage (às vezes até com agressões físicas). Os maníacos não conseguem ficar em silêncio porque estão submetidos a uma agitação psicomotora que não tem como ser controlada.

Tais distúrbios decorrem de alterações incontroláveis. São mais fortes que as normas ditadas pelo ambiente. Surgem de modo abrupto ou insidioso, em qualquer lugar e de maneira inesperada, transformando totalmente a personalidade da pessoa afetada e surpreendendo as demais.

O próprio sujeito não consegue avaliar as dimensões de sua inadequação. Pelo contrário, tem plena convicção (delirante) de que está absolutamente certo. No exemplo acima, o psicótico percebeu, assim como seus colegas, o pedido de silêncio do professor; entretanto, suas reações foram inadequadas. Pouco adianta o professor tentar disciplinar esse aluno. O melhor é encaminhar o problema à orientação ou à direção da escola para que a família seja convocada e esclarecida quanto à necessidade de um tratamento psiquiátrico para aquele aluno.

Distúrbios neurológicos são sintomas decorrentes de epilepsia ou de outras doenças, como a disfunção cerebral mínima (DCM). Seus portadores são, tradicionalmente, agitados, apressados, briguentos, inquietos. Inteligentes, terminam as tarefas antes dos outros e, como não agüentam esperar, acabam tumultuando a aula. Essas pessoas são assim em qualquer lugar; portanto, é fácil identificar o problema. Basta observá-las no recreio, na fila, na classe, em casa. Às vezes, até seu sono é agitado. O próprio hipercinético sofre com tamanha agitação, sem que consiga ter o mínimo controle sobre ela. Um tratamento bem orientado e com medicação adequada pode controlar tais distúrbios. Aqui também estão os hiperativos de causa neurológica e os déficits de atenção, dos

quais já falei na primeira parte deste livro.

Os portadores de deficiência mental apresentam menor capacidade de entender as regras e de suportar frustrações, além de controlar menos as reações primitivas da agressividade e da impulsividade. Quando o problema é leve, em geral conseguem acompanhar o curso até a quinta série. A partir daí, como demoram mais tempo para desenvolver o pensamento abstrato, tendem a prosseguir mais devagar. Dependendo do grau de deficiência, o aluno pode ir bem até a terceira série. Nas situações mais severas, a alfabetização é impossibilitada. Broncas, castigos ou expectativas excessivas só servem para deixá-los tensos. Os deficientes mentais merecem uma educação especializada; no entanto, deve-se levar em consideração o fato de que a maioria deles é bastante dócil.

O distúrbio de personalidade mais grave é a chamada personalidade psicopática. Seu portador não respeita as outras pessoas nem as regras sociais. O que importa é atender às próprias necessidades. Não se incomoda em prejudicar seja quem for (pais, amigos, professores, colegas, estranhos) para saciar seus desejos. Mente, apossa-se do que lhe foi emprestado, rouba. É como se não conseguisse estabelecer critérios internos de valores, de tal modo que todos os meios são válidos para conseguir o que quer. São delinquentes graves.

Professores, assim como psiquiatras, psicólogos ou outra pessoa qualquer, não estão livres de sofrer distúrbios psiquiátricos ou neurológicos. Portanto, cuidemo-nos uns dos outros.

Resultantes de traumas pessoais, os distúrbios neuróticos são comportamentos bastante inadequados na qualidade e na quantidade. Surpreendem o interlocutor porque dependem muito mais do mundo interno pessoal que da adequação social e ambiental. O neurótico projeta seu problemático mundo interior sobre o outro, sem que este o saiba.

Quando o professor pede à classe: “Silêncio, por favor”, o aluno neurótico pode reagir: “Você não é meu pai para mandar em mim”. Uma das explicações para essa resposta é que o aluno não viu o professor à sua frente, mas o pai projetado nele; assim sendo, respondeu ao pai. A figura projetada é a que ele traz

dentro de si, um pai autoritário que lhe causou muitos traumas. Esse aluno tem problemas com o pai, não com o professor em si, e, enquanto não os resolver, continuará utilizando o mecanismo neurótico de projetar a figura internalizada do pai em qualquer pessoa que o faça lembrar-se dele.

Isso pode acontecer, também, com o professor: ele pode ver no aluno insubordinado o filho desobediente. Então, passa a agir como um pai tentando fazer o filho obedecer-lhe a qualquer custo, e não como um professor tentando estabelecer a ordem na classe.

Etapas de desenvolvimento da adolescência

A adolescência é um segundo parto: nascer da família para andar sozinho na sociedade. Trata-se de um parto às avessas porque são os filhos que expulsam os pais do seu mundo psicossocial, apesar de continuarem dependendo deles em relação à moradia, comida, roupa, dinheiro, responsabilidades (os pais têm que assinar os boletins escolares, por exemplo).

Assim como a infância, a adolescência também tem várias etapas, delimitadas, sobretudo, por modificações hormonais e psicossociais. Cientes delas, os educadores terão mais elementos para compreender o aluno e saber o que se pode esperar dele.

Um mesmo adolescente pode agir de maneiras distintas, conforme a fase que estiver atravessando.

As etapas são cinco: confusão pubertária, onipotência pubertária, estirão, menarca/mutação e onipotência juvenil. Nas meninas, essas fases têm início entre nove e dez anos; a menarca ocorre aos onze ou doze anos e daí sucede a onipotência juvenil. Nos meninos, a puberdade é mais longa e começa mais tarde, entre dez e onze anos; eles chegam à mutação aos quinze ou dezesseis anos, e sua onipotência juvenil pode estender-se até os dezoito ou vinte anos.

A confusão pubertária é o período em que a hipófise começa a estimular todo o organismo a amadurecer, principalmente os ovários e os testículos. Essas

transformações independem totalmente da vontade e seguem o determinismo genético biológico, gerando comportamentos característicos conforme o sexo. É nesta etapa que surge o pensamento abstrato. A confusão estabelece-se porque partes suas funcionam como criança e outras já como púberes, com os hormônios sexuais. Internamente atrapalhados, externamente precisam da ajuda dos professores para se organizar.

A onipotência pubertária é muito mais evidente nos rapazes, que são inundados pela presença da testosterona, o “hormônio de brigação”. Seus pés e mãos desenvolvem-se muito, embora cresçam pouco em altura. O pênis ainda conserva as características infantis. Mas já há produção de espermatozóides. É a semenarca que ocorre entre doze e treze anos. Chamo a testosterona de “hormônio de brigação” (em contraste com o estrogênio, o “hormônio de ligação”). Com a testosterona, o púbere torna-se territorial, agressivo, impulsivo, irritável, não pede ajuda, mas também não a oferece, não fala de si, tranca-se com seus pensamentos, sentimentos e sofrimentos, buscando a auto-afirmação a todo custo. Faz oposição, contestação e “birras”, agride, tem crises de mau humor.

Nas meninas, essa onipotência não é muito evidente e expressa-se, sobretudo, por meio da revolta nos momentos em que se sente injustiçada, incompreendida ou rejeitada. Sensível, sofre também pelos outros injustiçados. Embora possa ficar agressiva, respondona e resmungona, não chega ao nível de mau humor e de agressividade dos rapazes. As amigas adquirem muita importância em sua vida.

Ciente do que está acontecendo com seus alunos, o professor deve evitar os atritos, tomando um cuidado extremo para não dar ordens que favoreçam a oposição, o enfrentamento e o questionamento.

O estirão também é mais evidente nos rapazes. Eles aumentam muito de altura, em consequência do alongamento do fêmur. O rosto e o pênis ainda são de criança. Perdem o esquema corporal, ficam envergonhados, sofrem ataques de timidez social, mas *são* loquazes em casa. Não acertam a postura, muito menos as roupas. Nem eles mesmos se entendem. As meninas engordam, antecipando o

arredondamento das formas e o crescimento dos seios. Ficam também bastante envergonhadas.

Dois importantes acontecimentos biológicos marcam o início da próxima fase: a menarca (primeira menstruação) nas garotas e a mutação (mudança de voz) nos rapazes. As meninas aproximam-se das mães para trocar “confidências ginecológicas” e aprender sobre a higiene apropriada para os dias em que estão menstruadas. Amadurecem bastante psicologicamente e começam a lutar por sua independência, tentando livrar-se da proteção familiar.

Os rapazes sentem-se mais feios do que nunca: o nariz e as orelhas crescem mais rápido que o restante do rosto, adquirindo formatos adultos e desequilibrando a harmonia facial. O pênis, finalmente, também se desenvolve, para íntima satisfação deles.

A etapa seguinte, a onipotência juvenil, pode aparecer em ambos os sexos, embora tenda a ser mais acentuada no masculino. É a “mania de Deus” do jovem: ousado, arrogante, impetuoso, impulsivo, apaixonado, sexualmente potente, com baixíssima tolerância à frustração e cheio de certezas absolutas (o risco não existe). Não respeita ciclos biológicos, como alimentação e sono, tampouco opiniões ou experiências alheias (sobretudo dos pais).

Essa etapa termina com o amadurecimento psicológico. Quanto mais saudável for o adolescente, menos onipotente precisará ser, pois aprendeu a lidar melhor com as frustrações e as incapacidades naturais do ser humano. O vestibular, com suas características competitivas, ajuda bastante a resolver ou, então, a agravar essa “mania de Deus”.

Quanto mais equilibrado for o jovem, menos acentuadas e conturbadas serão todas essas etapas. Quanto mais nítidas elas forem, mais sofrida deve estar sendo a passagem pela adolescência.

Os pais (e professores) têm que amadurecer também com o desenvolvimento dos filhos (e alunos). O mínimo exigido é a mudança de relacionamento com eles. Pais que sabem agir adequadamente, percebendo em que nível se encontram os filhos, protegem e ajudam as crianças, se associam e auxiliam os púberes a se organizar e, aos adolescentes, pedem ajuda útil,

delegando-lhes poderes e depois cobrando algum resultado. Lembremos: o que está combinado sai barato.

Distúrbios pubertários na escola

Mesmo no caso de um aluno que nunca tenha repetido de ano, seu desempenho escolar pode complicar-se quando começam a surgir questões que exigem dele pensamento abstrato, como na matemática, por exemplo, ou maior sentido de organização diante da multiplicação de matérias e professores, cada um deles exigindo um tipo de estudo, de caderno, de livro etc.

A partir dos onze anos de idade, as crianças deixam de freqüentar cursos em que as matérias são poucas, em que o número de professores é pequeno (geralmente do sexo feminino), e o relacionamento com eles é bastante pessoal, de modo que os professores sabem o nome de todos os alunos e conhecem um pouco da vida de cada um. Estamos falando da síndrome da quinta série, sobre a qual escrevi bastante em *Ensinar Aprendendo*.

Nesse momento, as meninas já têm pensamento abstrato e algumas já apresentam grandes modificações corporais. Em regiões mais quentes, já ocorrem as primeiras menarcas. Os meninos, porém, ainda estão começando a produzir testosterona, sem, no entanto, alterações corporais e muito menos pensamento abstrato. A entrada para o grau escolar mais elevado traz muito mais complicações para os meninos que para as meninas.

Os meninos podem apresentar distrações, falta de concentração e dificuldade para compreender as matérias e para organizar o material escolar, ao passo que as meninas manifestam maior capacidade de atenção, concentração, compreensão e organização, pois sua mente já está mais formada.

Do ponto de vista físico, no entanto (onde as modificações estão ocorrendo), as meninas sofrem muito, com tonturas, mal-estar, crises de choro por qualquer coisa etc. Tudo dói e ficam “gemendo” atrás dos adultos. Já os meninos nada sofrem corporalmente e, pelo contrário, nem doentes ficam; nunca

reclamam de dor porque não querem ser vistos como “maricas”.

Antigamente, depois do primário havia o ginásio, para o qual se entrava após um ritual de passagem, tipo vestibulinho. Hoje, o ensino fundamental englobou esses dois estágios numa sequência única, pela qual os alunos passam dos sete aos catorze anos de idade. Com isso acabou-se o rito pubertário.

Reações normais, mas que atrapalham os professores

O termo “distúrbios normóticos” parece inadequado por abrigar uma contradição: se são distúrbios, como podem ser normais? Refiro-me, aqui, às pequenas alterações de comportamento que são até esperadas em algumas etapas do desenvolvimento adolescente, mas que podem atrapalhar o professor que não tiver o conhecimento apropriado do assunto.

Exemplos típicos são algumas confusões que ocorrem na quinta série, oposições masculinas na sétima, brigas corporais na oitava, maior valorização da amizade no ensino médio, sexualidade exuberante no “maremoto hormonal”, a timidez no estirão, as crises de autoridade nas onipotências, a expansão do ego, a temeridade e a ousadia na onipotência juvenil. Todos esses acontecimentos deixam de ser “normóticos” e passam a ser neuróticos quando os sinais de determinada etapa aparecem em outras, anteriores (adultização) ou posteriores (infantilização).

Mas precisamos ter muito cuidado ao fazer essa avaliação, pois existem fortes variáveis emocionais e psicossociais que individualizam as pessoas e que devem ser consideradas.

Quando não incomodam os outros

Os entupidos e os desligados causam, de maneira geral, menos

perturbações na aula. Incomodam menos os professores e podem até passar despercebidos na classe. Costumam sofrer muito mais do que causar sofrimento aos outros. São os tímidos, os esquizóides (aqueles que apresentam tendência à solidão e ao devaneio), os distraídos, os apáticos etc.

Nesses casos, o professor deve ficar atento para identificar se essas são características constantes de um aluno ou episódios que refletem dificuldades momentâneas. Quando o estudante se prejudica com tais “entupimentos”, uma ajuda externa é necessária. Não é tarefa do professor tratar o aluno, mas cabe à escola encaminhá-lo a um serviço especializado.

Usuários de drogas

São graves as alterações apresentadas pelos alunos em razão do uso de drogas (álcool, maconha, *crack*, cola de sapateiro, benzina, medicamentos psicotrópicos). **Quando um estudante chega à aula drogado, é porque já perdeu o controle do uso há algum tempo. Já não lhe basta mais usar apenas fora do período escolar.** Geralmente, o usuário, no início, consegue esconder o vício das pessoas de sua casa e dos professores, mas não faz muita questão de ocultá-lo de amigos e colegas. Alguns chegam a fazer alarde do uso para sua turma ou mesmo na escola.

Quando um aluno chega drogado à sala de aula, é porque já se droga em casa ou está prestes a fazê-lo. Se os pais ainda não perceberam a situação, pode ser que ele esteja utilizando a droga quando não há ninguém em casa ou dentro do próprio quarto, a portas fechadas, escondido da família. Quando os adultos estão em casa, saem para “dar uma volta”, aparentemente sem motivo, e vão drogar-se a poucos metros dali.

É praticamente impossível para um professor não perceber que há na classe um aluno alterado por estar bêbado, drogado, agitado ou sonado. Os professores devem guardar nas suas fichas e na memória como é o funcionamento regular de cada aluno. Assim, quando notarem alguma alteração

de comportamento, eles têm a obrigação de comunicar o fato aos canais competentes, seja o diretor, o coordenador ou o orientador. Não cabe ao professor investigar o motivo da alteração. Essa não é sua função em classe. Sua tarefa é muito clara: dar aula.

Seja professor, seja aluno, quem não estiver em condições de permanecer na aula não pode participar dela.

Mesmo o aluno que não está incomodando porque está dormindo não deve permanecer na sala aula por causa da falta de condições para participar dela ativamente. Ele deve ser encaminhado aos canais competentes para que se pesquisem as causas do seu sono.

Por sua vez, cabe à escola levar o problema ao conhecimento dos responsáveis pelo aluno — e cabe à família tomar as providências necessárias para resolvê-lo.

A simples retirada do estudante da classe não resolve o problema. Mas o professor pode (e deve!) encaminhar esse aluno aos seus orientadores.

Sem essa iniciativa, dificilmente alguém tomará uma atitude para sanar o problema, que, quando detectado pelos pais, talvez já se encontre num estágio muito avançado.

Porém, não adianta o professor fazer sua parte se a orientação escolar não fizer a dela: verificar se os pais ou responsáveis tomaram alguma providência, que solução foi escolhida e acompanhar a evolução do tratamento por meio da observação mais apurada do comportamento do aluno. Nesses casos, é importante a escola entrar em contato com o profissional encarregado do tratamento e vice-versa. Como o problema do estudante foi detectado na escola, ela tem mais condições que a família de avaliar sua evolução.

Sobre o tema do envolvimento dos alunos com drogas, remeto o leitor ao meu livro *Anjos Caídos*, no qual encontrará informações pormenorizadas sobre os modos de prevenir e tratar o problema.

Problemas de relacionamento

Esses são os distúrbios mais difíceis de diagnosticar, pois dependem das interações relacionais comportamentais, que, por sua vez, são condicionadas por estímulo e resposta. Às vezes, é muito difícil estabelecer num relacionamento quem realmente começou, pois sempre o agente de um comportamento pode alegar que reagiu em virtude de um estímulo anterior (imediatos ou remotos).

Raramente a mãe consegue descobrir qual dos filhos começou a briga. Ambos argumentam que foram provocados primeiro — se não no momento da discussão, então no dia anterior. Muitas vezes referem-se até mesmo a fatos ocorridos anos antes. O diálogo básico, nessas horas, em geral não foge muito do seguinte exemplo:

“Mãe, fulano está batendo em mim.”

“Mas você não tem jeito mesmo! Pare de bater na sua irmã!”

“Ela está me provocando, mãe.”

“Fulaninha, pare de provocar seu irmão!”

“Mas eu não estou fazendo nada...”

A situação tende a piorar se a mãe não interferir energeticamente:

“Parem, vocês dois!”

Esses comportamentos são relacionais porque surgem conforme os envolvidos no relacionamento. Um aluno pode reagir de maneiras diferentes, dependendo das atitudes do professor ou do seu modo de fazer um pedido.

No exemplo da mãe com os filhos briguentos, talvez cada um agisse diferente se tivesse um amigo presente ou se a mãe estivesse recebendo uma visita.

Brigas entre os colegas

Na escola, a criança recebe novos estímulos relacionais de forma muito mais intensa do que dentro de casa — local a que já está acostumada. **Quanto menos integrada ou mais frágil psicologicamente estiver, mais problemas**

tenderá a encontrar na convivência escolar. Cada um dos colegas pode estimulá-la em pontos que ainda não foram desenvolvidos em casa.

Filhos únicos estão pouco acostumados a dividir espaços, atenções, a emprestar suas coisas e a pedir emprestadas as dos outros. Tendem a tornar-se egocêntricos e egoístas; tentam também transformar neuroticamente a escola numa continuação de sua casa, querendo a exclusividade das “tias”, assim como os pais são exclusivamente seus. Caso estes não estejam atentos a essas tendências, ao atender aos mínimos desejos do filho podem acabar prejudicando seu desenvolvimento psicossocial.

Quem, no entanto, nasceu numa família grande, com muitos irmãos, já começa a vida comunitária dentro . da socialização familiar. Essas crianças adaptam-se facilmente às escolas.

Crianças com dificuldade para superar ciúmes, rivalidades, competições, rejeições e agressões podem apresentar distúrbios comportamentais ao relacionar-se com os colegas. Cabe aos professores, com base em sua própria intuição, descobrir o melhor método para lidar com tais dificuldades, sem, no entanto, prejudicar a classe toda. Caso esses problemas permaneçam, pode ser necessário solicitar ajuda externa.

Certos alunos juntam-se para rejeitar ou agredir um colega por ser diferente dos demais. Em geral, o agredido é mais frágil que os outros e não tem condições de defender-se sozinho.

O Dr. Cláudio Pawel, em sua *Monografia para Titulação como Terapeuta de Aluno*, na Federação Brasileira de Psicodrama, cita o fenômeno conhecido por *bullying*, que “não é uma violência explícita de alta periculosidade, mas de agressividades menos ostensivas, toleradas socialmente”. São “atitudes hostis repetitivas, por exemplo, entre colegas de classe, motivadas por diferenças culturais, raciais, sociais, características físicas etc.” Atingidas cronicamente, as pessoas acabam se isolando, com sua auto-estima rebaixada e com tendências, em casos mais graves, ao suicídio durante o período da infância.

Assim como a mãe tem que interferir para ajudar o filho mais frágil, o professor também deve intervir para proteger o aluno mais fraco.

Quando o professor não toma nenhuma atitude, os estudantes podem interpretar o fato como aprovação e a situação tende a se agravar. Além disso, esperar que o frágil aluno reaja por conta própria, que enfrente uma gangue sozinho, é sonhar acordado. Numa convivência com a tal gangue, o professor pode estar rejeitando a fraqueza daquele aluno e usando a turma para fazer com que o menino se torne mais corajoso, “vire homem”. A proteção do professor prejudica menos o aluno frágil do que o fato de deixá-lo exposto a agressões desnecessárias na escola.

Com frequência, o aluno indefeso possui distúrbios (ou diferenças) de comportamento: isolamento, choro fácil, dificuldade de reagir à provocação, maneirismos, deficiências ou anormalidades físicas, auditivas, visuais, de fala. Pode ser rejeitado, também, em virtude da cor de sua pele, de sua etnia ou religião. Sobretudo nesses casos, os professores devem aproveitar a oportunidade para ensinar os alunos sobre respeito humano como ingrediente indispensável à convivência universal.

Nem sempre o estudante frágil é assim em casa, principalmente por dois motivos: na família ele está bastante protegido e todos se adaptam ao seu jeito de ser. Para diminuir o sofrimento na adaptação escolar, é muito importante que os pais e o filho sejam orientados psicologicamente.

Os professores devem ficar atentos a mais uma possibilidade: às vezes, os distúrbios não existem exclusivamente em relação aos colegas, mas têm como objetivo tumultuar a aula, provocar o professor ou mesmo conturbar o ambiente escolar.

Nesses e em outros casos, não convém expulsar o aluno da sala. Melhor é encaminhá-lo à orientação escolar. Além de não trazer benefícios, a expulsão da aula pode contribuir para o agravamento do problema. O aluno pode intensificar as provocações para, sempre que quiser, ficar no pátio, “bagunçando” com a “autorização” do professor.

Violência

A violência é uma semente colocada na criança pela própria família, que, encontrando terreno fértil dentro de casa, se tornará uma planta rebelde na escola, expandindo-se depois em direção à sociedade. Quando os pais deixam o filho fazer tudo o que deseja, sem impor-lhe regras ou limites, ele acredita que suas vontades são leis que todos devem acatar. Então, se um dia alguém o contraria, esse filho pode tornar-se, num primeiro momento, agressivo, mas depois partir para a violência, exigindo que se faça aquilo que ele quer. É o filho supermimado.

Em outro extremo, há os pais violentos. Na verdade, esses pais não estão educando seus filhos, mas ensinando-os a ser violentos. O filho não conhece os níveis normais de agressividade. Para ele, a violência é o recurso para vencer qualquer contrariedade. Seu corpo acostuma-se a reagir automaticamente de modo violento.

Em ambos os casos, a escola é uma segunda chance educativa que os pais devem aproveitar, segundo o princípio da “Educação a Seis Mãos”, sobre o qual falo mais extensamente no livro *Ensinar Aprendendo*.

Distorções da auto-estima

A auto-estima depende, inicialmente, do amor dos pais ou das figuras que os substituem. Se esses indivíduos apresentarem características pessoais distorcidas, também a auto-estima da criança poderá sofrer distorções.

Muitas dessas distorções nos adultos provocam a mania de príncipe nas crianças. O filho vive como se não precisasse fazer nada porque tudo é realizado ou lhe dado gratuitamente. Aos outros, no entanto, custa muito conseguir o que se deseja.

Certos pais, por exemplo, educam os filhos para ser príncipes e depois reclamam quando estes não conseguem êxito escolar. A escola, que tanto custa aos pais, nada custa a esses filhos. E, afinal, é inútil mostrar contas a príncipes.

A auto-estima permanece infantilizada. Alimenta-se apenas quando ganha algo; caso contrário, sente-se desnutrida. Ao sentir-se desnutrido, ele acostumou-

se — e foi acostumado — a pedir que o alimentem. Ainda que tenha o alimento à mão, o príncipe não se alimenta sozinho. Não se sente suficientemente forte para ser independente. Sua auto-estima precisa ser servida. O príncipe pode ser uma criança saciada, mas não feliz. A saciedade vai para o corpo, mas a alma continua desnutrida e, portanto, infeliz.

Distúrbios comuns da auto-estima são a perda de limites, a autodesvalorização, o excesso de auto-estima, o ego inflado, o ego murcho, o falar que vai fazer algo e não seguir adiante. Tais problemas conduzem à indisciplina e à falta de respeito pelas pessoas ou bens alheios e têm-se tornado muito sérios nas últimas duas décadas.

Oscilações da auto-estima

Muitos distúrbios de conduta e a inconstância dos alunos são causados por oscilações da auto-estima. Entre eles, podemos citar:

- Brigas (verbais e corporais).
- Intimidades sexuais em público.
- Masturbação na sala de aula.
- “Ficar” em classe.
- Aparência exótica.
- Uso de álcool, cigarro e maconha.
- “Aprontações” com prejuízo do aluno, do professor ou da escola (danos físicos, psicológicos ou materiais).

Disputas no tapa

O professor pode estimular a rivalidade e a competição entre os alunos para melhorar o aprendizado, mas jamais permitir que discutam de forma destrutiva. A discussão acalorada pode ser educativa desde que a possibilidade de aprendizagem supere a de destruição. Para tanto, o professor deve deixar bem claro os limites e as regras da competição e cuidar para que sejam respeitados.

Qualquer briga em classe, verbal ou corporal, deve ser impedida.

Há etapas do desenvolvimento da adolescência em que o corpo se torna muito suscetível. Qualquer esbarrão pode ser entendido como provocação irresistível e culminar em uma bela briga. Enquanto a briga se mantiver no plano verbal, geralmente os envolvidos ainda conseguem ouvir alguém que procure acalmá-los. Uma vez no plano físico, pouco adianta falar ou gritar com eles. Muitas vezes, é preciso intrometer-se fisicamente para separar os alunos que estejam brigando. Corpo atende ao corpo, não à voz. Os meios empregados para afastar os dois contendores têm menor importância que o resultado que se pretende obter: apaziguar os ânimos, desde que ninguém saia ferido, é lógico.

Nem sempre é possível descobrir o principal responsável pelas brigas, seja durante, seja depois. O histórico escolar de cada aluno pode auxiliar um pouco. *Como* regra, é bom que a medida adotada pela escola, punitiva ou não, seja aplicada a todos os envolvidos.

Mesmo que a briga seja transferida para fora da escola, ainda assim deve ser impedida. A jurisdição escolar abrange 500 metros além dos muros escolares. Já é uma boa distância para os alunos percorrerem e, algumas vezes, suficiente para arrefecer possíveis animosidades. Entretanto, a emoção não respeita limites escolares. Uma briga, para escapar de complicações com a diretoria, pode começar na classe e consumir-se na rua.

Intimidades sexuais em público

São grandes as discussões em torno dos conceitos de intimidade e privacidade. Beijar na classe pode? Nem o beijo de lábios fechados? E o beijo francês, “de língua”? Abraçar pode? E sentar no colo? Fazer carinhos pode?

Nenhum ser humano é indiferente ao sexo. O grande desejo dos educadores é não cercear, mas também não estimular o desenvolvimento sexual. Limites do tipo “beijo de lábios fechados pode, mas beijo de ‘língua’ não pode” são difíceis de estabelecer. Quem vai ficar vigiando para saber se a língua

participou ou não naquele beijo?

Quando um casal está tendo intimidades sexuais em público, um bom critério pelo qual se basear é perguntar à moça se ela faria o que está fazendo na presença dos pais. Se ela responder que não, então deve parar. Se responder que sim, que faria, então está na hora de chamar os pais, colocar todas as cartas na mesa e procurar juntos uma solução. Para o rapaz, é o caso de perguntar-lhe se ele permitiria que a menina fizesse com um amigo, ali na frente dele, tudo o que ela está fazendo com ele. Caso diga que não permitiria, ele também deve parar de fazê-lo. Se disser que permitiria, é bom fazer o confronto para verificar se ele realmente agüenta ver a “mulher dele” nos braços de outro. Convém lembrar que os jovens podem dar respostas mais provocativas para desarmar os educadores, mas, quando confrontados, acabam cedendo.

É muito importante que a escola tenha uma linha de ação bem definida para que os funcionários se sintam autorizados a interferir ou não nas intimidades entre os alunos. Do contrário, cada um agirá de acordo com seus próprios critérios e o estabelecimento será uma “anarquia sexual”. Trata-se de um caminho que exige muito equilíbrio, pois normas de comportamento sexual muito declaradas podem produzir o efeito contrário e estimular, provocadoramente, os alunos.

Ninguém, nem os próprios pais, tem condições de controlar a sexualidade dos jovens. Mas a escola precisa tomar uma atitude em relação a um casal que esteja se expondo sexualmente em prol da proteção e da adequação de todos. Por isso é muito necessária, no currículo escolar, a educação sexual. Quanto mais os jovens estiverem prontos para a vida sexual, não somente do ponto de vista biológico, mas também em termos psicológicos, e bem orientados quanto aos valores morais, sociais e afetivos, menos problemas terão que enfrentar, como Aids e outras doenças venéreas, além de gravidez precoce e outros distúrbios sexuais.

Os jovens precisam ter o controle de sua vida sexual. Ninguém deve nem pode fazer isso por eles. A escola, porém, pode e deve oferecer condições para que eles mesmos assumam esse controle.

Os jovens somente estarão aptos a usufruir de uma vida sexual saudável quando, de fato, entenderem a vida reprodutiva. A gravidez, mesmo indesejada, é um sucesso biológico, animal, e o jovem por vezes tende a não associá-la à atividade sexual, essencialmente humana. É um sucesso porque somente um dos 300 milhões de espermatozóides altamente energizados, ejaculados de uma só vez, conseguirá alcançar o óvulo dentro da trompa, formando, então, o ovo embrionário.

Atividade reprodutiva todos os animais têm. **Somente o ser humano aprendeu a usufruir desse instinto sexual, sofisticando-o mediante o uso da inteligência e inserindo-o no âmbito da religiosidade e da ética.** A religiosidade é a força relacionai dos seres humanos, cujo resultado final é a sociedade. A sofisticação maior é a de associar esse instinto ao nosso maior valor relacionai, o amor.

Masturbação na sala de aula

Se o aluno não é um deficiente mental que ainda não adequou suas necessidades ao contexto social, deve estar totalmente fora de si (ser um psicótico, estar drogado) para masturbar-se em classe com o intuito de provocar a professora. Raramente os alunos masturbam-se em aulas com professores. Em geral, suas “vítimas” são professoras ou colegas (meninas). A masturbação também pode acontecer, contudo, quando o púbere se vê inundado pela testosterona. Então tudo é motivo para masturbar-se, e o rapaz, contra sua vontade (ele não deseja agredir), pode ser surpreendido por alguém.

Afastadas, porém, as distorções psiquiátricas e neurológicas, em geral é bom que as professoras tomem alguma atitude. Fingir que não viu nada nem sempre dá certo; na maioria das vezes, agrava a situação: o masturbador exagera até chegar a um ponto em que a professora não consegue mais disfarçar.

O que costumo sugerir talvez pareça um exagero mas acredito que, se a professora chamar o rapaz para se masturbar na frente da classe, sem dúvida acabará com o exibicionismo dele. Se a professora mantiver a calma, a intenção

do aluno de chocar será anulada. Ao sentir-se exposto ao julgamento de toda a classe, o exibido perde o “poder”. A exposição inibe.

É claro que existe o risco de essa atitude ser traumática. Será que pode acabar prejudicando em vez de ajudar o aluno em questão? Se, de fato, ele precisar de uma reeducação, talvez. Se o aluno aceitar a sugestão, for para a frente da classe e se masturbar, a professora terá argumentos suficientes para encaminhá-lo a um tratamento psicológico.

No entanto, o que costuma acontecer é que o aluno sabe da inadequação do seu gesto e o faz de um modo que os outros colegas não percebiam, só a professora. Os motivos da provocação podem ser vários. Não cabe à professora pesquisá-los, mas é importante que ela tome uma atitude em relação às suas manifestações e torne ineficaz essa provocação.

“Ficar” em classe

No meu livro *Adolescência — O despertar do Sexo*, escrevo sobre o “ficar” adolescente. Um casal que “fica” está tão entretido e/ou ocupado com a situação que não há condições de continuar participando da aula. É bom que se entenda que o “ficar” consiste em fazer simplesmente o que se tem vontade, sem responsabilidade relacionai, sem pensar no passado ou no futuro. Trata-se de uma atitude que pertence ao comportamento animal, em que se procura a saciedade do instinto de reprodução da espécie.

Contudo, no caso dos seres humanos, trata-se de um abuso da sofisticação, pois em vez de esse tipo de relacionamento trazer felicidade, trará somente a saciedade, que, como vimos, é insuficiente para nós. Assim que o “ficar” termina, os “ficantes” ficam insatisfeitos e começam a procurar novas aventuras. **No começo deste milênio já se ouve falar em “serial kisses”, numa analogia com “serial killers”, pois os jovens “ficam” com dez, quinze pessoas em seguida.** O que importa para eles é o número de “ficadas”, não a qualidade do relacionamento humano.

Cabelos compridos, brincos e tatuagens

Esse tema depende das normas da escola e não do que cada professor pensa. Quando a escola é reconhecidamente tradicional e foi procurada pelos pais em virtude dessa característica, todos devem saber claramente o que as regras permitem ou não. Se forem impostas “no meio do caminho”, se forem alteradas conforme acontecem os fatos — em um dia pode; em outro, não —, as regras perdem credibilidade.

Cabelos compridos, raspados ou coloridos, quando bem higienizados, não ferem o bem-estar de ninguém, dependem apenas do gosto de cada um. Se o desejo pessoal (não a obrigação) de manter os próprios costumes é maior que as regras obrigatórias de uma escola, o aluno deve procurar outra que os aceite. Ninguém é obrigado a frequentar uma escola específica quando existe a possibilidade de escolha. Quem pede um visto de entrada para um país no seu passaporte está se submetendo à legislação daquele país. Quem vai a uma festa está acatando as regras do evento. Assim acontece em tudo. Por que um aluno não deveria respeitar as regras da escola na qual ingressou livremente?

Os meios de comunicação divulgam alguns critérios socialmente aceitos. Cabelos compridos, amarrados num rabo-de-cavalo, são aceitáveis para artistas, esportistas músicos, mas nem tanto para executivos, políticos, cirurgiões.

Escolas bastante permissivas em relação à indumentária e aos costumes são algumas vezes mal interpretadas pelos alunos como sendo liberais também para o uso de drogas. Tudo isso prejudica o rendimento escolar? Bem, trata-se de um outro problema. As drogas, sem dúvida, atrapalham. Mas existem outras liberdades que, se bem dosadas, evitam a formação de um clima tenso, o que, por sua vez, favorece o rendimento escolar.

Uso de álcool

A bebida alcoólica é uma presença muito comum entre os jovens. Atualmente, qualquer família de classe média tem seu “barzinho” instalado num lugar especial, quase como se fosse um oratório. O mais vetusto professor, em sua casa, transforma-se num solícito barman para as visitas. A propaganda de bebidas alcoólicas explora ao máximo a imagem do jovem que bebe e se sente livre e feliz.

Se não há como evitar o contato dos alunos com bebidas alcoólicas, é melhor ensiná-los a administrá-las.

O organismo humano pode absorver uma pequena quantidade de álcool sem se prejudicar. As bebidas podem ser sorvidas e apreciadas enquanto ainda se tem o paladar e na ausência de sinais de alterações físicas, psicológicas ou comportamentais. **O ponto central é a pessoa perceber seu limite particular, isto é, saber quanto pode beber e, conseqüentemente, quando parar.**

Para já, o importante é nunca beber depressa. As alterações surgem quando o álcool chega ao cérebro. Ao beber rapidamente, o cérebro logo é atingido, e desse modo o indivíduo perde o controle sobre a quantidade que será ingerida a partir desse momento. Assim que surgem, as alterações tendem a piorar, pois ainda há álcool no tubo digestivo para ser absorvido e inundar ainda mais o cérebro.

Alguns jovens bebem antes de ir às festas para lá chegar desinibidos, soltos, alegres. O álcool é sempre depressor. Tal euforia é conseqüência da depressão do superego, responsável pela censura e adequação dos nossos comportamentos instintivos e/ou inadequados. O suicídio em pessoas não psicóticas é praticado, na maioria das vezes, por indivíduos alcoolizados. O álcool é a principal causa das brigas e violências em casas noturnas e em aglomerações de jovens. Segundo Daniel Goleman, 90% dos estupros ocorridos entre universitários norte-americanos são praticados por pessoas alcoolizadas.

Pior que beber, porém, é dirigir alcoolizado. Grande parte dos acidentes de automóvel, muitos deles fatais para motoristas, acompanhantes e pedestres, é

causada por jovens embriagados ao volante. O álcool deprime os reflexos e a percepção de tempo e espaço, deixando solta a onipotência juvenil. As estatísticas têm demonstrado que esse tipo de acidente cresce a cada ano, apesar de todas as campanhas esclarecedoras veiculadas na televisão. Mas essas campanhas nem de longe são acompanhadas pelos jovens. Afinal, não são dirigidas a eles, que estão onipotentes. Preferem ouvir as músicas das campanhas publicitárias que associam beleza e alegria a esses Príncipes consumidores. O álcool sacia a vontade, mas não traz felicidade.

Cigarro e maconha

Não se deve julgar as pessoas de forma preconceituosa por causa de tatuagens, cabelos, brincos, *pearcings*. Existem alunos bem trajados, asseados e penteados com personalidades problemáticas. Não se iluda: o fato de ser conservador no modo de vestir-se e de se pentear não impede o jovem de tornar-se usuário de drogas.

Pessoas que quebram o conservadorismo dos costumes vigentes também podem quebrar outros costumes em relação ao comportamento. Quem deixa os cabelos crescerem num contexto avesso a isso também pode atrever-se a usar drogas num meio mais conservador. No entanto, o cabeludo e o tatuado, com ou sem brincos, já foi um estereótipo do jovem que se drogava na década de 70 até meados dos anos 90. Hoje essa imagem remete simplesmente a questões de moda, estilo e classe social.

Há pessoas que são conservadoras em relação a algumas questões e transgressoras em relação a outras. Corroborando essa tese, 80% dos fumantes de maconha começaram pelo tabagismo. Ao utilizar o cigarro, quebraram as bases elementares da autopreservação. Dessa forma, eles se protegem menos de outros agravantes, como a maconha, por exemplo. Escolas que permitem o cigarro terão (se é que já não estão tendo) sérios problemas com a maconha.

Fumar em classe é proibido por lei. O professor que fuma em classe é o primeiro a transgredir a lei, e isso autoriza os alunos a fumar. Coitados dos

outros estudantes, que não suportam cigarro: serão transformados em fumantes passivos, pois nosso pulmão não seleciona o ar que aspira. Além disso, terão atropelada sua liberdade e sua saudável opção de não fumar.

Professor não deve fumar em classe *não só* em respeito à lei, mas pelo poder aliciante que o ato tem sobre alunos não-fumantes e pelo poder estimulante que exerce sobre os fumantes.

Uma das maneiras de a escola enfrentar o problema do cigarro é designar uma área fechada (preferencialmente uma saleta sem janelas, um pequeno e desagradável fundo de corredor, com cinzeiros repletos de tocos de cigarros) somente para uso dos fumantes, num gesto nítido de segregação. Tais ambientes refletem o que ocorre nos pulmões dos fumantes crônicos. Com essa medida, a escola respeita a saúde dos não-tabagistas, já que a fumaça física, concreta, não obedece a limites psicológicos, abstratos.

É interessante notar como os jovens entram no tabagismo. Filhos de pais tabagistas fumam mais que filhos de pais não-tabagistas. Estes normalmente escondem o cigarro dos pais, mas o exibem aos colegas nas escolas permissivas. Portanto, para eles, tais instituições de ensino funcionam como estimulantes do ato de fumar.

Entre os adolescentes existe a contaminação de comportamento. O que um faz, o outro quer fazer. Na busca de seus próprios valores, quando se está começando a despir-se dos valores familiares, o adolescente experimenta muitas coisas, principalmente o que seus amigos fazem.

A maconha é proibida por lei, e está comprovado pela medicina e pela psicologia que faz mal. Portanto, qualquer escola tem como obrigação lutar contra o uso da droga. Se alguém for surpreendido fumando maconha ou sob seus efeitos, a escola deve tomar certas atitudes: conversar com o aluno, chamar os pais ou os responsáveis e, numa reunião em que o estudante esteja presente, decidir junto com eles o que será feito.

É importante convocar os pais quando a escola descobre que um aluno está portando ou usando drogas ou está freqüentando a escola sob seus efeitos. Isso favorece o tratamento, tanto mais eficiente quando mais rápida for a

intervenção. Geralmente os pais descobrem que o filho está fumando maconha somente um ou dois anos depois que ele começou. É muito tempo, e tempo é o que não se pode perder nesses casos.

A escola não trata, ela ensina; logo, quem se encarrega de providenciar o tratamento é a própria família. A escola limita-se a acompanhar, a observar se o aluno voltou a fumar maconha. Talvez não devesse expulsá-lo como primeira atitude, porém pode suspendê-lo para tratamento. Tais medidas são necessárias porque a escola tem a obrigação da prevenção.

Como a maioria dos fumantes de maconha também é tabagista, a escola que permite o consumo de tabaco favorece o consumo de maconha.

Há muitos anos denuncio o método capilar de tráfico de maconha e como o jovem a procura. Em geral, todo usuário de maconha é um minitraficante e um aliciador. Minitraficante porque é seu amigo, usuário, que leva a maconha para ele, para sua classe, na escola, ou para dentro do seu quarto. Essas tarefas são pouco rendosas para o grande traficante. Aliciador porque o usuário oferece, como num ritual em nome da amizade, a maconha que está fumando para quem estiver interessado nela.

No meu livro *Anjos Caídos* escrevo sobre o uso da maconha, seus sintomas, efeitos e disfarces de uso; quando, onde, como, com quem usa; o perfil do usuário com seus argumentos a favor; os procedimentos adequados ao tratamento e/ou prevenção em casa e na escola — questões que não poderei retomar agora, mas que são importantíssimas.

“Aprontações” com prejuízos

Ofender, segregar, agredir, roubar ou destruir materiais (da escola, do professor ou mesmo do colega), pichar muros, paredes, soltar bombas no banheiro — são comportamentos que a escola e o professor não devem permitir.

Aluno que não respeita os outros precisa ou ser educado ou ser tratado.

A educação cabe aos pais e à escola. O tratamento cabe aos pais e ao

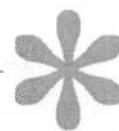
profissional de saúde. Um aluno que “apronta” e fica impune infringe regras e fere os direitos dos outros alunos. Muitas vezes, mais vale um limite bem demarcado que todo o esforço psicológico para tentar entender os problemas do aluno.

E se a família não colabora?

A educação ativa formal é dada pela escola. Porém, a educação global é feita a oito mãos: pela escola, pelo pai e pela mãe e pelo próprio adolescente. Se a escola exige o cumprimento de regras, mas o aluno indisciplinado tem a condescendência dos pais, acaba funcionando como um casal que não chega a um acordo quanto à educação da criança. O filho vai tirar lucro da discordância pais/escola da mesma forma que se aproveita quando há divergências entre o pai e a mãe.

PARTE 3

*Delegar
à escola
a educação
dos filhos*



Há pais que, por pagar uma escola, acham que esta é responsável pela educação dos seus filhos. Quando a escola reclama de maus comportamentos ou das indisciplinas do aluno, os pais jogam a responsabilidade sobre a própria escola.

“Já trabalhamos tanto, ficamos tão pouco tempo com os nossos filhos que não há tempo para educá-los.” Usando essa desculpa como argumento, os pais deseducam os filhos porque, durante os momentos de convivência, deixam-nos fazer tudo o que querem e não lhes fazem nenhuma cobrança. Se há pouco tempo para o relacionamento, este deve ser aproveitado para melhorá-lo sem abrir mão da educação.

Pais e filhos só se entendem porque reclamam da mesma escola. Os pais, no entanto, estão sendo coniventes com a má educação dos filhos e não pensam que filho é para sempre, mas o aluno frequenta a escola por um período e depois dela se afasta. Todos os pais querem respeitar a individualidade de cada filho e basta pensar um pouco para perceber que não há condições, dentro de uma escola, de o aluno receber atenção especializada e educação individualizada. Um filho tão especial em casa, com um projeto de vida específico, entregue totalmente à indiferença massificante da educação escolar? Não, não há condições de os pais delegarem a educação dos filhos a uma instituição de ensino.

Percebo não uma falta de amor aos filhos, mas uma desorientação desorganizadora, uma apatia e até mesmo uma certa covardia nos pais que não exigem dos filhos o mínimo de consideração. E os pais não merecem o mínimo.

Um filho que recebe do bom e do melhor e trata os pais de maneira grosseira, com ofensas etc., não tem um comportamento ético, e são os próprios pais que devem inculcar nele esse comportamento.

Os pais e a escola devem ter princípios muito próximos para o benefício do filho/aluno.

Quando o nivelamento escolar é feito pela camada econômica, o grande problema é o desnível cultural. No entanto, a educação tem mais a ver com cultura do que com dinheiro. Geralmente, os folgados não *são* ricos de berço. Os filhos de novos-ricos, daqueles pais que fazem tudo para atender aos desejos do filho, tendem a esbanjar dinheiro, ao contrário do que costumam fazer os ricos de berço.

As famosas escolas de “filhinhos de papai” ricos debatem muito a questão de limites porque é impossível permitir que cada aluno estabeleça seu critério particular dentro da escola, que é um espaço social. Por isso, a escola deve adotar uma linha de conduta, de acordo com sua proposta educacional, que deve ser igualmente válida para todos.

Assim, em caso de mau comportamento, *não cabe* ao professor tratar o aluno com base em sua visão pessoal do caso, pois, além de estar abandonando sua função de dar aula, acabará invadindo uma área para a qual não foi preparado. Assim sendo, ele deve avisar a direção da escola, que se encarregará de chamar os pais e, com eles, discutir formas de disciplinar aquele aluno/filho.

Se nessa hora os pais defenderem o filho, alegando perseguição, por exemplo, a escola deve ser firme para que o aluno não lucre com o episódio, mesmo correndo o risco de perder aquele estudante. Além do mais, se os pais não modificarem sua conduta, pode ser que essa família não mereça a escola.

A escola tem direito, sim, de expulsar um aluno indisciplinado.

Nenhuma família expulsa seu filho, é lógico, mas tem a obrigação de tratá-lo caso manifeste comportamentos anti-sociais na escola, que não é clínica psicológica. Se os pais se recusarem a colocar seus filhos desajustados em tratamento, responsabilizando a escola pelo desajuste, precisam receber orientação sobre a importância do tratamento. Contudo, caso não acatem essa

instrução, é preferível que a escola peça a saída do aluno.

A instituição de ensino tem o direito de expulsar um aluno que pode exercer uma influência negativa sobre os outros estudantes. Um exemplo típico é o uso de drogas. Se, avisados pela direção da escola, os pais se recusarem a procurar tratamento para o filho, a escola passa a arcar com a responsabilidade de ter um aluno usuário de drogas, um aliciador e traficante entre os estudantes. Nenhuma escola saudável vai querer correr *esse* risco.

Quero deixar bem claro o seguinte: **para a recuperação do aluno, o melhor é o tratamento, não a expulsão. O estudante desajustado pode ser um câncer tratável na estrutura escolar.** Infelizmente, porém, quando o prognóstico é fechado, a escola precisa extirpar o câncer, mesmo que isso signifique danificar alguns tecidos saudáveis para salvar o organismo como um todo. O prognóstico se fecha quando os pais se recusam a atender à instrução escolar. Pais que se omitem ou que dificultam a recuperação dos filhos são coniventes e cúmplices com o uso das drogas.

O *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, traz várias definições para o termo “disciplina”:

- Relações de subordinação do aluno ao mestre ou ao instrutor.
- Ordem que convém ao funcionamento regular de uma organização (militar, escolar etc.).
- Observância de preceitos ou normas.
- Ensino, instrução, educação.

A palavra “disciplina” carrega em si um ranço de autoritarismo e de falta de diálogo que era comum no comportamento das gerações anteriores. Os pais dos adolescentes e das crianças de hoje sentem até um certo mal-estar diante dessa palavra, a ponto de praticamente a banirem da educação dos filhos. É difícil dar um novo significado a algo já consagrado como disciplina.

O conceito de saúde psíquica está ainda hoje muito centrado no indivíduo. Eu criei a Teoria da Integração Relacional com base nos princípios psicodramáticos de Jacob Levi Moreno, que afirma que a pessoa precisa atingir

saúde social. Seus pilares são a disciplina, a gratidão, a religiosidade, a ética e a cidadania. Nessa teoria, disciplina significa qualidade de vida individual e social. Para saber mais sobre o assunto, recomendo a leitura dos livros da Coleção Integração Relacionais.

Em linhas gerais, disciplina é o conjunto de regras éticas utilizadas para atingir um objetivo. A ética é entendida, aqui, como o critério qualitativo do comportamento humano que envolve e preserva o respeito ao bem-estar biopsicossocial.

Esse conjunto de regras pode ser:

- Treinado simplesmente.
- Adquirido pela própria experiência.
- Apreendido por intermédio de alguém que atue como professor.
- Absorvido pela imitação de um mestre. Nem todo professor é um mestre, embora um mestre seja sempre um professor. É o aluno que transforma seu professor em mestre, quando este ultrapassa o limite de transmissor de conhecimentos e cativa a admiração do aluno. Então, o aluno começa a interessar-se não só pelos conhecimentos pedagógicos, mas também pela vida, e passa a ter esse professor como modelo. Nada impede que os filhos também considerem seus pais mestres e imitem seus passos.

O maior estímulo para ter disciplina é o desejo de atingir um objetivo.

Vamos, agora, analisar cada uma das formas pelas quais o conjunto de regras éticas é transmitido e assimilado.

Disciplina treinada

Um animal domesticado é um ser disciplinado ou, melhor dizendo, um ser treinado. O disciplinador, conhecido popularmente como treinador, impõe ao animal uma série de aprendizados pela lei do prazer (prêmio) e do sofrimento (castigo). A primeira arte do treinador é perceber o que provoca prazer e o que

faz o animal sofrer. A seguir, começa a dar pequenas tarefas que o animal seja capaz de cumprir, recompensando-o a cada pequeno sucesso. É importante que o treinador crie um clima de afeto e confiança com seu animal. O afeto garante sempre o carinho, o agrado físico. Tem que haver confiança, a certeza de que vai realmente acontecer conforme o combinado: cumpriu a tarefa, sentirá prazer; não cumpriu, deixará de ganhar o prêmio, não vai saciar sua vontade, e essa privação representará um sofrimento.

Às vezes, os filhos têm comportamentos ao estilo animal, buscando somente saciar suas vontades. Ficam tão acostumados a satisfazer seus desejos que já nem pensam mais se o que vão fazer é ou não adequado. Como não foram submetidos a um treinamento como o descrito, o que seria desumano, acabam tendo um comportamento violento perante qualquer solicitação que os desagrade. Passam a usar palavrões e a fazer birra quando contrariados. Como querem obter o que desejam custe o que custar, começam a roubar, a mentir e/ou a inventar histórias etc. Vale tudo.

Está na hora de fazer o filho usar os padrões humanos de comportamento, utilizar a inteligência para superar as dificuldades e resolver os problemas, conhecer os ditames da ética, respeitar o próximo e o ambiente em que se encontra. Para adquirir qualidade de vida, precisará receber uma educação que parta dos princípios da coerência, da constância e da consequência.

Disciplina adquirida

Quando a criança está em plena atividade com seu brinquedo de encaixar, fica atenta à forma de o objeto ser colocado no espaço correspondente e concentra-se na busca do ajuste perfeito por meio de tentativas sucessivas, de acertos e erros. No início da brincadeira, quando se esforça para fazer os primeiros encaixes, pode interessar-se por outras atrações à sua volta. Quanto mais próxima estiver de atingir sua meta, menos dispersiva se tornará. Portanto, quanto maior for seu interesse em alcançar o objetivo, mais disciplinada a criança será.

A motivação está em sentir o prazer de conseguir realizar o encaixe. Se os pais fizerem uma comemoração festiva do resultado obtido pela criança e esta gostar disso, ficará duplamente estimulada a prosseguir na tarefa: pela sensação prazerosa de realização, que aumenta sua auto-estima, e pela sensação também prazerosa de ter conseguido agradar aos pais e deles receber carinho, o que reforça sua auto-estima.

O que melhor exemplifica a disciplina adquirida é o autodidatismo. Uma experiência própria anterior serve de “professor” ou de “mestre” para ser, ou não, repetida visando à consecução de uma meta. O autodidata é um aprendiz de si mesmo.

Para aprender com a própria experiência, é preciso estar atento e, portanto, ser disciplinado em relação ao que já foi feito, para que seja possível memorizar e repetir o ato quantas vezes forem necessárias. O autodidata necessita de um mínimo de conhecimento anterior, adquirido de algum modo, de alguém, para então continuar seu próprio caminho. E também pode aprender por meio da leitura, observando as experiências alheias, sem a ajuda ativa, direta e pessoal de terceiros.

Disciplina aprendida

A civilização humana avançou bastante, tanto quanto a densidade demográfica. Hoje existem cidades com muitos milhões de habitantes. Crescemos em quantidade e em qualidade. O ser humano, com avanços e retrocessos, sofisticou sua vida. Podemos beber um bom vinho num cálice de cristal. Há regras de trânsito para orientar milhares de automóveis. Escovar os dentes tornou-se um ‘ ato importante para a saúde individual e para as relações interpessoais. Tudo isso é civilização.

O ser humano não pode se comportar como animais em bando, cada um saciando suas próprias vontades, ignorando os conceitos éticos que dão à vida um sentido e uma razão de ser. Limites e disciplina são conceitos que aprendemos depois que nascemos, e alguém tem que nos ensinar tais conceitos.

A disciplina pode ser ensinada. Quem o faz é o disciplinador; quem aprende, o disciplinado; e o conteúdo desse aprendizado é a disciplina. Usei propositalmente essas denominações para diferenciar professor e aluno, termos consagrados em qualquer contexto de aula. Ensina-se como e por que se comportar em sociedade, em reuniões sociais, em classe, em competições etc. Isso faz parte da educação, a arte de viver bem.

Não existe uma matéria escolar específica que ensine disciplina, assim como se alega que não existe uma escola onde os pais podem aprender a ser pais, nem onde os filhos possam aprender a ser filhos. Na verdade, existe no Brasil uma Escola dos Pais, que pode ser encontrada facilmente na Internet.

Disciplina absorvida

A criança admira seus pais e deseja espontaneamente ser igual a eles. Quanto menor ela for, menos opções terá para escolher seus mestres. A admiração é um estímulo importante para que passe a imitar cada vez mais os gestos dos pais (e até mesmo aperfeiçoá-los no futuro) por meio de tentativas, acertos e erros. **O objetivo da criança é ser como as pessoas que tanto admira. Os pais funcionam como modelos a ser “incorporados”.** E assim os filhos aprendem os padrões de comportamento familiar e social, o respeito por outros familiares, pelos funcionários da escola, pelos empregados da casa, as noções de limite, dever, obrigação etc.

Quanto maior for a admiração pelos pais, mais os filhos os transformam em mestres. E sem que os pais se dêem conta, absorvem seus gestos corporais e suas posturas psicológicas.

Comer educadamente dá prazer àquele que absorveu a educação dos pais, ao contrário do que acontece quando se ensina a alguém a educação para comer. O ato de comer é instintivo, mas a qualidade e a quantidade de comida, bem como onde e como se come, tudo isso é aprendido no ambiente em que se vive.

É difícil estabelecer uma fronteira entre a disciplina absorvida e a aprendida dentro da família, porque naturalmente os pais passam a exercer a

função educativa, já que as crianças nascem totalmente ignorantes. As crianças já nascem com seus cromossomos, transmitidos pelos seus pais biológicos. Depois que nascem, recebem o “como-somos” das pessoas que as circundam. Quando ensinam pela primeira vez, ou corrigem o que já foi ensinado, os pais exercem a função de professores, de educadores. Em geral, o clima dessa correção é repleto de afeto, pois os pais sabem que a criança erra porque não sabe ou porque não consegue, não de propósito, por pirraça ou “vadiagem”.

Em síntese, existem duas formas básicas de aprender a disciplina: a ativa e a passiva. No aprendizado ativo, há alguém que explica e alguém que aprende. Trata-se de um método ativo com o objetivo específico de transmitir um esquema de funcionamento, as regras do jogo. No aprendizado passivo, há uma pessoa agindo sem o objetivo de ensinar e outra aprendendo mediante a observação.

Muitos pais e/ou professores surpreendem-se quando os filhos e/ou alunos repetem seus erros. Tais aprendizes absorvem esses erros sem avaliá-los e, freqüentemente, nem reparam que eram erros. Os aprendizes repetem o que seus modelos educacionais fazem.

Um pai pode querer ensinar algo a seu filho, ditar regras, mas, na prática, fazer outra completamente diferente e não seguir as mesmas regras que impõe. Um exemplo típico é o do pai que insiste com o filho para que este estude um pouco a cada dia em vez de deixar tudo para a véspera da prova, mas o próprio pai faz tudo na última hora, tira passaporte na véspera da viagem e paga imposto de renda na data do vencimento, poucos minutos antes de o banco fechar.

O filho segue o que o pai faz (aprendizado passivo) com base na observação do seu comportamento, e não o que ele fala (aprendizado ativo). É inútil o pai argumentar: “O fato de eu não fazer não significa que você não deva fazer”.

O exemplo é muito importante na educação. Quem sabe fazer aprendeu fazendo.

A responsabilidade de

cada educador

É dentro de casa, na socialização familiar, que um filho adquire, aprende e absorve a disciplina para, num futuro próximo, ter saúde social. Seus maiores treinadores, professores, mestres e modelos são os pais ou alguém que cative sua admiração.

Na escola, com as “tias”, depois com os professores, orientadores e diretores, ele aprende as regras escolares e comunitárias. **O contexto escolar é menos permissivo e proporciona menor envolvimento e desgaste afetivo do que o meio familiar.** Suas normas e as consequências do desrespeito a elas são mais claras e definidas (até mesmo escritas).

A sociedade praticamente não ensina, somente sinaliza as regras a serem obedecidas na esperança de que cada cidadão tenha preparo suficiente (familiar e escolar) para viver de acordo com elas. Suas leis estão escritas e as contravenções são punidas sem as atenuantes escolares e o afetivo clima familiar.

Um desrespeito aos pais pode ser relevado; aos professores, já implica advertência; e às autoridades sociais, é punido.

Componentes principais da disciplina

A disciplina não depende exclusivamente de um indivíduo: pressupõe a existência do disciplinador e do disciplinado em função de um objetivo, num determinado contexto. Em qualquer atividade que envolva seres humanos, temos que contar com suas diversas personalidades e com o relacionamento estabelecido entre eles. O contexto da disciplina relaciona-se com o local, o horário e os valores culturais vigentes. Daí a complexidade de abordar o tema, pois uma regra pode variar conforme a hora, o lugar e as pessoas envolvidas. Sendo assim, as variáveis são inúmeras.

Disciplinar é um ato complementar, isto é, depende das características pessoais do disciplinador e do disciplinado. Portanto, diferentes professores

conseguirão diferentes resultados em uma mesma classe. A recíproca é verdadeira: diferentes classes promoverão diferentes comportamentos num mesmo professor.

Por isso, chamo atenção para algumas características psicológicas dos relacionamentos humanos. Eles são interativos, isto é, ação provoca reação, que, por sua vez, passa a estimular novas reações, numa seqüência. O resultado final é o relacionamento interpessoal.

Simpatia, antipatia e indiferença

Os humanos são seres gregários. Formam-se da união entre um homem e uma mulher. Nascem totalmente dependentes deles. Crescem em busca de maturidade para unir-se a outra pessoa do sexo oposto e depois tudo fazem para dar condições de sobrevivência a seus próprios filhos. Quando se tornam idosos, querem estar cercados pelos netos. Até mesmo quando morrem conscientes, chegam a dizer que vão se encontrar com os que “já se foram”. É essa força quase instintiva que liga um ser humano a outro e que eu chamo de religiosidade, um dos pilares da Teoria da Integração Relacional. Religião é a espiritualização organizada da religiosidade.

Não somos, portanto, indiferentes uns aos outros. A simples presença de uma pessoa desperta em cada um de nós algum tipo de sentimento, positivo ou negativo. O sentimento positivo abrange desde uma simpatia gratuita a um grande amor, além de uma vontade de aproximação, tendência a aprovar mais que reprovar o que o outro fizer e a procurar explicações que lhe sejam favoráveis. Nossa linguagem corporal assume uma postura doce e suave.

O sentimento negativo mobiliza em nós uma predisposição a reprovar tudo o que a pessoa fizer, numa antipatia aparentemente gratuita. Queremos nos afastar. Ou, quando é forte demais, partimos para a destruição, isto é, sabotamos, falamos não, nosso rosto é tomado por uma expressão desagradável. Nossa linguagem corporal durante esse contato torna-se hostil e dura.

Tanto a simpatia como a antipatia nada têm de gratuito. A postura física, a expressão facial, o olhar, os trajes, a higiene pessoal etc. são elementos que, captados num piscar de olhos, chegam ao nosso cérebro e lá provocarão uma sensação agradável (positiva) ou desagradável (negativa).

Essa percepção inicial pode ou não ser confirmada pelas ações. Quantas vezes não mudamos nossas opiniões formadas na primeira impressão depois de conversarmos com a pessoa? Os tímidos costumam tomar atitudes defensivas que os tornam antipáticos. Uma simples conversa é capaz de alterar totalmente a impressão que tivemos deles.

A visão de uma pessoa pode mobilizar o interesse, reação típica de quem está aprendendo: ouvir o que ela tem a dizer, ver se pode ser interessante ou não para si e optar por fazer ou não de acordo com sua vontade.

Fazem parte do sentimento positivo a atração, o respeito, a consideração, a adesão, a vontade de ajudar para que tudo dê certo. Do negativo, o medo, a repulsa, a oposição, o enfrentamento, o desrespeito, o desejo de ver o “barco afundando” e de que tudo dê errado. O exagero da simpatia é a paixão, e da antipatia, o ódio.

A total indiferença não existe. O que existe é um “fazer de conta que nem reparei naquela pessoa”. O ser humano acaba se acostumando a praticamente tudo. Assim, pode até acreditar que realmente haja pessoas que lhe são indiferentes.

A indiferença é terrível, pois agimos como se a pessoa não existisse para nós. Como alguém — um ser humano, talvez um apaixonado, um artista, uma executiva, uma vovó cheia de histórias para contar, uma prostituta, um fiel empregado, um obstinado urbícola (sujeito que nunca saiu da cidade), um fanático antitabagista, um vegetariano convicto — pode não existir para nós? Esse sentimento é antinatural se permanecer mesmo após convivermos algum tempo com o indivíduo.

Denuncia o fato de que algo está errado, pois o ser humano é essencialmente relacionai.

Tipos de relacionamento

Há basicamente dois: os verticais e os horizontais.

Verticais são relacionamentos em que as pessoas envolvidas possuem funções diferentes mas complementares, tendo-se em vista um contexto hierárquico: pais-filhos (na família), professor-aluno (na escola), patrão-empregado (na empresa) etc.

A função do professor, por exemplo, é muito diferente da função do aluno e implica uma autoridade a ser exercida e respeitada. Para que um relacionamento vertical funcione bem, é necessário que haja algumas regras e que sejam obedecidas.

Horizontais são relacionamentos entre pessoas com funções idênticas e que estão no mesmo plano. São os amigos, os pais, os irmãos, os professores etc. É o caso, por exemplo, de um colega ensinando um jogo a outro. Aquele que conhece o jogo explica uma vez, no máximo duas. Se o amigo não entende, perde a paciência e diz: “Ah, seu burro! Você não entende nada”. Mas o garoto não leva a frase a mal, nem fica chateado como ficaria se, em casa, fosse seu pai a lhe dizer: “Ah, seu burro, será que você não entende que precisa estudar?”

Aparentemente, a expressão “Ah, seu burro” é autoritária e intolerante. No caso dos dois amigos, porém, existe um clima tal de liberdade e companheirismo que é permitido ao ouvinte retrucar: “Não enche o saco!” E o “explicador”, ao ouvi-lo, também não se irrita e ensina tudo novamente. Os dois amigos continuam a ser amigos.

A importância do contexto

Qualquer relacionamento precisa de um tempo e de um espaço. Entre professor-aluno é preciso definir por quanto tempo e onde será a aula. No local definido, durante o período predeterminado, funciona a disciplina: cada qual deve exercer sua função bem definida para atingir o aprendizado. **É inerente à função**

de professor a autoridade na coordenação do processo de aula e também do comportamento dos alunos quando este prejudica o processo de aprendizado. O professor detém um saber e o passará ao aluno. Portanto, além do pleno conhecimento da matéria, precisa possuir a arte de saber como transmiti-lo. Cabe ao aluno reconhecer a autoridade do professor e respeitá-la.

Na mesa de uma lanchonete, ainda que continue a ser chamado pelos alunos de “professor”, ele estará sendo apenas mais um colega dos alunos. Num contexto diferente, não deve fazer valer sua autoridade de professor. Na lanchonete, todos têm o mesmo direito à fala, às gozações, ao prazer e até mesmo ao desprazer de pagar sua parte nas despesas. Não é honesto o professor não querer pagar o que consumiu pelo fato de ser professor. Isso não significa, no entanto, rejeitar que os alunos o tratem bem e que, inclusive, queiram prestigiá-lo, dividindo entre si a despesa que corresponderia ao professor. O cuidado a ser tomado é que tais amabilidades não interfiram depois no relacionamento professor-aluno quando voltarem para a sala de aula. O que é válido num contexto pode não ser válido em outro. O professor representa a escola. Mesmo na mesa cheia de cervejas, o que ele disser poderá ser usado pelos alunos em proveito próprio. Logo, o professor nunca estará em condições de igualdade com seus alunos.

Da mesma forma, quando está com seus filhos, o professor não pode agir como tal. Suponhamos que a família esteja discutindo que programa fazer no fim de semana e o pai assumia um discurso professoral, como se toda vez que abrisse a boca estivesse transmitindo conhecimento. Não dá! O filho quer do pai outro tipo de complementação.

Os diferentes papéis

Nossa personalidade (núcleo) é como se fosse a palma da mão: as funções (papéis) equivalem aos dedos. Cada dedo tem um tipo de desenvolvimento e de função independente do outro. Um é o polegar, outro é o mínimo etc. São diferentes papéis de uma mesma personalidade. A função passa a existir quando

se tem uma ação, um objetivo.

O papel de professor começa a existir quando se tem como objetivo o aprendizado do aluno. Se o papel de professor é pouco desenvolvido, num momento de tensão psíquica ele pode mergulhar na ansiedade e desaparecer. Então, a pessoa passa a funcionar no papel que ainda não submergiu. É como se um dedo se desenvolvesse mais que os outros. Pode ser o papel de pai, e o professor passa a funcionar como pai. A complementação professor-aluno em classe desaparece, restando a inadequação pai-aluno. Ou o inverso: professores que não conseguem agir como pais dentro de casa, surgindo, daí, outra inadequação: professor-filho. Embora ambos os papéis confirmem poder, pai e professor são funções muito distintas.

Um professor pode ser sempre professor na sua identificação profissional, o que não significa que esteja funcionando sempre como tal. Ele continua sendo, também, pai, marido, filho, funcionário, sócio de um clube etc. Em cada ambiente, tem um papel identificador.

O mesmo acontece com o pai, que exerce a profissão de engenheiro: ele é funcionário no trabalho, pai em casa, sócio no clube. Isso não significa que deixe de ser funcionário ou sócio do clube enquanto está sendo pai. Significa, na verdade, que em casa o papel emergente é o de pai.

O que vai definir o papel emergente é a função. Voltemos ao exemplo do professor. Se está em classe, dando aula aos alunos, o papel é o de professor propriamente dito. Se está no Sindicato dos Professores, ele está funcionando como sindicalizado. Dar aulas na função de sindicalizado ou fazer reclamações trabalhistas em plena sala de aula são inadequações funcionais. Isso também pode ocorrer com o aluno. Não é porque ele é um líder esportivo que não precisa estudar, porque na classe sua função é de aluno.

Cada função deve emergir de acordo com o contexto ao qual pertence e a ele ser adequada.

“Diarréico” e “entupido” — Dois perfis extremos

É muito importante saber, tanto do disciplinador quanto do disciplinado, quais são suas características pessoais, seus objetivos e métodos.

Como dois tipos extremos de perfis comportamentais, descreverei o folgado (ou “diarréico”) e o sufocado (ou “entupido”). Entre eles distribuem-se muitos outros tipos intermediários.

O “diarréico” é o que não elabora o que quer fazer; ele simplesmente sente vontade e executa sobre o outro, sem pensar na vítima, sem tempo para adequar seu comportamento. É o come-caga, sem tempo para digestão. Nem bem tem uma idéia, logo fala — é a “diarréia mental”. O folgado invade o espaço do outro sem se dar conta de que ultrapassou barreiras. A invasão passa a ser um direito e ele passa a tomar “posse” do que invadiu. É uma pessoa sem limites.

O “entupido” é o que elabora demais, é aquele que sente vontade, mas nunca executa, fazendo uma autocrítica muito severa sobre seus próprios pensamentos e atos. É o come-não-caga. Ele fica cada vez mais entupido, sufocando-se em toda oportunidade que surge para falar ou realizar algo. Sofre de “prisão de ventre mental”. Limita-se antes do limite adequado.

Tanto a “diarréia mental” quanto a “prisão de ventre mental” são distúrbios de comportamento. Dois “diarréicos” juntos dão uma boa briga e dois “entupidos” juntos não falam praticamente nada.

Mas o grande problema é quando se juntam um “diarréico” e um “entupido”. Nesse caso, há uma complementação entre os dois lados que acentuam seu comportamento: o folgado fica cada vez mais “diarréico” e o sufocado, cada vez mais “entupido”.

Quando há dois “diarréicos” numa classe, dificilmente o professor tem tranquilidade para dar aula. O “diarréico” incomoda a todos, tumultua o ambiente, dificulta a organização na sala. Geralmente o “diarréico” é um aluno sem limites que precisa ser contido pelo professor, caso contrário, a liberdade

será um estímulo para que o aluno se torne cada vez mais inconveniente. Além disso, pode estimular o folgado que cada um dos outros alunos tem dentro de si (controlado até o momento) a vir à tona. Então, a classe vira uma anarquia.

A conquista da auto-estima

Auto-estima é o sentimento que faz com que a pessoa goste de si mesma, aprecie o que faz e aprove suas atitudes. Trata-se de um dos mais importantes ingredientes do nosso comportamento — é um item fundamental para estabelecer a disciplina.

A auto-estima pode ser essencial ou fundamental.

A auto-estima essencial é gratuita. É a que recebemos dos nossos pais assim que nascemos, simplesmente porque nascemos, porque somos seus filhos. Em teoria, todos nós temos essa auto-estima essencial, supondo-se que nossos pais sejam normais.

Entretanto, **há situações extraordinárias em que os pais não conseguem amar os filhos, ou situações em que eles amam neuroticamente ou mesmo odeiam os filhos.** Como odiar filhos não é algo aceito social e moralmente, muitos podem compensar esse ódio por meio do extremo cuidado ou da negligência diante de perigos e de riscos de vida. Usam situações externas para realizar seu desejo íntimo — que não confessam nem para si mesmos — de querer que seu filho morra ou de que morra sem sua participação.

A auto-estima fundamental é conquistada quando somos bem-sucedidos e quando apreciamos algo que realizamos. Se essa realização é produto da nossa capacidade, portanto, da nossa pessoa, sem depender de terceiros, nem dos nossos pais, ela alimenta a aprovação de nós mesmos e nossa íntima (e saudável!) vaidade pessoal.

O que conseguimos com nossos esforços produz ótimas sensações, desde um pequeno prazer até a plena satisfação da vitória absoluta. É por isso que os alunos vão cada vez melhor naquilo que fazem bem. Em contrapartida, tudo o que diminui a auto-estima fundamental é abandonado; portanto, o indivíduo

tende a piorar naquilo em que vai mal.

Na infância, a auto-estima fundamental é alimentada toda vez que a criança realiza algo e isso pode ser dimensionado. Porém, aplaudir ou reprovar fora de hora, quando não é realmente merecido, distorce essa auto-estima. Quando os pais fazem tudo pelo filho, mesmo aquilo que ele é capaz de fazer, estão prejudicando essa auto-estima. O primeiro prejuízo vem dele mesmo, por não ter realizado aquilo de que era capaz. Porém, o prejuízo maior decorre da evolução desse processo, pois, não fazendo, ele acaba perdendo a capacidade de fazer e, diante de qualquer situação, poderá negar-se a fazer, piorando muito sua auto-estima. Quando pais hipersolícitos pegam tudo o que o filho joga no chão, atrofiam a capacidade natural daquele que querem poupar. Depois o filho, gritando para que os pais venham pegar o que ele derrubou, gastará muito mais energia do que se ele mesmo resolvesse pegar o que está no chão.

O principal ingrediente da auto-estima, fundamental ao adolescente, é a auto-aprovação do que ele pensa, sente e/ou faz. Quanto mais fragilizado estiver, mais essa auto-estima vai depender da aprovação de outras pessoas.

O adolescente dá prioridade à aprovação de sua turma em detrimento da aprovação de sua própria família. Pouca importância tem para ele saber que é estimado pelos pais quando se recrimina por algo que não consegue realizar ou conquistar ou, pior ainda, quando se sente rejeitado pelos amigos.

Tanto a auto-estima essencial como a fundamental estão presentes em todas as atitudes. Conforme o estado — momentâneo ou de desenvolvimento — em que a pessoa se encontra, um mesmo fato pode alimentar ou desnutrir a auto-estima.

A orientação de um professor pode fazer o aluno sentir-se valorizado (alimentação psicológica) ou diminuído (desnutrição psicológica), dependendo do estado da auto-estima do aluno.

Utilizo o termo “desnutrição” porque, quando a auto-estima é atingida durante um episódio em andamento, ela sofre uma imensa queda, como se não tivesse sido alimentada por um longo tempo e não como se tivesse perdido apenas uma única refeição.

Estilos comportamentais

Classifico o comportamento humano em três estilos, segundo minha Teoria da Integração Relacionais.

O estilo vegetal, o primeiro, busca a sobrevivência nas condições ambientais que encontra. O estilo animal, o segundo, busca a saciedade dos seus instintos. O terceiro estilo é o humano, que, dotado de inteligência, busca a felicidade. Uso a palavra “estilo” porque o vegetal não tem neurônios e também porque, mesmo que haja os estilos vegetal ou animal, ainda se trata do ser humano.

Os instintos básicos de sobrevivência estão no tronco cerebral, e as emoções, a autopreservação e a perpetuação da espécie estão no diencefalo. O tronco cerebral e o diencefalo formam o sistema límbico, responsável pelo comportamento emocional. O intelecto está no neocórtex ou cérebro superior. É o intelecto que diferencia o ser humano de outros seres, porque é onde se encontra a inteligência, responsável pela criatividade, pela disciplina, pela religiosidade e por outros valores (e defeitos) que serão mencionados à medida que for necessário.

Limites no estilo vegetal

Não se pode exigir que um vegetal se comporte como um animal, ou que este atue como um humano, mas o humano frequentemente usa o estilo vegetal ou animal de comportamento.

O ser humano tem o estilo vegetal fisiológico, de modo compreensível e esperado, quando está na condição do feto, do recém-nascido, do paciente comatoso, da pessoa demente etc. Para sobreviver necessita da ajuda de outras pessoas. Não se pode esperar dele um comportamento humano. Entretanto, há o estilo vegetal psicológico: quando uma pessoa, mesmo com capacidade para fazer, nada faz e espera que os outros façam tudo por ela. Exemplos? O manhoso

que quer comida na boca, o folgado que não se mexe quando vê outra pessoa precisando de ajuda, o aluno que não estuda e cola nas provas, os pais que dizem “quando crescer o filho melhora” etc. Os citados deixam tudo por conta do alheio. É sem-vergonhice deles? É falta de educação?

Nem sempre uma resposta encerra essa questão. Pode ser falta de caráter, de educação e muitas outras coisas juntas. Quando uma pessoa sabe o que tem e o que pode fazer mas não faz, trata-se de um ato voluntário. Em outro momento, essa mesma pessoa, devidamente motivada, pode tornar-se hipersolícita. O estilo vegetal continuará existindo enquanto houver uma pessoa que atenda a ele. Caso não encontre, terá que se movimentar. A planta procura adaptar-se ao meio em que está para nele sobreviver. O comportamento estilo vegetal procura transformar seus provedores em escravos. Reclamam, agridem e depois tornam-se violentos contra as pessoas que não mais querem provê-los. Tal comportamento provoca mais adaptações do que adequações. As adequações são resultados educativos.

Quando uma pessoa não faz porque não sabe, é ingênua, portanto, é preciso educá-la. Conhecimentos e boa vontade ajudam a própria pessoa a largar esse estilo comportamental.

Limites no estilo animal

O que motiva o animal a saciar os instintos é o incômodo da necessidade. A fome, por exemplo. Os instintos existem para preservar a sobrevivência. O que caracteriza a saciedade é seu caráter cíclico: fome-saciedade. Assim que a saciedade se desfaz, a fome reativa a ação em busca de alimento. Na saciedade, o animal fica sossegado, parado. Um dos limites do ser humano é não poder voar. “Voar livre como um pássaro” é uma das expressões de liberdade. Um pássaro saciado não voa. O que voa está em busca de saciar-se de algo que o incomoda: insegurança, fome, solidão etc. Resumindo: no estilo animal, o homem só faz o que tem vontade de fazer.

Os animais usam estratégias para saciar os instintos que são

comportamentos geneticamente determinados. Um felino veloz faz tudo para colocar em campo aberto sua presa, a fim de caçá-la com mais facilidade e saciar sua fome. Os lêmures esfregam suas glândulas genitais em galhos e arbustos para atrair as fêmeas a fim de saciar o instinto sexual. Quando não têm fome ou o instinto sexual está saciado, os animais apresentam outros comportamentos.

O comportamento estilo animal pode surgir em diferentes situações: em momentos de alta tensão psíquica; como recurso (hábito ou vício) comportamental; quando não se usa o cérebro superior etc. Nesse tipo de comportamento, a pessoa livra-se do problema, mas não o resolve. Se, numa briga com o companheiro, a mulher avança na comida ou sai às compras, não resolve o problema afetivo, mas sacia sua vontade de comer ou de comprar. O que comeu? O que comprou? Não importa. Comendo ou comprando até a exaustão, saciou a vontade, obtendo o sossego. Essa acalmada da tensão psíquica camufla o conflito afetivo, oferecendo uma falsa sensação de paz afetiva.

Quando uma criança cresce sem limites, podendo fazer tudo o que tiver vontade, acaba não desenvolvendo plenamente o uso da razão, vivendo no estilo animal de vida. Suas vontades são saciadas, mas a criança não é feliz porque, tão logo a saciedade passa, pede outra vez aquilo pelo qual seus instintos clamam. A criança pode ter muitos brinquedos, mas, quando vem a vontade de ganhar novos presentes, parece que não tem nenhum. Quem é feliz tem o prazer de brincar com seus brinquedos, conserva-os com carinho e fica chateado se os perde. Quando cansa de brincar, guarda-os para brincar outra hora.

Um filho educado é feliz porque tem boa auto-estima, resultante da responsabilidade sobre o que lhe pertence. Não confunde a saciedade da vontade de ter com a felicidade de ser.

Limites humanos

Os seres humanos são criativos, criam novos conhecimentos com base nos já adquiridos. A criatividade é proporcional à espontaneidade, entendida aqui como um estado psicológico de liberdade que permite aflorar o que a pessoa tem

em seu interior.

Ato espontâneo é o que vem do interior e permite uma resposta nova a situações repetitivas. Não é uma simples busca de originalidade, mas um atendimento adequado a um ímpeto interior. A diferença entre um ato impulsivo e um espontâneo é a adequação.

Um comportamento herdado geneticamente não é criativo, por mais bem executado que seja. É o caso, por exemplo, da atividade de animais inferiores. Quanto mais superior, na escala animal, maior a criatividade do ser vivo.

A neurose traumática é repetitiva. Deforma as novidades em antigos sofrimentos. O medo de um determinado cachorro faz com que todos os cães se transformem naquele animal assustador. Um cachorrinho novo, que hoje vem brincar com o neurótico, transforma-se naquele cachorrão amedrontador do passado. O neurótico passa a ficar atento a qualquer indício da presença de um cachorro, formando ao seu redor um campo tenso, perdendo, assim, a espontaneidade.

O mesmo acontece com uma criança cujo comportamento é ao estilo animal, que tudo quer. Ela tem a sensação de que vai sofrer muito se não saciar sua vontade. Esse é o seu limite. Tudo o que faz para ganhar o brinquedo novo nada mais é do que uma estratégia para caçar uma presa. Ela usa a inteligência para procurar ganhar o que deseja e não para conseguir resolver seus problemas com seus próprios esforços. A inteligência por si só tem um alcance limitado na busca da felicidade. Depende da intenção com que é usada. Sem ética, a inteligência passa a ser usada para o mal. Com ética, para o bem.

O obeso mórbido não conhece limites para o ato de comer. Há pessoas que, mesmo sem fome, comem até sentir que “a barriga está cheia”. A saciedade da fome foi substituída pela incapacidade de controlar a vontade de comer.

Um homem que nem tem mais onde guardar dinheiro, porque o dinheiro que possui já dá para sustentar todos os seus filhos, netos e bisnetos, não consegue ficar sem ganhar mais. Tudo faz para obter mais e mais dinheiro. Um milionário mórbido vai roubar para sentir-se mais rico, e o mesmo ocorre com os poderosos mórbidos que querem mais e mais poder; os famosos mórbidos, que

fazem qualquer coisa para ser ainda mais famosos etc., etc.

Os mórbidos não têm limites para o querer mais, mas são extremamente limitados por ser prisioneiros da sua morbidez.

PARTE 4

*Dicas para
superar
impasses*

Trinta e cinco perguntas e respostas sobre problemas cotidianos que preocupam pais e professores

Fiz uma seleção com as principais dúvidas trazidas por pais e professores nas diversas palestras e cursos que tenho realizado pelo país. O objetivo é ajudar você a enfrentar questões delicadas e a lidar melhor com a indisciplina e a quebra de limites.

1. Como demonstrar carinho e ser autoritário?

Ter autoridade não significa ser autoritário. Autoridade e carinho são apenas dois critérios diferentes: um refere-se ao afeto no relacionamento e o outro à posição de poder. A autoridade e o carinho devem estar sempre presentes no processo educativo. Muitos pais confundem autoridade com dureza, rigidez, brutalidade e acham que não exercer autoridade é ser fraco e mole. O carinho, para esses pais, está erroneamente associado à fraqueza. Tal distorção gera dois modelos equivocados: de um lado, a mãe carinhosa e submissa; do outro, o pai autoritário e estúpido.

Ao estabelecer um limite, exercendo sua autoridade, o pai não precisa abrir mão do carinho. Até mesmo um castigo muito duro pode ser imposto de forma carinhosa e respeitosa, sem abuso de poder. Exemplo: “Filho, você errou e vai ficar de castigo. Não é o que eu gostaria, mas você fez por merecer!”.

Isso é bem diferente da atitude de uma mãe estúpida e sem autoridade que grita para o filho: “Você é um burro, não aprende mesmo! Vou ter que fazer isso para você pela milésima vez”. Essa mãe está sendo estupidamente escrava. Ela poderia dizer calmamente à criança: “Meu filho, você passou dos limites e eu não vou fazer o que é seu dever”.

Carinho cabe em qualquer lugar e deve estar presente em toda relação em que existe amor. O carinho faz a ordem chegar ao coração.

2. Por que é tão difícil, na prática, perceber o limite entre o exercício da autoridade e a repressão?

Para uma boa convivência social ou familiar, deve haver uma adequação entre atos e desejos. **Como vivemos com outras pessoas, não podemos fazer tudo o que temos vontade. É preciso respeitar o outro.** Esse critério de respeito é adquirido por meio da educação, visto que não faz parte das leis genéticas. Em situações normais, a criança vai aprendendo espontaneamente por meio da fala e do exemplo dos pais.

Caso a criança apresente dificuldades para se socializar, então é necessário reprimir. A repressão necessária à formação da criança não deve ser contaminada pela frustração dos pais por não ser obedecidos. A frustração gera raiva, e esta pode ser descarregada de forma violenta com a desculpa de que se está “educando”. A repressão violenta é inadequada porque é regida pelo estado emocional, não pela real necessidade de disciplinar o filho.

Quando a raiva predomina, a inteligência fica obscurecida, perde-se a compreensão da realidade e, nesse estado, é impossível ensinar de maneira proveitosa. E quando uma criança está fazendo birra, também não adianta querer, naquela hora, falar com ela, pois ela não ouve; portanto, o momento é de agirmos também de um modo claro. A repressão pode educar, por isso, nesses casos, recomendo o método do chacoalhão, sobre o qual falo no livro *O Executivo & sua Família*.

3. Qual é a melhor maneira de educar uma criança? Atender sempre às suas vontades e desejos ou negá-los às vezes?

Para um bom discípulo, o melhor mestre é a frustração educativa, pois, numa elaboração posterior, esta lhe possibilita uma grande lição de vida. Vamos supor que o filho tirou notas baixas naquele mês, não cumpriu suas tarefas, foi desobediente e não merece a mesada. A mãe, então, alega que não vai lhe dar a mesada porque está sem dinheiro. Esse filho não sofrerá uma frustração educativa. Nesse caso, a culpa passa a ser da mãe, por não ter dinheiro. O filho estará até fazendo um favor para a mãe se compreender o fato. Ela deve, ao contrário, dizer a verdade: “Tenho o dinheiro da sua mesada, mas não vou lhe dar porque você não merece”. Com essa atitude, a mãe obriga o filho a reflexão educativa.

Educar dá trabalho. Mas é um trabalho que dá bons frutos. Mais que fazer pela criança, peça a ela que faça enquanto você está perto, para ajudá-la se for preciso. A criança que só fica olhando enquanto a mãe faz aprende a olhar e não a fazer. E o fato é que a criança... gosta de fazer! Lembre-se: quem sabe fazer, aprendeu fazendo! Nas primeiras vezes, elogie a tentativa e não somente os resultados. Quanto mais fizer, melhor ela fará.

Prejudicam muito mais o filho o receio de traumatizá-lo e a falta de limites do que a imposição de uma frustração educativa.

4. Como mudar o comportamento de uma criança desobediente?

Primeiro, é preciso saber se a criança tem capacidade de executar o que está sendo exigido. Os pais cobram cinquenta pontos? Certifique-se antes se a criança é capaz de fazer quarenta. Ela pode ter idade para entender tudo, saber que tem um compromisso, mas ainda assim não ser capaz de honrá-lo, porque não agüenta ficar sentada por muito tempo (para estudar, por exemplo) ou está tão acostumada a não fazer nada que o pouco solicitado é muito. Assim sendo,

tem tamanho, capacidade física e intelectual, mas não emocional. E muitos pais complicam sua vida porque nunca cobram nada e, de repente, porque o filho vai mal na escola, resolvem cobrar tudo de uma vez. “Não vou criar um vagabundo”, dizem eles, e desse “grito de guerra” nasce um monte de regras e exigências. O erro aqui é de quem cobra.

Agora, vamos supor que a cobrança seja adequada e ainda assim o filho desobedeça. Em geral, as crianças não fazem algo quando não têm nada a perder. No momento da sugestão ou exigência, é preciso ficar combinado qual será o prejuízo se ela não arcar com suas responsabilidades. Às vezes, nessa hora, os pais exageram nas ameaças e depois não conseguem cumpri-las. **A melhor maneira de fazer o filho desobedecer é deixar que ele perceba que os pais não conseguem realizar aquilo que determinaram.** Eles próprios se sabotam na cobrança ao favorecer a desobediência do filho.

Há uma ordem da mãe que, em geral, não adianta nada. O menino a desobedece na frente das pessoas e ela, enfurecida, diz: “Nunca mais faça isso ou você vai ver o que vai acontecer”. Pode assustar os outros, mas o garoto nem liga e repete o ato condenado porque está calejado de tanto ouvir aquela ameaça jamais cumprida.

Quando os filhos são desobedientes, convém estabelecer um critério de obediência. Uma forma de fazer a criança ouvir os pais e mudar de comportamento é começar a contar até três, em voz alta, incisiva e brava — aí já se descarrega um pouco a raiva. A contagem dá um prazo para que a criança modifique sua ação e evita que a mãe, sem saída, tenha de castigar o filho pela desobediência patente e já consumada.

Se chegou até três e a criança não parou, então é preciso dar uns bons chacoalhões. O filho tem de saber que, no três, a coisa complica, é guilhotina na certa! Do contrário, não respeita, e a mãe ficará contando indefinida e inutilmente. A contagem tem que ser sempre no mesmo ritmo: não vale ir até três milhões, nem numa bronca rompanete gritar que vai contar até 1,5. O método não deve ser mudado. Qualquer vacilo por parte dos pais pode surtir o efeito contrário. E um dia são os filhos que começam a contar até três para os pais!

5. Deve-se utilizar a força física ou a ameaça de usar a força física para fazer o filho obedecer?

A resposta é sim. Obviamente, os pais não devem dar um murro, mas um empurrão ou um chacoalhão bem sentido, que doa no coração. Diz um ditado caipira: “Pé de galinha não machuca os pintinhos”, e há também aquele outro, segundo o qual “violência gera violência”.

“Beliscãozinho” e “cascudinho” de mãe que o filho sabe que merece não machucam, mas a falta deles deseduca.

Entretanto, o melhor mesmo é a mãe olhar fixo nos olhos do filho, pegar no braço com todos os dedos e dar umas sacudidelas enquanto fala com o tom de voz bem firme, sem gritar, com todas as letras: “Pára com isso!” Em seguida, uma ordem: “... e agora, vá arrumar o que você bagunçou!” Só a bronca não educa. O que educa é dar uma alternativa útil para que o filho empregue bem as energias que estava gastando com o que não devia.

Há duas leis que a criança deve aprender desde cedo: a criada pelos homens (sentido moral e ético da sociabilidade) e a lei natural, a lei do mais forte. Ainda que não tenha razão, o mais forte tem que ser respeitado, justamente por ser o mais forte. Isso faz o filho aprender a lidar com limites: ao dirigir sua bicicleta, ele não pode enfrentar um caminhão que vem na contramão, por mais certo que o atleta pense estar: é ele, com sua bicicleta, quem deve sair da pista.

Por dois motivos, então, os pais devem-se fazer respeitar:

- Eticamente, por ser pai, provedor e por ter mais experiência.
- Fisicamente, por ser mais forte.

É claro que isso não deve servir para os pais descarregarem toda a frustração de suas vidas espancando o filho. **Não convém enfatizar demais a lei do mais forte, pois, pelo decurso natural da vida, um dia esse filho será mais forte, e seu pai deverá ainda ser obedecido, não pela força física, que já terá perdido, mas pela lei do amor que impõe o verdadeiro respeito, sem medo ou constrangimento.**

6. É correto os pais proporem trocas à criança, do tipo: “Se você for obediente, vai poder comprar lanche”? A chantagem pode ser positiva?

A troca em si é válida porque traz implícito um critério de valores. Mas não a troca material. A educação baseada nela tem um alcance muito curto porque possibilita a contra-ordem: quando não quiser lanche, a criança será desobediente. O lanche é algo que não deve faltar jamais à criança. Algumas coisas são inegociáveis: o filho tem que comer e ponto final; tem que estudar e ponto final.

Se os pais colocarem a obediência ou o estudo como mercadoria de barganha, ela vai estudar e ser obediente apenas na infância, para agradar aos pais. Na adolescência, quando não quiser os dois por perto, não terá motivo para ser obediente e estudar. Esse tipo de troca acostuma a criança ao retorno material e imediato. Então, por que ela vai estudar uma matéria que não lhe interessa?

A criança tem que obedecer à mãe porque esta exerce autoridade sobre ela. O grande lucro na obediência é o aprendizado. Essa é a boa troca na educação. Se não buscar o aprendizado como retorno, no futuro ela vai entrar na faculdade só para ganhar o carro. E, quando tiver tudo o que quiser, não precisará mais se esforçar.

Os pais devem ter cuidado com as trocas propostas. “Me dê um beijo ou não lhe dou a mesada” pode parecer exagero. Mas não custa muito chegar a esse ponto quando se mercantiliza o essencial.

7. Como lidar com a mentira?

A mentira pode ser necessária para a criança escapar de complicações que julgue insuportáveis: esconder boletins; não assumir a autoria de traquinagem; não se responsabilizar por ter quebrado algo, atribuindo a culpa a terceiros.

A mentira só se alimenta do crédito que ela recebe. Então, para manter esse crédito em cima da mentira inicial, o filho vai inventar outras. A melhor

maneira de enfrentar a situação é avaliar a realidade. Em vez de brincar, pôr o filho de castigo, a melhor solução é encontrar a raiz da mentira e descobrir em que pedras ela tenta se agarrar, mesmo que para isso seja necessária a ajuda de um profissional.

Uma mãe surpreendeu o filho roubando dinheiro da carteira do pai. Ela resolveu acobertar o fato porque o pai, apesar de amoroso, ficava muito violento nos momentos em que perdia a calma. Não contou nada ao marido, embora tivesse chamado a atenção da criança. Os roubos continuaram, talvez alimentados pela violência paterna. “Já que meu pai é muito violento, tenho como me vingar dele: pegando algo que lhe pertence”, poderia ter concluído o filho. A mãe percebeu que não conseguiria esconder por muito tempo. E resolveu contar. Mas era tarde. O pai já havia percebido. E acabou sendo violento com a mãe e com o filho. Toda a família teve que pedir ajuda psicológica.

Não custa dizer: a mentira tem perna curta, ainda que receba a cobertura de alguém.

8. De que forma as divergências entre marido e mulher, que não conseguem chegar a um acordo final, atrapalham a disciplina dos filhos?

A família pode ser comparada a um automóvel: tem um motorista, um passageiro no assento dianteiro e os filhos no banco de trás. A direção do carro está nas mãos de um: o gesto final cabe ao motorista. Não há conflitos quando o motorista (pai) sabe o caminho ou quando não sabe e é orientado pelo passageiro da frente (mãe). Nesse caso, a mãe dirige por intermédio do pai. Os filhos, no banco traseiro, acham natural que o caminho seja explicado por quem sabe.

Pois bem, quando pai e mãe são altamente individualistas nas suas idéias e não dialogam e, portanto, não entram num acordo, é como se o carro tivesse dois motoristas, cada qual com seu equipamento para dirigir, como nos carros de auto-escola com duplo comando. Numa bifurcação, a mãe quer ir para a direita, o pai, para a esquerda. E, no impasse, o carro acaba batendo de frente. A imaturidade

dos “dois motoristas” faz o carro se chocar... e seus passageiros também.

Esse casal está ensinando aos filhos que não se deve abrir mão dos desejos, nem fazer acordos. O carro já deve ter sofrido outros acidentes e ficará ainda mais vulnerável a novas batidas se os filhos também resolverem assumir o comando. A família vira uma anarquia. Dentro dela se formarão subgrupos entre os filhos, que vão funcionar como o ibope para o pai ou para a mãe. E as crianças sempre encontrarão um jeito de usar essas divergências em proveito próprio.

O melhor é, antes de entrar no carro, definir o trajeto, ou seja, antes de tomar qualquer medida em relação ao filho, o casal já deve ter chegado a um acordo.

9. Como disciplinar o folgado por natureza?

Pela minha definição, ninguém é folgado por natureza. Folgado é todo aquele que sufoca os outros. Ninguém nasce folgado. O recém-nascido é dependente. Precisa do cuidado dos outros para sobreviver. Trata-se de uma condição biológica. O folgado invade território (concreto ou abstrato) alheio e torna-se posseiro, obrigando o antigo dono a pagar-lhe tributo. A criança aprende com as pessoas das quais depende e é com elas que aprenderá a ser ou não folgada. Diante da hipersolicitude dos outros, a criança pode não aprender a fazer o que é capaz. Por não saber, cada vez faz menos, tornando-se mais e mais folgada. O folgado normalmente é infeliz, pois depende dos outros para ter o que deseja.

Por natureza, uma criança pode ser mais lenta que outra. O fato de ser lenta não significa que vá se transformar em folgada. Pelo contrário, para compensar a lentidão, a criança deve ser mais esforçada. Levará mais tempo para realizar algo, mas atingirá seu objetivo. Uma criança lenta, que não desiste do seu objetivo, pode ser mais feliz que uma pessoa mais rápida, porém folgada.

Para disciplinar o folgado é importante destinar-lhe pequenas tarefas, de acordo com sua capacidade de execução. É essencial estimulá-lo para que faça algo, mesmo que seja preciso ajudá-lo um pouco. Quanto mais ele conseguir realizar, menos folgado será. Um recado importante vai para os hipersolícitos:

não vale sabotar a criança, fazendo as obrigações dela enquanto estiver distraída. Cada gesto nessa linha alimenta a folga.

10. O que fazer para ajudar uma criança dispersiva?

Uma criança dispersiva pode ser desatenta às coisas que não lhe interessam e concentrar-se facilmente em algo do seu interesse. Logo, temos que descobrir se é o objeto que não está sendo atraente ou se lhe falta capacidade de absorção. É preciso encontrar o motivo da falha para corrigi-la, de modo que aquilo passe a render-lhe satisfação.

As mães costumam dizer-. “Enquanto você não terminar a lição, não vai brincar”. Quando a criança acha que a lição é impossível por não estar entendendo e que o resultado final é “não vou conseguir”, abre mão da brincadeira, porque a própria dispersão já pode ser um brinquedo. Está sentada, com o corpo na posição de estudar, mas a cabeça está voando.

O interesse por Matemática hoje depende de as dúvidas de ontem estarem resolvidas. Dificilmente o filho vai se prender a algo que não está entendendo. Daí a necessidade de ir tapando os buracos anteriores para que, juntos, não se tornem um grande abismo.

Uma das maneiras práticas de ajudar a criança dispersiva a estudar qualquer matéria é pedir-lhe que leia em voz alta e depois conte a você o que leu. Seria melhor se contasse com as próprias palavras e não repetisse o que leu como um papagaio.

11. É realmente muito difícil educar o filho único?

O filho único carrega sozinho todos os sonhos e desesperos dos pais, desde a máxima superproteção até a cobrança implacável de defeitos mínimos, que certamente passariam despercebidos se ele tivesse irmãos, mas que, nesse caso, incomodam, porque os pais almejam fazer dele uma criança perfeita.

Os pais precisam avaliar a capacidade do filho de suportar a carga. Em outras palavras, ele não é obrigado a corresponder a todos os sonhos nem atender

a todas as cobranças dos pais.

Disciplinar o filho único às vezes é complicado. Principalmente quando ficam dois adultos à disposição da criança fazendo o que era para o filho fazer. Ele acaba achando tudo muito fácil. O filho único só consegue entender duas realidades: ou tudo é muito fácil porque já está pronto ou tudo é muito sofrido porque ele tem que fazer. A melhor maneira de amadurecer, nesse caso, é ser criado ao lado de primos, já que naturalmente entre as crianças estabelecem-se limites mútuos.

12. O que os pais devem fazer diante das brigas e ofensas entre irmãos: ignorar, tomar partido, castigar?

Em uma fração de segundos, um estado da mais absoluta paz transforma-se numa guerra acirrada. Os irmãos estavam brincando e, de repente, um deles passa dos limites sem querer (ou querendo) e o outro reage imediatamente com a célebre interjeição: “Ah, é?” E inicia-se a batalha por meio de destratos.

Os irmãos são melhores que os amigos quando estão em paz e piores que os inimigos quando estão em guerra.

Agressões verbais são naturais entre irmãos. Ambos disputam o território da convivência num mesmo ambiente. Esse território pode ser afetivo (abstrato) ou material (concreto). O egoísmo faz parte da vida e é um ingrediente importante para a sobrevivência, desde que não ultrapasse os limites. A medida certa do egoísmo é até onde não prejudique o outro. Quem define os parâmetros dessa medida, em geral, são os pais.

Se criarem o primeiro filho folgado ou se exigirem muito dele — portanto, se ele ficar sufocado —, isso será facilmente percebido no relacionamento entre irmãos. O folgado passa a ser um abusado. E o sufocado passa a nem defender o que de fato lhe pertence. O folgado acha que até onde sua vista alcança é seu. E o sufocado não estica a mão nem para pegar o que é seu.

A convivência entre os dois traz muito conflito quando o sufocado começa a reagir, pois não há sufoco que agüente sustentar o que à folga apetece. Até que o folgado se expande tanto que o sufocado nem tem mais para onde se recolher

— e parte para a briga.

A posição do mais forte é a que prevalece entre irmãos, não a do mais velho. Os sem limites (folgados) levam vantagem sobre os sufocados. Quando os dois relatam aos pais os motivos da briga, das dez palavras que o folgado falou, aproveitam-se duas, e das dez que o sufocado tinha para falar, ele consegue verbalizar apenas duas. Portanto, posso afirmar que os pais devem perder as esperanças de chegar à razão das brigas entre irmãos.

Quando se esgota o argumento imediato, o irmão apela para o que o outro fez ontem, um mês atrás, buscando justificativas em tempos anteriores. E a conversa não tem fim... Quando a discussão se voltar para o passado, está na hora de encerrá-la. Castigo para os dois.

Havendo agressão física, os pais devem interferir drasticamente no sentido de impedir. Numa briga, os filhos estão em plena ação. De nada adiantará tentar falar com eles enquanto estiveram brigando. É totalmente ilusório imaginar que eles vão interromper a briga para escutá-lo. Quanto mais cedo os pais atuarem nessa situação, melhor. Os pais devem aproveitar que os filhos estão se batendo para entrar firme entre os dois e dar uns safanões em ambos, mas que não machuquem. Já que estão apanhando um do outro, nem vão reparar de quem foi o safanão...

A simpatia é uma arma do folgado, e a timidez, um problema do sufocado.

Dá tanto trabalho educar um quanto o outro. Porém, o folgado incomoda mais, porque o egoísmo entre irmãos foge dos sonhos dos pais de ver todos os filhos unidos como unha e carne, já que vieram do mesmo útero. Só que esse desejo, na hora da briga, é concretizado às avessas: unha de um na carne do outro!

Irmãos brigam muito quando dentro deles ainda não se estabeleceram a tolerância e a cooperação. Ou também como decorrência das brigas entre os pais. Conflitos não resolvidos pelo casal passam para os filhos, que os extravasam com muito mais facilidade. Quando trocas de palavrões e ofensas verbais são comuns entre os pais, os filhos têm uma “boa escola”.

13. De que modo lidar com o ciúme entre os filhos?

O ciúme aparece numa relação triangular. É um sentimento de perda de uma pessoa em relação à outra. O filho era dono do pai e da mãe pela relação em corredor (ele numa ponta, os pais na outra). A criança pequena não percebe que há um vínculo entre os pais que a exclui (o vínculo conjugai). Quando se dá conta desse vínculo, toma atitudes no sentido de preservar os dois sob seu controle. É quando o ciúme vem à tona.

Em geral, a chegada de um irmão, o segundo filho, é sentida pelo primeiro como uma invasão no relacionamento que tinha com os pais, afinal, ele passa a ter de dividir os dois com outra pessoa.

Em vez de sentir-se lucrando por ter ganho um irmão, a criança sente que perdeu o carinho dos pais, então surge o ciúme como mecanismo natural de defesa.

A criança sente: “Papai existe só para mim, mamãe também. Crescendo, percebo que ambos se dão as mãos. Como não controlo as mãos deles, coloco-me no meio. Se fechar o círculo com outra pessoa, sou obrigado a dividir meu pai — uma das mãos dele segura a minha, mas a outra está com outra pessoa e o mesmo acontece com mamãe”. Pelo desenvolvimento da convivência em grupo, o ciúme perde a razão de ser, porque todos têm a mesma posição no grupo.

A presença de várias pessoas na casa (tios, empregada) ajuda a superar o ciúme, pois dilui o relacionamento. Mostra que um indivíduo tem várias possibilidades. A criança não precisa ser obrigatoriamente sempre filho, mas colega de alguém numa brincadeira. É um modo de escapar desse relacionamento ciumento.

14. Como demonstrar que estou “próxima” do meu filho e ser atenciosa com ele se trabalho fora o dia inteiro e só ficamos juntos à noite?

Pais que se ausentam de casa o dia todo precisam aproveitar o pouco tempo disponível para educar bem o filho. A mãe não deve se sentir culpada pela

ausência e cair na superproteção. Essa forma exagerada de amar é inadequada, porque os pais não têm culpa de sair para trabalhar — fazem isso porque precisam.

Atualmente, a maioria das mulheres trabalha fora. Foi um grande passo que a mulher deu. Entretanto, ela não conseguiu lidar com os ranços dos antigos papéis de “rainha do lar” e de única responsável pela educação. Se ela começou a trabalhar fora, é importante que o marido também ajude na casa, principalmente na educação dos filhos. Crianças que convivem com pais que cooperam entre si passam também a cooperar com os pais. Por meio da cooperação experimentamos a prática do afeto.

A mãe precisa ter alguns cuidados ao chegar em casa. Antes de mais nada, é importante garantir o reencontro diário como se tivesse feito uma viagem (o pai também fez a sua) e ir contar aos demais o que viveu de interessante. O afeto precisa da convivência, que é necessária em todas as idades, embora se estabeleça de modos diferentes, conforme a faixa etária. Quando os filhos são pequenos, assim que a mãe chega eles querem colo; à medida que crescem e adquirem um pouco de iniciativa, já desejam brincar, participar de uma atividade lúdica com os pais. Quanto maiores forem, mais procurarão a conversa e menos o contato corporal. Esses papos podem ser preenchidos com atividades. O fundamental para assegurar o vínculo afetivo é saber o que se passou com cada filho, seus sentimentos, pensamentos e ações.

Retomada a convivência, os pais podem fazer a verificação dos deveres. Mas, se a cobrança não for precedida pela etapa anterior, os pais estarão exercitando apenas o lado “carrasco” e passando a mensagem de que a criança só pode conviver se tiver com todas as responsabilidades cumpridas. Uma vez assegurado seu valor pessoal, o filho tem mais facilidade para dizer por que deixou de fazer algo e encontrar oportunidade para fazê-lo. Muitas crianças, com medo de ser rejeitadas, mentem dizendo que já fizeram os deveres ou os fazem de qualquer jeito apenas para desempenhar sua função.

Se a mãe quer dar uma rápida arrumada na casa, primeiro ofereça o abraço, faça a farra, depois explique que tem afazeres a cumprir. Nada impede

que essas tarefas domésticas sejam executadas a três (pai, mãe, filho) e, desse modo, sobre mais tempo para todos brincarem depois. Se desde pequena a criança for incluída nas tarefas, ela estará participando, convivendo e, no futuro, os serviços da casa não serão sentidos por ela como um peso a ser rejeitado.

Em todas as idades, o mais importante é preservar a convivência e só depois cobrar. Toda vez que os pais se preocupam com o filho, ele se sente amado.

Se o filho for adolescente, os pais devem ir até onde ele está, quase sempre no quarto, mas nada de ficar revistando o ambiente à procura de vestígios de estudo e nada de modificar muito o que ele estava fazendo: se ouvia um som alto, conversava com amigos, mexia no computador ou dormia e a mãe o interrompe, ele vai torcer para que cada vez mais a mãe apareça menos. Ela passa a ser uma presença incômoda. Ainda mais quando já entra direto com a tradicional queixa: “Em vez de estudar, você fica fazendo isso?”.

Não é porque mamãe chegou em casa que o adolescente vai largar tudo e ficar com ela, pois ele já não se importa se a mãe cumpre suas tarefas domésticas primeiro e deixa a conversa para a hora do jantar.

Às vezes, até pode dizer-lhe que está tão cansada que precisa de uns minutos de paz em casa. Adolescentes entendem esse pedido, crianças não. Mesmo muito esgotada, a mãe deve levar bom humor para casa. Procure lembrar um episódio interessante para contar, obviamente pesquisando antes se o adolescente está disposto a ouvir.

15. A interferência dos avós na educação é boa ou ruim?

Apesar de ser uma valiosa ajuda física para os pais que precisam trabalhar fora, existe uma possibilidade deseducativa muito grande. Dizem os avós: “Minha obrigação de educação terminou com meus filhos. Agora, quero tranquilidade e alegria com os netos”. O pior é que esse tempo de festa é bem maior em comparação ao pouco tempo educativo dos pais.

Além disso, os avós conhecem os pais e suas falhas e, não raro,

desautorizam os filhos perante os netos. Quando a mãe impõe um limite ao filho, a avó diz à criança, na frente da mãe: “Você é como sua mãe. Ela também fazia assim”. Parece que, para eles, os filhos continuam a ser crianças que brincam mal com seus novos brinquedinhos: os netos!

As sabotagens (“savótagens”) são incríveis. Se a mãe faz uma restrição econômica como castigo, a avó torna-se uma perdulária em relação ao neto: compra tudo o que ele quer, lhe dá dinheiro. Parece que estão se completando: a mãe tira, a avó dá.

Ao longo da vida, as avós descobrem que não adianta ficar se preocupando com determinadas coisas, o próprio tempo encarrega-se de corrigi-las. Os pais, no entanto, exasperam-se perante essas atitudes, pois prevêem um futuro sombrio para a criança: “Se não fizer a lição, vai repetir de ano, ficar vagabundeando”. **Para a avó, se não estudou hoje, estuda amanhã. Pode ser que no dia seguinte acorde mais disposto.**

É sempre bom lembrar que em muitas situações as avós acabam assumindo as funções de mãe porque a verdadeira está pouco disponível para isso. Se a avó entrou, a mãe deixou. Em troca do conforto físico, ela paga caro o desconforto psicológico.

16. E quando a criança fica sob os cuidados da empregada ou da babá, que tem hábitos e valores diferentes da família, isso é positivo ou negativo para sua formação?

A disciplina não depende só da cultura, às vezes o que mais conta é o caráter. Algumas empregadas, por terem os pés no chão, têm melhores condições de disciplinar a criança do que uma profissional liberal. Para educar uma criança, não é preciso ser um grande psicólogo, pois o que ela precisa é de um aprendizado primário. Muitas mães estragam à noite o que a empregada doméstica fez durante o dia.

Obviamente, não estou falando das empregadas desqualificadas, que batem na criança, fazendo valer seu porte físico, ou lhes dão calmantes na

ausência das mães. Em geral, as empregadas têm uma ética pessoal em relação à sua função, sabem da sua colocação profissional, mas também conhecem sua importância pessoal.

A empregada não precisa saber ler para verificar se a criança está estudando — apenas entender sua função de ajudá-lo a estudar e não estudar por ela, como faz boa parte das mães.

Normalmente, os filhos copiam o comportamento dos pais em relação às domésticas. Pais que maltratam a funcionária não podem contar com essa empregada para educar seu filho porque este também vai maltratá-la. Para a educação, é essencial o respeito.

Uma dica para saber se a empregada é boa para o filho: quando a família estiver reunida no mesmo ambiente, observe se ele continua respeitando a empregada. Em caso afirmativo, ela é boa.

17. Qual é a melhor maneira de lidar com a contestação do adolescente?

Há alguns tipos de contestações juvenis:

- Reação a uma infância em que tenha engolido muitas ordens e agora sente-se mais forte que os pais.
- Explosões dos “entupidos”: o jovem vai acumulando o que não fala e um dia solta tudo de uma só vez.
- A testosterona é um hormônio sexual que torna a pessoa mais agressiva, impulsiva, irritável e defensiva em relação ao que pensa e faz. Se alguém fica insistindo em saber o que laconicamente já respondeu, ele vai resmungar, reclamar, ofender e até mesmo agredir.
- A adolescência é um segundo parto, e os amigos passam a ser mais importantes que os pais. Estar com os amigos é um momento que o adolescente vai defender com “unhas e dentes”.
- Para os pais, filhos são sempre filhos, mas os filhos crescem e os jovens rebelam-se energeticamente quando são tratados como crianças.

- Drogas também podem estimular a rebeldia.
- Como cada adolescente tem sua própria história, é preciso identificar as raízes das contestações. Se elas continuam é porque estão sendo alimentadas.
- Normalmente, os pais olham apenas para a reação do filho e se esquecem de rever suas ordens.

Quando o filho é contestador desde pequeno, entra no critério da avaliação educativa. **O ser humano é um ser social, gosta de conviver pacificamente mais do que de contestar. Por natureza, a criança quer agradar aos pais.** Se já estiver contestando, é sinal de que algo não vai bem. É melhor procurar a ajuda de um profissional especializado, porque a reação vai ganhar muita força na adolescência e os pais podem perder o controle da situação.

18. Meu filho de onze anos vive, respira e transpira videogame e computador. Como abrir outros espaços em sua vida sem destruir esses “objetos sagrados”?

Não adianta destruir o computador ou o videogame se a criança vai continuar com vontade de jogar. Provavelmente, em sua vida não há nada tão prazeroso quanto os jogos virtuais. É o prazer superando a obrigação. Nessa situação, os pais têm que delimitar um tempo para recreio que não pode prejudicar a obrigação.

Hoje, o tempo que as crianças do passado dedicavam às brincadeiras de rua transformou-se no tempo que nossos filhos passam diante dos computadores. O limite na medida certa é quando o filho começa a ser prejudicado pelo “excesso de dedicação” à máquina. Esse prejuízo pode aparecer em termos de diminuição do rendimento intelectual (notas escolares baixas), do rendimento afetivo (não envolvimento com os problemas das pessoas da casa), mudança de hábitos e ritmo cotidianos que interferem na vida familiar (dormir na hora em que todos estão acordados ou vice-versa, comer sozinho no quarto quando quer e não quando todos estão comendo juntos, não tomar banho, não cuidar da própria

aparência etc.).

Tranque os jogos e desligue o computador da tomada, e só o deixe jogar após as obrigações realizadas.

19. O que fazer quando os filhos nem conseguem ir para a escola porque passaram a “noite inteira” na Internet?

Por meio da Internet, os filhos estão ligados ao mundo. Podem conversar com qualquer outro internauta, a qualquer hora do dia ou da noite, por causa do fuso horário. Por exemplo, se no Brasil são nove horas, na Nova Zelândia é meia-noite. Em vez de acordar às quatro da manhã para falar às dezenove horas com alguém de lá, o internauta já prefere não dormir, ou seja, estraga seu “dia seguinte”.

O internauta conversa com quem estiver navegando naquela hora e, no mundo, sempre haverá muita gente para conversar. O papo acontece de modo muito mais solto, pois é possível mentir, omitir, distorcer a realidade à vontade. Um dos expedientes mais comuns é mentir em relação à própria identidade. Entretanto, nas conversas privadas usam-se identidades eletrônicas exclusivas. É aqui que os amigos se falam, apresentam novos amigos, reencontram pessoas que já foram colegas e se mudaram para algum outro canto do planeta. Portanto, trata-se de uma sala virtual de bate-papo descompromissado e por isso mesmo muito interessante. Estamos falando de algo que é equivalente aos passeios nas praças que os jovens faziam no começo da noite... “de antigamente”.

Além dos papos há os jogos de computador (xadrez, damas, RPG etc.) com adversários virtuais que permitem a realização de um campeonato mundial. Há também bibliotecas abertas a pesquisas a qualquer hora de qualquer dia durante todo o ano. Existem sites especializados em quase todas as áreas do conhecimento humano. Formam-se grupos virtuais de amigos internacionais que podem se falar a todo e qualquer momento. Muitos deles querem passar do virtual para o real, marcando encontros pessoais.

Os seres humanos são gregários, e quem se sentir sozinho na sua atividade

ou passatempo (especialista em piolhos, em doenças raras, colecionador de tampinhas de garrafas ou latas de refrigerantes etc.) poderá encontrar semelhantes no mundo virtual e, caso não encontre, poderá criar e divulgar seu próprio site, e logo acabará aparecendo mais alguém, de algum lugar do planeta, disposto a trocar idéias.

Nossos filhos acham a Internet muito mais interessante que a escola. Mas, se o estudo for considerado fundamental, ele deve ser priorizado. Portanto, é melhor limitar o uso da Internet o suficiente para não prejudicar os estudos. Se um filho precisa estudar mais que outro, não terá tanto tempo para a Internet quanto o outro. É preciso que os pais ajudem o filho que apresenta dificuldades escolares por causa do uso da Internet. Quando ele melhorar sua performance escolar, poderá acessar de novo a Rede mais demoradamente.

20. Como meu filho agüenta tamanha bagunça e poluição visual e sonora?

Os pais levam um susto quando entram no quarto dos filhos porque vêem tudo ligado: televisão, som, computador, telefone e ainda se surpreendem ao ver o livro aberto porque estão estudando... É que o cérebro dos jovens tem um funcionamento especialmente treinado para dar atenção a tudo isso simultaneamente. Isto é, aproveitam um pouco de cada um, ligando-se ao que mais lhe chama a atenção num dado momento, e desligando-se quando começa a diminuir o interesse, para então ligar-se a outra atividade, tudo acompanhado por um som radical, com um DJ divertido gritando e interagindo com o público jovem pelo telefone; sem contar que o adolescente ainda consegue dar uma “zapeada” na televisão (percorre todos os canais rapidamente pelo controle remoto para deixar na tela o programa de jovens, caracterizado pela grande quantidade de agitação, músicas, luzes e vozes).

Ocasionalmente, nosso filho é chamado pelo computador para participar de um chat através de um característico “Hô-hô” em dois tons que avisa que chegou uma mensagem, à qual passa a responder imediatamente, pois nem o computador nem o outro internauta, e muito menos ele mesmo, podem esperar

um pouco... E se sobrarem três segundos entre todas essas atividades, ele ainda usa o telefone para ligar para a namorada, ou para o amigo, ou para qualquer outra pessoa porque precisa saber o que estão fazendo naquela hora... além de estarem falando ao telefone com ele.

Não se esqueça, porém, de que tudo isso o adolescente faz usando o telefone da casa, pois o celular está reservado para receber chamados especiais ou para ligar quando for preciso; assim sendo, ele usa, na maioria das vezes, o telefone convencional. Ah! O livro aberto está ali porque ele vai dando uma espiada na matéria de vez em quando. Afinal, o filho sente que está realmente estudando.

Tudo isso só piora se o cérebro do pai funciona como uma máquina de datilografia. Letra após letra, formando palavras que compõem as sentenças que precisam de várias linhas e que têm de ser acionadas manualmente, uma a uma, para depois trocar as folhas. Isso tudo sem contar o desastre quando se erra uma letra, que tem de ser apagada com borracha... Às vezes, era melhor arrancar violenta e ruidosamente a folha, amassá-la com fúria e lançá-la no canto da sala, usando o cesto de lixo como alvo. Este deveria ser o único barulho aceitável para um homem poder se concentrar no seu trabalho intelectual...

Está claro que nem todos os multiplugados cérebros juvenis conseguem “boas notas”... Então, está na hora de ir desplugando proporcionalmente para que as “boas notas” sejam recuperadas.

21. Que conduta tomar com filhos adolescentes que estão sempre “fechados” e que nunca dão abertura ao diálogo?

Em geral, filhos adolescentes são diferentes das filhas. Na adolescência, o homem tende a não se abrir muito. É uma característica cultural do sexo masculino resolver os problemas dentro de sua cabeça, enquanto o sexo feminino os resolve falando. Por isso, a adolescente costuma abrir-se mais.

A mãe não deixa de ser mulher e o filho, homem. Quando o filho se tranca, não é por não querer se relacionar, mas porque, naquele momento, está

apenas em busca de privacidade. Como a mãe se fecha só quando está brava, pode interpretar a atitude do filho como estar bravo com ela ou com mais alguém.

O verdadeiro diálogo requer o entendimento do modo de ser de cada um. O diálogo não é composição pela média. Por exemplo, o filho quer roubar 500, a mãe não quer que ele roube, a média seria roubar 250. Também não é simplesmente obedecer ao que o outro está ordenando.

Parece que a boca e os ouvidos andam juntos. Quem abre a boca escuta. Quando a mãe diz ao filho para calar a boca enquanto ela fala, ele também fecha os ouvidos. Os filhos detestam ouvir a mesma ladainha da mãe dezenas de vezes no mesmo dia. E as mães adoram fazer exatamente isso: repetir, repetir... Cuidado, portanto, com essa falta de diálogo.

Diálogo verdadeiro abre a possibilidade de ambos mudarem seu ponto de vista e crescer.

Em condições propícias — e cada família conhece as suas —, o filho sai do seu silêncio falando de outros assuntos. A melhor maneira de empurrá-lo de volta para o quarto é começar perguntando se está tudo bem, como quem diz: “Já passou aquele problema seu?”

22. Como separar meu filho das “más companhias”?

Se seu filho escolheu aquelas “más companhias” é porque, para ele, são boa companhia. Justamente por isso as escolheu. Ele não é obrigado a ficar com algumas pessoas só porque são os colegas da escola ou a turma do esporte. Mesmo que você não queira admitir, seu filho é igual a “eles”. Ou seja, também os pais deles podem estar vendo seu filho como “má companhia”.

Para o jovem, os amigos são muito mais importantes que os pais. Não vale a pena hostilizá-los. O melhor é conhecer de perto essas más companhias. Convide os amigos do seu filho para passar uma tarde de domingo em casa, assistir a uma partida de futebol pela televisão, ou corridas, ou lutas com direito a lanches e refrigerante. Participe da reunião sem ser chato(a), não pegue no pé de

ninguém, não fique fazendo questionários sobre a vida deles nem sobre a dos pais, sorria bastante sem fazer papel de bobo(a); seja contra que fumem cigarros dentro de casa (principalmente se você não fumar), mas deixe-os à vontade. Assim, você poderá conhecê-los um pouco além da aparência que têm.

Em outro dia, mais tranqüilo(a), converse com seu filho sobre o que você observou, pergunte a respeito de tudo o que quiser saber sobre eles, se repetiram de ano na escola e por quê, se algum deles usa drogas e se os pais sabem disso e, finalmente, diga como se sentiu com a presença deles e como se preocupa com o fato de ele andar com aquelas pessoas.

23. O que fazer quando o filho “experimenta” cigarro, mesmo quando os pais não fumam?

Se o filho diz que quer experimentar, seja contra, custe o que custar. Use todos os argumentos que puder. Você não pode deixar essa decisão nas mãos dele, confiando apenas na educação: “Eu lhe ensinei todos os males do cigarro e a decisão é sua”. Em geral, os filhos não escutam essa advertência e, se a decisão não estiver nas mãos dos pais, depois estes não têm como cobrar, porque não se trata de desobediência.

Quando isso for uma proibição, ao desrespeitá-la, além do mal que fazem à própria saúde, experimentar cigarro significa desobedecer aos pais. Portanto, são dois males. O mal à saúde é que o cigarro tem poder viciante. Apenas algumas tragadas separam a experimentação do uso constante. Quem tem o vício de fumar sabe disso, porque foi muito fácil começar e é muito difícil largar.

Se seu filho já experimentou, não admita que continue, porque, se quiser um cigarro de novo, é o começo do vício. **A proibição absoluta de fumar tem alcance restrito e está sujeita ao desrespeito, pois os pais não têm como controlar a vida dos filhos longe deles.** Sozinhos, com os amigos, os adolescentes fazem o que querem. Portanto, a decisão final é deles.

Os pais podem, pelo menos, proibi-los de fumar na sua presença ou na casa da família. Trata-se de uma proibição relativa. Diriam alguns mais radicais que isso é uma falsidade. A razão diz o seguinte: quanto menos fumar e mais

puder controlar a vontade de fazê-lo, melhor. Não fumando na frente dos pais, ele é obrigado a controlar a vontade. Portanto, a proibição tem três efeitos: o jovem fuma menos, agüenta a frustração de não fumar e não transforma outros familiares em fumantes passivos.

24. Que autoridade têm pais fumantes de proibir os filhos de fumar?

A autoridade do amor. Se os pais querem que o filho não sofra o que sofreram na infância e na adolescência e, portanto, querem dar o que de melhor conhecem, o erro de fumar não significa que não possam proibir o filho de cometê-lo. Os pais não devem dizer: “A vida é minha, eu fumo, mas não quero que você fume”. Em vez disso, o melhor a fazer é reconhecer: “Tenho um problema difícil de superar e não quero que você também o tenha”.

25. Posso revistar o quarto do meu filho atrás de drogas? Não estarei invadindo a privacidade dele?

Se seu filho já demonstra alterações de comportamento em casa, trocando a noite pelo dia, perdendo aulas, não mais comendo junto, rejeitando antigos amigos e adquirindo novos, ficando mais relaxado com a higiene íntima e com as roupas, então é preciso verificar o porquê disso tudo. Uma das fortes suspeitas é o uso de drogas, principalmente maconha. Normalmente, os pais só vão descobrir que o filho está fumando maconha depois de um, dois anos de uso. Quanto mais precoce for a interferência, melhores serão os resultados obtidos. Com muito tempo de uso, a maconha distorce o quadro de valores éticos do usuário e este passa a acreditar que seu uso não faz mal, que ele usa porque quer (nunca é viciado), que pára quando quiser etc.

Tem privacidade quem a merece. O filho que tem um comportamento estranho ao da família já perdeu o crédito, e os pais têm mesmo é que “dar uma geral” no quarto e nas suas coisas (mochila e roupas) à procura da maconha. É interessante notar que muitas vezes os filhos exigem que os pais provem que ele

está usando drogas, e tudo fazem para não ser pegos. Camuflam, escondem, mentem e dizem aos pais que a maconha que acharam no quarto na verdade é de um amigo.

A maioria dos rapazes usuários de maconha que aceitou fazer tratamento o fez porque os pais não demoraram a encontrar maconha ou o kit maconha (colírio, papéis de seda, cachimbinhos, pedaços de maconha prensados ou não, pontas de cigarros de maconha fumados etc.) no quarto do filho. No meu livro *Anjos Caídos*, você encontrará mais detalhes sobre esse tema.

26. O que fazer com os objetos (borrachas, canetas, estojos, mochilas, moletons, casacos, relógios rádios e outros) que aparecem no quarto do filho?

Vamos pensar em algumas hipóteses:

1. O objeto foi comprado por ele sem o conhecimento dos pais.
2. Se trocado, certificar-se da necessidade e da equivalência da troca.
3. Foi simplesmente pego de um colega ou de algum lugar.

Nada melhor do que conversar diretamente com os filhos para descobrir a origem desses objetos. Conforme a resposta, deve-se adotar uma medida específica:

1. Se comprado, verificar a real necessidade e o preço do objeto.
2. Se trocado, certificar-se da necessidade e da equivalência da troca.
3. Se desaparecido de um lugar e aparecido em outro, verificar se é de conhecimento do dono, portanto emprestado, ou não, portanto roubo.

O item 3 deve ser avaliado com mais atenção. Roubar é um ato delinqüente. Mas o filho só vai entender isso se tiver noção de propriedade; caso contrário, tanto faz ser dele como do outro, pegará ou usará do mesmo jeito.

Verifique se na casa ele é dono de alguma coisa. Se for, o adolescente é obrigado a respeitar os objetos alheios, que também têm dono. **Se na família tudo é de todos e não existe propriedade individual, isso tem que ser**

estabelecido para que ele possa viver em nossa sociedade. O direito (à propriedade) de um tem que ser tão respeitado quanto o do outro.

Quando o filho já tem essa noção, os pais devem estudar com ele um meio de resolver o problema: devolver simplesmente e desculpar-se. O importante é que o próprio filho assuma e desfaça o erro. O que não pode é os pais roubarem dele para devolver ao antigo dono. O filho precisa ter consciência do que fez, saber que cometeu um roubo.

27. Tenho a maior dificuldade para tirar meu filho da cama cedo para ir à escola. Como ajudá-lo a disciplinar-se nesse ponto?

Existem diferenças entre deitar, dormir, despertar e levantar. Deitar sem sono é terrível! O sono obriga a pessoa a dormir seja onde for. Portanto, sono é um gesto passivo. Dificilmente alguém dorme porque o outro mandou, a não ser por sugestão hipnótica ou após engolir um sonífero, e quem tem filhos pequenos sabe muito bem disso.

O despertar é um processo espontâneo, e o levantar, um processo ativo. Para algumas pessoas, basta abrir os olhos e já estão despertas; para outras, que levam um século para despertar, parece até que os neurônios vão acordando um de cada vez. Abrem um olho, dormem mais um pouquinho, depois abrem o outro — levam tempo para sair da cama e em geral levantam mal-humoradas.

Se os pais forem respeitar o sono dos filhos, pode ser que ele perca as aulas todos os dias. A tendência será acordar cada vez mais tarde, e seu sono só virá madrugada adentro. “Quem não vê o sol nascendo vai ver a lua brilhar”, diz um ditado caipira.

Os pais não podem obrigar o filho a pegar no sono, mas podem ajudá-lo a ir para a cama mais cedo, removendo tudo o que o afasta do caminho da cama: televisão, computador, telefone etc. O poder dos pais está na hora da interrupção do sono. Sendo despertado, o filho voltará a sentir sono mais cedo à noite e, se isso for feito, não importa com que esforço, desde pequeno ou no começo da adolescência, estará estabelecido um ritmo em sua vida. Estudantes notívagos são

produtos de perturbações na educação.

Jogar água, acender luz forte, sacudir a criança são métodos irritantes que não cumprem bem a função de despertar. Acordam mais os nervos do que o cérebro.

Para quem desperta aos poucos, basta que aquele que o está acordando o chame pelo nome e encoste a mão carinhosamente nele — não sacudindo, porque a sensibilidade tátil no dormiente funciona muito mais que a auditiva. Depois do toque, a pessoa se mexe. Seria o momento de acrescentar uma pergunta que obrigue o cérebro a pensar, do tipo: “Qual é sua primeira aula?” ou “O que vamos fazer neste fim de semana?” É preciso ter paciência de esperar a resposta e insistir na pergunta até ser respondida.

Se houver tempo, avise a criança de que voltará em cinco minutos para chamá-la outra vez. É impressionante como essas pessoas ficam agradecidas por dormir cinco minutos a mais depois que foram semiacordadas. Depois, repita o processo se ainda tiver tempo ou fique ali até seu filho levantar. É preferível começar esse processo com alguns minutos de antecedência, para ajudar a pessoa a se organizar, a ter de acordá-la de uma vez, na última hora, porque não há tempo para esperar.

28. Como posso fazer meu filho estudar?

Ninguém repete de ano no último bimestre letivo. Geralmente, nas primeiras provas percebe-se quanto vai ser necessário estudar. Acredito que os pais devam estabelecer logo no segundo bimestre um programa de estudo diário da matéria em que o filho experimentou dificuldades no primeiro bimestre. Todos os dias, ele tem de estudar um tanto para, mais tarde, dar uma aula aos pais sobre o que estudou.

A grande diferença é que tem de ser com as próprias palavras e não simplesmente repetir o que estudou. Isso para não cair na “decoreba”, um produto perecível e descartável. Só depois dessa aula é que o filho fica livre para fazer o que tiver vontade. Enquanto não der a aula, fica tudo suspenso. Se ele não tem motivação para estudar, esta deve vir como etapa resolvida para fazer o que

quiser. Conforme vai evoluindo no estudo, o próprio filho começa a entender as matérias que considera mais difíceis, passando até mesmo a gostar delas. E ninguém repete na matéria que aprendeu a gostar.

29. Como responder a um pai que diz à professora: “Você tem coragem de reprovar meu filho só por causa de meio pontinho? Bem que você poderia fazer meu filho não perder um ano de estudo!”

Pais desse tipo geralmente querem que a escola *aceite* as inadequações dos filhos. Esses pais estão reforçando o problema da criança. A escola não deve, de maneira nenhuma, dar esse meio ponto porque, na realidade, o referido aluno deixou de produzir esse mesmo meio ponto em todas as provas, recuperações, trabalhos escolares, participações em classe etc.

A escola, concordando com esse pedido, está sendo injusta com outros alunos que corresponderam durante o ano todo. Trata-se de premiar a vadiagem de uns em detrimento dos esforços dos outros. O mesmo acontece com quem sistematicamente justifica atrasos, faltas de material, não utilização de uniformes etc., fazendo da exceção a regra. A escola é a segunda oportunidade para os pais que não conseguiram educar seus filhos. Se não concordam com ela, que mudem de escola. Sua escolha é livre.

30. Filhos devem ter horário de saída e de chegada?

Depende da idade. Enquanto são pequenos, os pais são obrigados a levar e a buscar. O problema agrava-se na adolescência, quando os filhos já não dependem tanto dos pais para transporte, pois organizam-se com os amigos. Dá trabalho educar. Mais importante do que levar as crianças à festa é pegá-las mais tarde. No carro, com os amigos, os filhos comentam tudo o que “rolou” na festa.

Mas não adianta muito estabelecer horário para voltar para casa, pois as festas de família começam cedo e terminam justamente na hora em que as festas sociais estão começando. Exigir que o filho volte para casa no mesmo horário em

que ele chegaria de uma festa familiar é um erro. Festas sociais começam a ficar animadas às onze e meia, meia-noite, e o auge é às duas da manhã. Não é o sono dos pais que deve reger o horário da volta dos filhos, mas o aproveitamento do evento.

Educar bem não é ser rígido quanto ao horário, mas ser firme o suficiente em uma posição para poder ser elástico no horário. A firmeza da posição é: vou pegar você, seja onde for.

Sabendo que os pais vão buscá-los, os filhos têm dentro de si uma responsabilidade maior de estar bem quando os pais chegarem, justamente o que estes querem: que os filhos desfrutem da liberdade sem abusar, com responsabilidade.

31. Como se comportar quanto a festas sem a presença de adultos?

Os filhos com idades cada vez mais precoces estão pressionando os pais para sair desacompanhados. Cabe aos pais experimentar sucessivas variáveis com dificuldades crescentes: mais tempo, mais longe, qualidade da festa. Um filho que nunca saiu precisa ser monitorado no início. À medida que for correspondendo, cumprindo os acordos feitos com os pais, sem cometer transgressões, conquista aos poucos mais liberdade de sair.

Enquanto os filhos dependerem dos pais para locomoção, é importante estes irem pegá-los na festa com seus amigos e entregá-los em domicílio. Na hora de sair, estar bonitinhos e bem-arrumados alimenta a vaidade. Na hora de voltar da festa é que normalmente não se sabe o estado em que o filho se encontra. Em turma, no carro, os adolescentes eufóricos ou cansados comentam a festa, aspectos que no dia seguinte ou sozinhos com os pais dificilmente abordariam. Se o motorista (pai ou mãe) estiver atento e participativo, se não se portar como um educador rígido e crítico, saberá realmente o que aconteceu durante o evento mesmo sem estar presente.

Levar os amigos do filho também é confortável. Na outra festa, quem pegará seu filho será o pai do amigo dele. Os pais de jovens tendem a ser

individualistas: querem cuidar do problema só do seu filho. No entanto, deveriam reunir-se mais vezes para cuidar um pouco do grupo. Atualmente, as meninas estão querendo ir sozinhas a festas muito cedo. Se uma consegue, passa a ser exigência das outras perante os respectivos pais, que, caso trocassem idéias, talvez não fossem submetidos a esse tipo de pressão. Por falta de informação ou por excesso de amor, um dos casais pode ceder e, assim, acabar por influenciar negativamente os filhos de todos os outros pais.

Atualmente, o cigarro está sendo consumido por púberes de dez, onze anos de idade. Não é só por curiosidade que começam a fumar, mas para parecer mais velhos e mais ousados, para ter mais *status* perante os companheiros e pessoas de outro sexo. Foi em festinhas assim que muitos adolescentes deram seus primeiros passos rumo ao tabagismo.

32. Como agir diante das bebidas alcoólicas?

A bebida deprime o superego, uma espécie de tribunal interior que avalia desejos, pensamentos e comportamentos antes de uma atitude ser tomada. Quanto mais rígido o tribunal, mais repressor ele é. Quando bebemos, nosso tribunal inteiro entra em recesso por inundação alcoólica. Liberamos assim nossos impulsos. O álcool provoca, ainda, elevação de pressão, taquicardia, aumento da circulação periférica e, portanto, confere sensação de euforia e de prazer. É uma ação relacional e social, porque dificilmente um jovem se embebeda sozinho em casa, a menos que já seja dependente do álcool.

Nos lares, atualmente, há mais bares que altares. Isso significa que todos nós temos que aprender a beber, porque ele (o álcool) está no meio de nós.

Quanto mais tarde o jovem começar a experimentar bebida alcoólica, tanto maior capacidade terá de administrá-la. O melhor é até evitar o uso do álcool se na família paterna ou materna existirem casos de alcoolismo, porque a doença, mesmo com tendência genética, só se desencadeia depois que se começa a beber.

Aprender a beber é a questão, porque ao desmanchar o tribunal a pessoa perde a autocrítica e também o controle sobre a bebida. Resultado: o jovem perde

a noção da quantidade ingerida. O excesso de álcool sempre trabalha contra a saúde. Se ele pode ser útil em pequenas doses, suportável pelo organismo, como dois copos de cerveja por dia, em altas doses é sempre prejudicial, porque deprime também o equilíbrio, os reflexos visual e motor, a noção de tempo e espaço. Por isso, bebida e direção não combinam.

Porém, quanto mais a pessoa beber, menos vai se lembrar desse aprendizado — e vai querer dirigir. A maior causa de morte entre adolescentes são acidentes de carro ocorridos nas madrugadas dos fins de semana. A maioria dos acidentes é provocada por jovens que dirigem alcoolizados.

Os pais, para poder transmitir aos filhos, precisam saber algumas coisas sobre o álcool:

- Faz a pessoa reagir a qualquer coisa que sinta como provocação ou invasão de território (vai tirar “satisfações” com quem quer que seja, e, se o outro tiver também bebido um pouco, já começam uma discussão e podem partir para a violência).
- Libera o animal violento que todo jovem tem dentro de si (é por isso que há tantas brigas entre jovens em lugares onde há bebida).
- Torna a pessoa mais ousada e impetuosa, o que pode provocar acidentes de carro, moto etc., bem como estimular o jovem a experimentar drogas, se nunca usou, ou a usá-las ainda mais, se já tem o hábito.
- **Libera o instinto de morte, despertando núcleos depressivos, o que contribui para a maioria dos suicídios juvenis.**
- Libera a sexualidade sem censura (estimula as “ficadas”, as intimidades sexuais, os abusos, e provoca a grande maioria dos estupros existentes entre jovens).

Os pais devem pedir aos filhos que não bebam mais que uma latinha de cerveja e que, se não conseguirem se controlar, nem comecem a beber.

33. E se o adolescente chegar em casa embriagado?

Depois que aconteceu, os pais têm de entender que, se o filho nunca havia

bebido antes, não há razão para pânico. Provavelmente, ele foi em busca do prazer do álcool e errou na medida. A ação do álcool é absoluta. Não existem indivíduos resistentes à bebida — o que pode variar um pouco é a capacidade de absorção. A quantidade que chega ao cérebro determinará o estado de embriaguez.

Em geral, o jovem planeja parar de beber quando começar a passar mal. Mas esse mal é consequência do álcool que já foi absorvido e que chegou ao cérebro. Como tem ainda mais álcool no tubo digestivo para ser absorvido, mesmo que pare de beber a tendência é piorar.

A partir daí temos que ficar atentos ao seu comportamento em relação à bebida. Pode ser que tenha aprendido a lição e nunca mais se embriague. Se a embriaguez se repetir, ele necessita de tratamento. Além disso, o filho deve ser monitorado no transporte e proibido de pegar o carro por várias festas até que fique comprovado que aprendeu a saborear a bebida em vez de se embriagar.

Quem está bem não precisa de bebida para se relacionar, e aquilo que uma pessoa imagina ganhar bebendo, perderá, mesmo quanto estiver sóbria.

34. Deve-se permitir que o filho guie sem habilitação?

Uma é a regra social, outra é a regra familiar. Se o adolescente sempre teve permissão de lavar o carro, tirá-lo da garagem e mexer no veículo para criar intimidade com ele, é praticamente impossível exigir que a lei seja obedecida. Ainda mais quando o pai atende ao pedido de ensiná-lo a dirigir. É como se estivesse autorizando o filho a fazer isso.

A lei dá noção de maioridade. Mas não é simplesmente a idade cronológica que garante a maturidade. Há certamente adultos imaturos que não deveriam dirigir e jovens em plenas condições de fazê-lo. De modo geral, as meninas de dezesseis anos já conseguem enfrentar o trânsito pelas próprias características de desenvolvimento. Um mesmo pai pode ter condutas distintas para filhos diferentes. Há filhos que podem dirigir, outros não. Aqueles muito ousados e egoístas não devem, porque o carro se transforma numa arma em suas mãos. Infelizmente, a lei os libera aos dezoito anos. Nesse ponto, é muito

benevolente: não avalia a maturidade emocional para dirigir.

Felizmente, o Código Brasileiro de Trânsito melhorou o suficiente para que os jovens e seus respectivos pais prestassem mais atenção à responsabilidade de ter um carro nas mãos. Com dezoito anos, após exame teórico e prático, o jovem consegue a Permissão para Dirigir. Depois de um ano sem infrações, consegue a Carteira de Habilitação. Mas pode ter a permissão suspensa ou cancelada conforme a gravidade das infrações, e só poderá obter a definitiva aos vinte e um anos de idade, quando chega à maioridade civil.

Muitos pais se valem da lei para proibir o filho. Significa que não têm autoridade familiar suficiente. Desde a infância, deve ser colocada a idéia de que dirigir é um ato de responsabilidade — e não um gesto de prazer —, para o qual são necessários três requisitos: condição psicológica, idade cronológica e entrar na faculdade (ou qualquer outro motivo de merecimento, no sentido de ser um presente). Mesmo responsável, se o filho não tiver idade, o pai não deve autorizar, porque uma das condições não foi preenchida.

35. O que acha de monitorar os adolescentes com telefones celulares?

Com os filhos saindo madrugada adentro, o telefone celular tornou-se um importante meio de comunicação, principalmente quando os filhos precisam falar com os pais numa situação de urgência. O controle dos pais, no entanto, é relativo, pois o celular pode sair do ar por qualquer motivo: dentro dos salões, desligado de propósito etc.

O mais importante, para os jovens, são os outros significados que ter um celular representa: *status*, conforto, autonomia de comunicação. Desse modo, eles não ficam totalmente soltos. A maioria dos que se embriagam e sofrem acidentes, pelo menos naquele momento, perdem o contato com algo saudável. O monitoramento a distância, até que o jovem conquiste a liberdade responsável, é interessante, porque não exige a presença física dos pais, mas garante a presença psicológica deles em sua vida.

¹ Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras. Se quiser outros títulos nos procure http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.

Currículo do autor

Filiação: Yuki Tiba e Kikue Tiba.

Nascimento: 15 de março de 1941, em Tapiraí, SP.

1968 — Formação: médico pela Faculdade de Medicina da USP.

1970 — Especialização: psiquiatra pelo Hospital das Clínicas da FMUSP.

1970-2005 — Psicoterapeuta de adolescentes e consultor de famílias em clínica particular.

1971-77 — Psiquiatra assistente no Departamento de Neuropsiquiatria do Hospital das Clínicas da FMUSP.

1975 — Especialização em Psicodrama pela Sociedade de Psicodrama de São Paulo.

1977 — Graduação: professor-supervisor de Psicodrama de Adolescentes pela Federação Brasileira de Psicodrama.

1977-78 — Presidente da Federação Brasileira de Psicodrama.

1977-92 — Professor de Psicodrama de Adolescentes no Instituto Sedes Sapientiae (Pontifícia Universidade Católica), em São Paulo.

1978 — Presidente do I Congresso Brasileiro de Psicodrama. **1987-89** — Colunista da TV Record no programa *A mulher dá o recado*.

1989-90 — Colunista da TV Bandeirantes no programa *Dia a dia*.

1991-94 — Coordenador do Grupo de Prevenção às Drogas do Colégio Bandeirantes.

1995-2004 — Membro da equipe técnica da Associação Parceria Contra as Drogas (APCD).

1997-2006 — Membro eleito do *Board of Directors* da International Association of Group Psychotherapy.

2000 — Apresentador do programa semanal *Caminhos da educação*, na Rede Vida de Televisão.

2001-02 — Radialista, com o programa semanal *Papo aberto com Tiba* na Rádio FM Mundial (95,7 megahertz).

2003-04 — Conselheiro do Instituto Nacional de Capacitação e Educação para o Trabalho “Via de Acesso”.

- Professor de diversos cursos e *workshops* no Brasil e no exterior.
- Frequentes participações em programas de televisão e rádio.
- Inúmeras entrevistas à imprensa escrita e falada, leiga e especializada.
- Patrono da Livraria Siciliano do Shopping Pátio Brasil (Brasília).
- Mais de **3.000 palestras** proferidas para empresas nacionais e multinacionais, escolas, associações, condomínios, instituições etc., no Brasil e no exterior.
- Mais de **5.330 páginas** no site de procura www.google.com.br
- Mais de 74 mil atendimentos psicoterápicos a adolescentes e suas famílias, em clínica particular.
- Criou a Teoria Integração Relacionais, na qual se baseiam suas consultas, *workshops*, palestras, livros e vídeos.

• Tem 15 livros publicados:

1. **Sexo e Adolescência**, Ed. Ática, 10ª. ed., 1985.
2. **Puberdade e Adolescência** — *Desenvolvimento Biopsicossocial*, Ed. Agora, 6ª. ed., 1986.
3. **Saiba Mais sobre Maconha e Jovens**, Ed. Agora. 6ª. ed., 1989.
4. **123 Respostas sobre Drogas**, Ed. Scipione, 3ª. ed., 6ª. impr., 1994.
5. **Adolescência, o Despertar do Sexo**, Ed. Gente, 17ª. ed., 1994.
6. **Seja Feliz, Meu Filho**, Ed. Gente, 20ª. ed., 1995.
7. **Abaixo a Irritação** — *Como Desarmar Esta Bomba-Relógio no Relacionamento Familiar*, Ed. Gente, 16ª. ed., 1995.
8. **Disciplina, limite na Medida Certa**, Ed. Gente, 69ª. ed., 1996.
9. **O(A) Executivo(a) & Sua Família** — *O Sucesso dos Pais Não Garante a*

Felicidade dos Filhos, Ed. Gente, 8^a. ed., 1998.

10. **Amor, Felicidade & Cia.**, Ed Gente, 7^a. ed., 1998.

11. **Ensinar Aprendendo** — *Como Superar os Desafios do Relacionamento Professor-Aluno em Tempos de Globalização*, Ed. Gente, 22^a. ed., 1998.

12. **Anjos Caídos** — *Como Prevenir e Eliminar as Drogas na Vida do Adolescente*, Ed. Gente, 30^a. ed., 1999.

13. **Obrigado, Minha Esposa**, Ed. Gente, 2^a. ed., 2001.

14. **Quem Ama, Educa!** Ed. Gente, 128^a. ed., 2002.

15. **Homem-Cobra, Mulher-Polvo** — Ed. Gente, 19^a. ed., 2004.

• Tem 4 livros adotados pelo MEC — Secretaria de Estado de Educação — Governo do Estado de S. Paulo — Programa de Melhoria e Expansão do Ensino Médio:

• **Quem Ama, Educa!**

• **Disciplina, limite na Medida Certa**

• **Seja Feliz, Meu Filho!**

• **Ensinar Aprendendo** — *Como Superar os Desafios do Relacionamento Professor-Aluno em Tempos de Globalização*

• Ao todo, seus livros já venderam mais de **1.000.000 de exemplares**.

• O livro **Quem Ama, Educa!**, com mais de 500.000 exemplares vendidos, foi o *best-seller* de 2003, segundo a revista *Veja*. Também está sendo editado em Portugal (Editora Pergaminho), Espanha (Editora Obelisco) e Itália (Editora Italia Nuova).

• Tem 12 vídeos educativos produzidos em 2001 em parceria com a Loyola Multimídia: 1. Adolescência // 2. Sexualidade na Adolescência // 3. Drogas // 4. Amizade // 5. Violência // 6. Educação na Infância // 7. Relação Pais e Filhos // 8. Disciplina e Educação // 9. Ensinar e Aprender // 10. Rebeldia e Onipotência Juvenil // 11. Escolha Profissional e Capacitação para a Vida // 12. Integração e Alfabetização Relacionais, cujas vendas atingem mais de **13.000 cópias**.

• Em pesquisa feita em março de 2004 pelo Ibope, a pedido do Conselho Federal

de Psicologia, o dr. Içami Tiba foi o 3º profissional mais admirado e usado como referência pelos psicólogos brasileiros, sendo Freud o primeiro e Gustav Jung o segundo. A seguir vêm Rogers, Lacan, M. Klein, Winnicott e outros. Publicada pelo *Psi Jornal de Psicologia*, CRP SP, número 141, jul./set. 2004.

CONTATO COM O AUTOR:

Fone/fax: (Oxx11) 3815-3059 e 3815-4460 E-mail: icami@tiba.com.br
Internet: <http://www.tiba.com.br>

Disciplina, **limite** na medida certa

IÇAMI TIBA

Descobrir o limite entre a liberdade e o autoritarismo na relação familiar não pode ser muito fácil, mas tampouco precisa ser um bicho-papão. O eterno conflito de gerações traz dúvidas sobre qual é a melhor maneira de educar os filhos sem torná-los egoístas ou dependentes. Com sua experiência incontestável, o psiquiatra Içami Tiba apresenta as dores e as delícias do convívio entre pais e filhos, mostrando como contornar muitas situações delicadas do dia-a-dia.

Surge agora uma nova versão, ampliada e atualizada, de uma obra que já é conhecida por muitos. O que era bom ficou ainda melhor. *Disciplina, limite na medida certa* é uma gostosa conversa sobre a criação de indivíduos conscientes e preparados para o futuro, que oferece a pais e educadores bons argumentos para frutificar o gratificante processo da educação.

Editora Gente

ISBN 85-7312-072-X



9 788573 120721